

OS MISTÉRIOS DE ENOLA HOLMES

— O Caso —
da Senhorita
Canhota



NANCY SPRINGER

novo século®





O caso da senhorita canhota



Nancy Springer



O caso da senhorita canhota



The case of the left-handed lady: an Enola Holmes Mystery
Copyright © 2007 by Nancy Springer
First Published in the United States of America by Philomel Books,
A division of Penguin Young Readers Group, 2007
This Sleuth edition published by Puffin Books,
A division of Penguin Young Readers Group, 2008
All rights reserved
Copyright © 2010 Novo Século Editora Ltda.

Produção Editorial: Novo Século
Capa: Rodrigo Valpassos
Tradução: Paulo Ferro Jr.
Preparação: Cátia de Almeida
Diagramação: Diego Cortez
Revisão: Ana Cristina Teixeira e Renata Del Nero
Diagramação para ebook: Janaína Salgueiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Springer, Nancy
O caso da senhorita canhota / Nancy Springer ;
tradução Paulo Ferro Jr.. -- Osasco, SP : Novo Século Editora, 2010.
Título original: The case of the left-handed lady
ISBN 978-85-767-9299-4
1. Ficção norte-americana I. Tí
09-13164 CDD-813

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura norte-americana 813

2010

Proibida a reprodução total ou parcial.
Os infratores serão processados na forma da lei.
Direitos exclusivos para a língua portuguesa cedidos à
Novo Século Editora Ltda.
Rua Aurora Soares Barbosa, 405 – 2º andar
Osasco – SP – CEP 06023-010
Tel. (11) 3699-7107
www.novoseculo.com.br
atendimento@novoseculo.com.br

Para minha mãe



Eu sabia que ia morrer...



Continuando minha caminhada, eu mesma tremia por causa do frio. E por causa do medo. Atenta.

A cantoria desajeitada e bêbada de alguns homens da rua próxima flutuava direto para meus ouvidos. Um bar ainda aberto? Eu imaginei se isso era permitido. Com certeza as autoridades...

Minha atenção se desviou e só notei uma presença atrás de mim quando já era muito tarde.

Um som baixinho, talvez o barulho do couro do sapato contra a lama congelada e as pedras esmagadas da rua; talvez o silvo de uma respiração maldosa. Exatamente quando abri minha boca para gritar, quando ia me virar, alguma coisa me segurou pelo pescoço.

Alguma coisa que eu não podia ver, atrás de mim.

Terrivelmente forte.

Segurando firme, apertado.

Não era humano. Algo – algum tipo de arma fina e longa – apertava agudamente o meu pescoço, e eu não conseguia pensar, e, menos ainda, pegar minha adaga. Minha única reação foi derrubar a lanterna quando ergui minhas mãos para segurar a coisa – seja lá o que fosse – que apertava meu pescoço, mas eu já começava a sentir falta de ar, meu corpo se agitava de dor, minha boca se abria em um grito sem voz, minha visão se tornava escura, e eu sabia que ia morrer.

Londres, janeiro de 1889

– Não estaríamos nesta situação deplorável – declarou o mais jovem e alto dos dois homens no pequeno salão do clube – se você não tivesse tentado metê-la em um colégio interno! – altíssimo e tão magro que quase chegava a ser esquelético, pisando o chão com suas botas negras, calças negras e fraque negro de cauda, ele mais parecia uma garça negra.

– Meu caro irmão – disse, confortavelmente sentado em uma enorme poltrona estofada de marroquim, o mais velho, um homem grande que levantou as sobrancelhas grossas como uma cerca viva –, tal comportamento amargo não condiz com sua personalidade – disse, placidamente, pois está em seu ambiente, em seu clube, mais especificamente em sua própria sala particular de reunião. Esperava ansiosamente por um excelente jantar de filé assado, enquanto continuava dizendo a seu jovem irmão num tom gentil: – Já que é inegável que a garota tola esteja, por conta própria, nesse imenso caldeirão de cidade e já deve ter sido roubada e destituída, ou pior, ferida em sua virtude, você não deve se deixar envolver emocionalmente no problema.

Como não? – o homem alto se volta para lhe lançar um olhar de falcão. – Ela é nossa irmã!

E a outra mulher desaparecida é nossa mãe... e quanto a isso? Você vai ficar xeretando como um vira-lata no canil para encontrá-la? Se você quer culpar alguém – completou o homem sentado, cruzando as mãos sobre sua larga barriga é para mamãe que deve direcionar sua ira. E como pessoa amante da lógica, enumera suas razões.

Foi sua mãe que deixou a menina crescer solta, vestindo calças largas, andando de bicicleta em vez de lhe fornecer instruções e educação apropriadas. Foi sua mãe que desperdiçou seus dias pintando flores enquanto nossa irmã se pendurava em árvores. E foi

sua mãe que deu sumiço no dinheiro que deveria pagar governanta, professor de dança, costureiras etc. para a jovem; e foi sua mãe que, para terminar, abandonou a garota.

No aniversário de quatorze anos dela – resmunga o homem magro.

Aniversário ou qualquer que fosse o dia, qual é a diferença? – reclama o irmão mais velho, que começa a ficar cansado do assunto. – A mamãe é quem abdicou da responsabilidade, até que chegou ao ponto da deserção e...

E então você impôs sua vontade sobre uma garota com o coração machucado, ordenando que ela deixasse o único mundo que conhecia e que ruía sob seus pés...

– A única maneira racional de transformá-la em alguma coisa parecida com uma jovem mulher decente! – interrompeu

o irmão mais velho com aspereza. Você, entre todas as pessoas, deveria ver a lógica...

– A lógica não é tudo...

– Certamente esta é a primeira vez que eu ouvi você dizer algo assim! – Já não estava mais plácido e confortável. O homem grande havia-se sentado para frente em sua poltrona e tinha suas botas, cobertas com polainas impecáveis, plantadas no chão de tábua. E exigiu saber:

– Por que você é tão... tão tomado por emoções, tão afetado? Por que localizar sua irmã rebelde e fugitiva é tão diferente de qualquer outro pequeno problema...

Porque ela é nossa irmã!

Tão mais jovem que você e que a viu somente duas vezes em sua vida. O mais alto, com cara de águia, continuava de pé impaciente.

Uma vez já teria sido o suficiente – sua voz rápida e afiada estava mais devagar e macia, mas ele não olhava para seu irmão; em vez disso, parecia olhar para além das paredes de carvalho da salinha do clube, para algum lugar (ou tempo) distante. E disse:

Ela faz com que me lembre de como eu era nessa idade, todo nariz e queixo, tolo, esquisito, simplesmente não me encaixava em nenhum...

Besteira! Não faz sentido! – de uma vez, o irmão mais velho colocou um ponto final em tal lenga-lenga. – Absurdo! Ela é uma mulher. Seu intelecto é inferior, ela precisa de proteção... não tem como comparar.

Franzindo a testa como um estadista, ele acalmou o tom de modo a recuperar o controle.

– Tal questionamento de eventos passados não serve a nenhum propósito útil, a única pergunta racional agora é: o que você propõe para a encontrarmos?

Com um aparente esforço de vontade, o homem alto tirou seus olhos cinzentos de sua vista distante e os focou em seu irmão. Depois de uma pausa, ele simplesmente disse:

Eu tenho um plano.

Não esperava menos. Poderia dividir seu plano comigo? Silêncio. Ajeitando-se na poltrona, o irmão mais velho abriu um sorriso fino.

– Você tem que manter sua cota de mistério, hein, Sherlock?

O irmão mais jovem, também conhecido como o grande detetive, encolheu os ombros, agora com modos tão frios como os do irmão mais velho.

– Não há utilidade nenhuma em lhe contar nada neste momento, meu caro Mycroft. Se eu precisar de sua assistência, fique tranquilo que o chamarei.

Então, qual é o motivo de sua visita esta noite?

Para dizer o que eu pensava de uma vez.

– Tem certeza que é seu pensamento falando, meu caro Sherlock? Para mim, parece que seu processo mental precisa de disciplina. Você deixou seus nervos tomarem conta de você. Parece exausto.

– Uma condição preferível, acho, a não parecer estar nem um pouco cansado – com um ar de despedida, Sherlock

Holmes pegou seu chapéu, suas luvas e sua bengala e, então, virou-se para a porta. – Boa noite, Mycroft.

– Meus desejos de sucesso para seu plano, meu caro Sherlock.
Boa noite.

Capítulo primeiro

Com um choque de perplexidade, li o cartão trazido para mim em uma bandeja de prata pelo pequeno entregador.

– Dr. John Watson M.D.

Falei o nome em voz alta para me assegurar de que estava vendo corretamente, pois não conseguia acreditar que ele, entre todas as pessoas, seria meu primeiro cliente a entrar no recém-aberto – janeiro de 1889 – e único escritório de Londres, e do mundo, de vidência científica.

Dr. John Watson? John é um nome bastante comum, mas Watson? E um médico? Tinha que ser, mas ainda assim eu não queria acreditar.

É quem estou pensando, Joddy?

Ah, como posso saber, senhora?

– Joddy, já te disse antes, você tem que se dirigir a mim como srta. Meshle. Senhorita Meshle – revirei os olhos. Mas o que eu podia esperar de um garoto cuja mãe deu o nome de Jodhpur (o escrivão escreveu Jodper errado na hora do registro) porque o nome, usado para nomear calças de montaria, soava-lhe gentil? Era o respeito que Joddy sentia por meu olhar sério e por minhas mangas largas que o fazia me chamar de “senhora”, mas ele não podia já que as pessoas começariam a fazer perguntas. Eu queria que meu jovem ajudante tivesse respeito, o que fazia com que ele não se desse conta de que eu era uma mera garota não muito mais velha do que ele, porém queria que ele parasse e desistisse do “senhora”.

Mais calmamente, lembrando-me de ficar atenta ao tom aristocrático de meu sotaque, perguntei a ele:

Você já disse ao cavalheiro que o dr. Ragostin não está?

Sim, senhora. Quer dizer, sim, srta. Meshle.

O escritório de vidência científica trazia o nome de um dr. Leslie T. Ragostin, porque um cientista tem que ser um homem. Mas “dr. Ragostin” nunca estaria no escritório, porque ele – o tipo de doutor com Ph.D. – não existe, exceto em minha cabeça, apesar das placas e dos cartões que eu coloquei em lojas, quiosques, bancas de frutas, salas de leitura e onde mais eu consegui colocar.

– Então convide o dr. Watson para entrar em minha sala, eu verei no que poderei lhe ser útil.

Joddy saiu correndo. Ele parecia mais inteligente do que era: todo “arrumadinho”, com fitas nos punhos das mangas e, descendo pela lateral das calças, luvas brancas, um chapéu listrado que mais parecia um bolo em miniatura em cima da cabeça – mas por que não? A maioria dos uniformes são mesmo absurdos.

No momento em que ele desapareceu pela porta, eu me afundei na cadeira de madeira atrás de minha mesa. Meus joelhos tremiam tanto que minhas anáguas de seda faziam barulho. Respirei fundo, fechei os olhos por um momento e tentei me lembrar do rosto de minha mãe. Junto a sua imagem, eu quase podia ouvir sua voz:

– Enola, você vai se sair muito bem sozinha.

Esse exercício mental teve o efeito desejado. Mais calma, eu abri os olhos a tempo de ver Joddy mostrando a entrada para o dr. Watson, na salinha que servia de sala de espera.

– Dr. Watson, sou a secretária do dr. Ragostin, srta. Ivy Meshle – disse, levantando-me e estendendo a mão para o visitante, vendo exatamente aquilo que esperava ver de seus escritos: um cavalheiro inglês parrudo, não muito rico, mas definitivamente pertencente à classe dos bem-educados; com um rosto vermelho, olhos bondosos e uma leve inclinação por causa de seu tamanho.

E eu tinha esperança de que ele me visse como eu queria que ele visse: uma jovem trabalhadora convencional com um broche de rosa centralizado na frente do vestido, usando brincos igualmente horríveis e, em geral, muito ornamentada com bijuterias baratas que

imitam coisas caras (tão absurdas quanto uniformes) e na moda. Uma garota normal, cujos belos cachos não são dela mesma, pois pertenceram, provavelmente, a uma caipira bávara. Mesmo respeitável, é uma jovem moça que não tem boas maneiras, cujo pai deve ter sido um artesão de selas ou um balconista de taverna. Uma garota mais preocupada em conseguir um marido. Isso pelos méritos do já mencionado broche, mais um belo colar, muitos laços e uns enfeites bem óbvios no cabelo. Se eu tivesse criado toda essa impressão, meu disfarce seria um sucesso.

– É um prazer conhecê-la, srta. Meshle – o dr. Watson já havia retirado o chapéu e, como é apropriado, esperou apertar minha mão antes de retirar as luvas e entregá-las, junto a sua bengala, ao garoto. – Por favor, sente-se – disse indicando uma das poltronas. – Temos que andar muito bem aquecidos. Está terrivelmente frio lá fora, não é?

– Pavorosamente. Nunca vi o Tâmis tão congelado, dá para patinar em cima dele – enquanto falava, ele esfregava as mãos e as estendia na direção do fogo. Apesar dos esforços, a sala não estava aquecida o suficiente e, por isso, pedi ao visitante que se sentasse em nossa confortável poltrona estofada. De alguma forma, o frio e a umidade não me incomodavam tanto antes de vir para Londres, onde eu já havia visto um mendigo – ou os restos humanos de uma pessoa – congelado na rua. Ajeitando-me na desconfortável cadeira de madeira atrás da mesa, apertei mais o xale em cima dos ombros, esfreguei minhas mãos – apesar das luvas de tricô quão cobriam meus dedos – e peguei um lápis e o caderno de anotações.

– Sinto muito, dr. Watson, que dr. Ragostin tenha saído. Tenho certeza de que ele ficaria muito feliz em conhecê-lo. Você é o mesmo dr. Watson que é sócio de Sherlock Holmes, não é?

– Sou eu – educado, na verdade bem humilde, ele virou o rosto para mim enquanto falava. – E é em nome do sr. Sherlock Holmes que eu estou aqui.

Meu coração começou a bater tão forte que tive medo de que meu visitante escutasse. Eu não podia mais me perguntar qual foi o

feliz – ou infeliz – acidente que trouxe esse conhecido homem até aqui.

Aqui, para se consultar com o único profissional do mundo que encontra coisas, e pessoas, perdidas.

Mas eu tentei soar apenas educada, com o sotaque certo da classe média, com a pitada certa de eficiência e servilismo.

– É mesmo? – falei fingindo que tomava notas, e perguntei – Qual é a natureza do problema do sr. Holmes?

– Tenho certeza de que você entenderá, srta. Meshle, que eu prefiro esperar e falar em particular com o dr. Ragostin. Eu sorri.

E tenho certeza de que você entenderá, dr. Watson, que eu fui encarregada de lidar com as preliminares, conservando, assim, o valioso tempo do dr. Ragostin. Eu sou uma agente autorizada pelo dr. Leslie Ragostin, mas não para agir, claro... emendei essa nota para aliviar sua natural desconfiança nas mulheres. – Mas normalmente eu sirvo de olhos e ouvidos para ele, assim como você faz para o sr. Sherlock Holmes – completei elogiando-o, mas tentando não soar assim.

Tentando não mostrar o quanto eu implorava: Por favor. Por favor, eu tenho que saber se eu adivinhei corretamente o motivo que lhe trouxe aqui.

– Hum, sim – disse dr. Watson, incerto. – Realmente.

Ele realmente tinha olhos gentis, ainda mais quando estava preocupado.

– Mas não tenho certeza, pois o assunto é bem delicado, sabe. Holmes não sabe sobre esta visita.

Mas meu irmão não havia mandado ele aqui? Meu coração se acalmou de alguma forma, mas começou a doer. E estupidamente eu disse ao dr. Watson:

– O senhor pode contar com minha mais completa discrição.

Certamente. Claro – e assim, como se de alguma forma a diminuição de meu interesse o houvesse induzido, uma alma

preocupada a se aliviar para mim, ele segurou os braços da poltrona e começou sua narração.

Sem dúvida, sabe que trabalhei por muitos anos com o sr. Sherlock Holmes no começo de sua impressionante carreira, mas como agora sou casado e pratico a medicina, eu o vejo me-nos do que antes. Mas não pude deixar de notar, entretanto, que desde o verão passado me parece um pouco atormentado e, no passar dos últimos meses, certamente transtornado; tanto que ele não vem se alimentando apropriadamente, não tem dormido, e eu estou preocupado com ele não apenas como amigo, mas como médico. Ele vem perdendo peso, sua cor não está muito saudável e tem-se tornado ainda mais melancólico e irritável.

Muito ocupada anotando tudo isso para o “dr. Ragostin”, eu podia ficar com a cabeça abaixada por cima da mesa e assim o dr. Watson não conseguiria ver meu rosto. Uma coisa boa, pois tenho certeza de que meu desalento se mostraria visível. As lágrimas se formaram em meus olhos. Meu irmão, modelo a ser seguido de mente fria e lógica, transtornado? Incapaz de comer ou dormir? Eu não tinha ideia de que ele era capaz de sentir uma tristeza tão funda. Ainda mais por minha causa.

O dr. Watson continuou.

– Apesar de minhas repetidas indagações a respeito do que o incomoda, ele nega estar passando por qualquer dificuldade. Ontem, quando eu insisti em questioná-lo, ele mudou seu temperamento, saindo totalmente de seu usual autocontrole, tornando-se, de fato, tão irracional que eu senti que deveria tomar alguma providência, quer ele goste ou não, para seu próprio bem. Portanto, procurei o irmão dele, o sr. Mycroft Holmes...

Percebi que Ivy Meshle não devia saber nada sobre o irmão de Sherlock Holmes. Portanto, eu o interrompi:

– Como se soletra o nome dele, por favor?

É um nome bem esquisito, não é? – Watson soletrou para mim, passou-me o endereço de Mycroft em Londres, e então continuou.

Depois de alguma hesitação, Mycroft Holmes me explicou que ele e Sherlock Holmes tiveram o azar de serem incapazes de encontrar a mãe deles. E não foi apenas a mãe que sumiu sem deixar rastro, mas também a irmã mais nova. Dois membros da família, a única família que lhes restou, na verdade, haviam sumido.

Que terrível – murmurei mantendo os olhos abaixados. Eu já não me sentia inclinada a chorar, em vez disso, eu queria sorrir. Na verdade, eu queria levantar o nariz para o meu sempre-irmão-mais-velho Mycroft que queria me transformar em uma joventinha afetada. Achei bem difícil manter uma expressão completamente concentrada enquanto interpretava o papel de alguém que não sabia nada desse assunto.

– Sequestro? Dr. Watson balançou a cabeça.

– Não houve nenhum pedido de resgate. Não, elas fugiram.

– Chocante – lembrei-me de me manter ignorante. – Elas fugiram juntas?

– Não! Separadamente. A mãe sumiu no último verão, e a garota fugiu seis semanas depois, pois seria mandada para o colégio interno. Ela se foi sozinha. E acredito que esse é o motivo de Holmes ter tomado o assunto de maneira tão emocional. Se a garota estivesse com a mãe, sabe, ele não aprovaria, mas saberia que sua irmã está a salvo. Entretanto, parece que a garota, que ainda é apenas uma criança, viajou totalmente sozinha para Londres!

– Uma criança, você disse?

– Meros quatorze anos de idade. Mycroft Holmes me disse que ele e seu irmão têm razões para acreditar que a garota tem acesso a uma quantia considerável de dinheiro... Eu endureci, sentindo uma punhalada de ansiedade: por qual motivo na terra eles achavam isso?

– ... e eles temem que ela esteja disfarçando-se como um jovem cavalheiro desocupado...

Eu relaxei, pois nada podia ser menos verdade. Eu esperava nunca ter que chegar ao clichê teatral de me disfarçar de homem.

Apesar de que não me limitava a ser apenas Ivy Meshle.

– ... e assim pode estar expondo-se a influências decadentes – dr. Watson dizia – e se pode ver presa a uma vida de pouca reputação.

Pouca reputação? Eu não tinha a mais vaga noção do que ele estava falando, mas era meu dever anotar tudo.

– Os senhores Mycroft Holmes e Sherlock Holmes têm algum motivo para pensar isso? – perguntei.

– Sim. A mãe era, ou é, uma das sufragistas mais determinadas, e a garota por si própria tem, infelizmente, maneiras muito pouco femininas, pelo que parece.

– De fato, muito triste – disse falsamente, olhando para ele com a cabeça ainda abaixada, abanei os cílios postiços e sorri discretamente com os lábios pintados. Na verdade, ha-via usado um toque de uma substância de reputação duvidosa chamada *rouge* sobre todo o rosto para mudar sua cor, daquele tom aristocrático para um mais rosado, mais caloroso e mais comum.

– Você pode fornecer ao dr. Ragostin uma foto da garota?

– Não. Tampouco da mulher. Pelo que parece as duas sempre evitaram ser fotografadas.

– Mas por quê?

Ele suspirou, e sua expressão facial se tornou, pela primeira vez, um pouco menos bondosa.

– Como parte dos planos delas de agirem de modo contrário ao que reza as leis da natureza feminina, eu suponho.

–Você pode me dar os nomes,por favor,e descrever como elas são?

Ele soletrou os nomes para mim: senhora Eudoria Vernet Holmes, senhorita Enola Holmes (mamãe havia mostrado certa premonição quando me deu o nome de Enola, que ao contrário se lê *alone*, palavra inglesa para sozinha).

O dr. Watson disse:

– Pelo que me falaram, a garota é a mais marcante das duas. Bem alta e magra...

Eu estava tentando ganhar peso, mas até agora as tentativas haviam sido em vão, graças às sopas de cabeça de peixe e ensopados de cabeça de carneiro servidos por minha avarenta senhoria.

– ... com um rosto comprido e marcante, por assim dizer, e um tanto quanto cicerônicos nariz e queixo... Que modo delicado de dizer que eu parecia totalmente com meu irmão Sherlock. E tendo falhado em me fazer mais gordinha, eu mantinha dentro de cada bochecha um par de dispositivos de borracha cuja intenção era encher outras partes não mencionáveis das pessoas. Eles, junto às inserções nas narinas, mudavam bastante o formato de meu rosto.

– ... e com um perfil bem magro, faltando até algum char-me feminino – continuou dr. Watson. – Ela sempre demonstrou uma preferência por roupas masculinas e atividades de garotos, anda sempre com uma calça de caminhada masculina e, juntando tudo isso, logo estará totalmente perdida nesta sociedade decadente se não for encontrada com rapidez.

– E a mãe? – perguntei, de modo a mudar de assunto antes que não conseguisse mais segurar o riso.

– Sessenta e quatro anos de idade, mas com aparência consideravelmente mais nova. Fisicamente não tem nada de diferente, mas, em temperamento, tem um pensamento forte e é obstinada. Uma artista talentosa que, infelizmente, voltou suas energias para a causa dos “assim chamados” direitos da mulher.

– Oh. Ela deseja usar calças? Ele sorriu de meu aparente escárnio por tais reformas.

–
Quase isso. Ela é a favor das “assim chamadas” vestimentas racionais. –
Enão há nenhuma indicação de onde elas podem ser encontradas?

– Nenhuma. Mas, como eu dissera, acreditamos que a garota esteja em Londres. Coloquei meu lápis sobre a mesa para encará-lo.

– Muito bem, dr. Watson, informarei o dr. Ragostin sobre esses particulares. Mas devo lhe avisar que é improvável que ele pegue o caso – meu primeiro caso era uma situação impossível: encontrar eu mesma? Eu não poderia sequer pensar em tocar nele.

– E por que não? E eu já tinha pensado na resposta.

– Porque ele não se interessa em lidar com intermediários. Ele perguntará por que o sr. Sherlock Holmes não veio pessoalmente... O dr. Watson me interrompeu acaloradamente, apesar de seus sentimentos não serem direcionados a mim.

– Porque Holmes é muito reservado, muito orgulhoso. Se ele sequer me contou a razão de suas aflições, você acha que ele iria sair divulgando-as a um estranho?

– Mas um colega investigador – eu observei suavemente.

– Pior ainda. Ele se consideraria humilhado na presença de... – e, abruptamente, dr. Watson quebrou a frase e perguntou

– Por falar nisso, todos estão-se perguntando quem é este dr. Ragostin? Perdão, srta., hum...

– Meshle – pegue o nome Holmes, inverta suas sílabas – Mes hol – e então solete como se pronuncia: Meshle; absurdamente simples. Mesmo assim, ele nunca adivinharia. Ninguém adivinharia.

– Srta. Meshle. Não quero ofender, mas eu andei perguntando e ninguém ouviu falar do dr. Ragostin. Eu vim aqui apenas porque ele anuncia ser especialista em encontrar pessoas que estão desaparecidas...

Qualquer coisa que esteja desaparecida – eu interpus.

Mas não encontrei ninguém que ateste por ele.

– Porque ele está começando, assim como seu amigo há algum tempo. Dr. Ragostin ainda precisa construir seu nome. Mas você ficará interessado em saber que ele é estudante entusiasmado dos métodos do sr. Sherlock Holmes.

– Verdade? – o dr. Watson pareceu ter amolecido.

– Sim. Ele idolatra o sr. Holmes e ficará muito surpreso em saber que seu herói foi incapaz de localizar a mãe e a irmã desaparecidas.

Sentando-se para frente, como se sua poltrona houvesse, de repente, ficado desconfortável, dr. Watson limpou a garganta.

– Eu suponho – ele disse bem devagar – que deve ser porque, normalmente, Holmes não se interessa por casos como este. Ele acha que são lugares comuns e desinteressantes, e geralmente nem olha para eles. Porque ontem mesmo – Watson incluiu –, quando eu estava indo ver Holmes, estavam saindo de lá Sir Eustace Alistair e Lady Alistair, que foram implorar para que ele investigasse o paradeiro de sua filha, e ele os mandou embora com uma pulga atrás da orelha.

Eu ignorei a possibilidade de haver apenas uma pulga para a orelha de duas pessoas, porque minha atenção estava tomada pela essência do assunto.

Sir Eustace Alistair? A filha dele está desaparecida? Mas eu não vi nada nos jornais...

Eles temem que a garota tenha fugido com algum tipo de sedutor.

Eu tinha que investigar esse caso. Eu sabia que dr. Watson não me contaria mais, pois ele achava que já tinha falado demais, mas foi ele quem havia trazido meu primeiro caso, afinal. Eu encontraria a filha desaparecida do baronete.

Não parecendo tão feliz, dr. Watson se levantou; a entrevista havia chegado ao fim. Alcançando a cordinha da sineta, toquei-a para chamar Joddy, que o acompanharia até a saída.

Eu desejo encontrar o dr. Ragostin pessoalmente – disse-me dr. Watson – antes que ele tome qualquer decisão.

É claro. Qual seu endereço? Dr. Ragostin entrará em contato assim que analisar minhas anotações – eu menti. Após copiar o endereço, eu me levantei para ver meu visitante saindo pela porta.

E depois que ele saiu, sentei-me na poltrona que ele havia desocupado, perto do fogo e, paradoxalmente, comecei a tremer.



Capítulo segundo



Comecei a tremer de medo.

De meu irmão Sherlock, que eu adorava.

Ele era meu herói. Ele era meu oponente. Eu chegava bem perto de venerá-lo. Mas se ele me descobrisse, perderia minha liberdade para sempre.

Mais ainda – ele estava atormentado por minha causa?

Eu já não podia mais me convencer de não lhe ter causado nenhum mal a não ser para seu orgulho.

Mas o que fazer? Se eu desse para Sherlock Holmes uma pequena dica de que estava bem, ele a usaria de alguma forma para me encurralar.

E também tinha que pensar em mamãe. Quanto tempo mais ela tinha para aproveitar sua liberdade e felicidade, longe das restrições da propriedade e “do lugar de uma mulher”, antes que ela partisse desta vida? Em que apenas aos homens é permitido algum orgulho.

Meu outro irmão, Mycroft, tomou brevemente meus pensamentos; eu não ligava para como havia ferido seu orgulho. Apesar de ser tão inteligente quanto Sherlock, na outra noite ele mais se parecia com uma batata assada abandonada, fria e inerte. Ele não se importava tanto comigo a ponto de tentar me encontrar.

Mas havia outra coisa a ser considerada: Por que Mycroft teve dificuldades em contar sobre mim para Watson?

E se tudo isso fosse uma mentira? E se a visita de dr. Watson fosse uma artimanha, e o próprio Sherlock houvesse mandado seu amigo vir me espionar?

Não faz sentido. Meu irmão não podia saber...

Mas, no entanto, ele sabia algo que não tinha como saber: sabia que eu tinha dinheiro. E talvez ele tenha notado que o dr. Ragostin havia ficado com o escritório que pertencia à tal “vidente astral” que eu, Enola Holmes, ajudei a mandar para a prisão. E se Sherlock Holmes percebeu a conexão?

Improvável, concluí, depois de considerar essa possibilidade em minha mente. Mais provável que, se Sherlock Holmes pessoalmente mandou o dr. Watson para espionar, foi mais por curiosidade, para avaliar se o “Vidente Científico” poderia competir com ele como detetive.

Em todo caso, poderia não ser verdade que meu irmão está sofrendo?

Mas eu pude perceber nos olhos do dr. Watson que essa preocupação era genuína.

Maldição, como eu deveria saber o que fazer com essa questão de família? As levitações espirituais me pareciam um mistério bem menor.

Eu desejava poder conversar com mamãe. Entretanto, não a vejo desde o fatídico dia, em julho passado, em que ela partiu inesperadamente. Na verdade, não sabia exatamente onde ela estava. Eu só mantinha contato com ela por meio da coluna de anúncios pessoais da *Gazeta Pall Mall* (seu jornal favorito, muito mais avançado culturalmente do que o *Times*), da *Modern Womanhood*, do *Journal of Personal Rights*, e de algumas outras publicações, usando criptografias ou códigos. Por exemplo, quando achei que ela estava andando com os ciganos, coloquei o seguinte anúncio:

Meu Crisântemo: a décima primeira letra do amor verdadeiro, a quarta letra da pureza, a quarta letra da inocência, a primeira letra dos pensamentos, a quarta letra da partida e a segunda letra da fidelidade. Correto? Ivy

Crisântemo havia-se tornado nossa senha para “mamãe” e a mensagem em si se referia simplesmente a outras flores que estão em *O significado das flores*, um livro de referências que mamãe

havia-me dado, cujo simbolismo é mais conhecido pelas pessoas que trocam cumprimentos florais. Em meu anúncio pessoal – um buquê inverso por assim dizer – amor verdadeiro no lugar de não-te-esqueças-de-mim (miosótis), pureza no lugar de lírios, e assim por diante, incluindo margarida, amor-perfeito, anêmona e hera. A décima primeira letra de não-te -esqueças-de-mim é C, a quarta letra de lírio é I etc., até formar Cigana.

Em uma semana, mamãe respondeu, com um código de flores similar: “Sim. Onde você está?”

Respondi do mesmo jeito: “Londres”.

Essa foi a extensão de nossa comunicação. Eu queria muito ver minha mãe, mas ainda hesito por conta de meus sentimentos por ela, nem todos muito bons.

E nem todos muito certos, também. Entretanto, gostaria de localizá-la em meu próprio tempo e sob meus próprios termos.

Mas agora, com as tais notícias tristes sobre Sherlock... eu decidi que era necessário ser assim, tinha que colocar minhas próprias restrições de lado.

Eu queria conversar com mamãe. Eu precisava conversar com mamãe.

Mas tinha que contatá-la de um jeito mais cuidadoso.

Esperei até chegar em casa, longe de Joddy e dos outros empregados.

Embora eu pudesse ter-me refugiado nos confortáveis andares superiores do edifício gótico onde ficava o escritório do dr. Ragostin, achei mais seguro não ficar lá. Além disso, o “dr. Ragostin” alugou aqueles quartos para vários boêmios – o que ajudava a estabilizar minhas finanças –, enquanto eu encontrei um quarto bem humilde no distrito leste, onde meu irmão nunca me procuraria, pois ele jamais pensaria que sua irmã iria se aventurar em tais cortiços. Em minha residência decadente, uma casa decrépita enfiada entre dois edifícios com cor de fuligem, eu era a única inquilina. A senhoria,

uma doce e velha viúva chamada sra. Tupper, era surda e, por sorte, para que ela ouvisse alguma coisa, nós tínhamos que gritar na corneta acústica que ela segurava perto do ouvido. Portanto, ela não me fazia muitas perguntas. A única empregada era uma garota que trabalhava apenas durante o dia, e que nunca vi. Em todos os aspectos, aquele era o lugar ideal para se manter em segredo.

Entretanto, eu esperei até anoitecer, quando, segura em meu modesto quarto, confortavelmente liberada de meu corpete, do sutiã, dos babados, do cabelo falso e das inserções faciais de Ivy Meshle, relaxei perto do fogo vestindo um roupão, com meus pés para cima e enfiados em uma meia grossa para mantê-los longe das brisas geladas que passavam pelas frestas do assoalho.

Puxei uma vela para perto e comecei a compor uma criptografia para mamãe.

QUATRO CORNISOS DUAS ÍRIS TRÊS VIOLETAS E FLOR DE MACIEIRA QUANTAS SÃO?

Eu decidi que essa mensagem tinha de ser diferente e mais difícil do que as anteriores. Como meu irmão Sherlock sabia que eu tinha dinheiro? Isso me deixava muito preocupada. Já que ele sabia tanto, será que, de alguma forma, tinha decifrado uma das antigas mensagens nas “colunas agônicas” da *Gazeta Pall Mall* e as atribuído a mamãe e a mim?

Eu peguei o que havia escrito até agora e quebrei em grupos de três letras:

QUA TRO COR NIS OSD UAS ÍRI STR ESV IOL ETA SEF LOR DEM ACI EIR AQU ANT ASS AO?

Não mencionei o nome Ivy por precaução, mas esperava que, mesmo assim, mamãe reconhecesse a criptografia como sendo minha pelo código das flores. Íris simboliza uma mensagem.

Mas também – eu esperava fervorosamente que mamãe compreendesse como o código havia mudado desta vez – uma íris é

única por ter três pétalas grandes em cima e três embaixo, um corniso também é único por ter quatro pétalas, a violeta e a flor de macieira têm cinco pétalas. Eu havia mencionado a violeta porque ela representa a lealdade. Já a flor de macieira é porque, às vezes, quando eu era pequena, minha mãe cortava uma maçã ao meio para me mostrar a estrela de cinco pontas que havia no meio dela, e me explicava como a maçã e suas sementes nasciam de uma flor com cinco pétalas.

Após quebrar a mensagem, eu a inverti:

**AO? ASS ANT AQU EIR ACI DEM LOR SEF ETA
IOL ESV STR IRI UAS OSD NIS COR TRO QUA**

Franzindo a testa, eu notei o ponto de interrogação. Ele fazia com que a criptografia ficasse mais fácil de ser resolvida. Então eu o troquei pela letra que mamãe chamaria de “nula”:

**AOX ASS ANT AQU EIR ACI DEM LOR SEF ETA
IOL ESV STR IRI UAS OSD NIS COR TRO QUA**

Aí estava. Eu imaginei que mamãe resolveria isso fácil, já que não era como a primeira criptografia que ela havia-me surpreendido. Mas era apenas uma preliminar para fazer mamãe pensar no número cinco.

Assim, eu esperava que ela entendesse que alguém podia pegar o alfabeto e dividir em cinco partes:

**ABCDE
FGHIJ
KLMNO
PQRST
UVWXYZ**

E cada parte tinha cinco letras, exceto a última; mas a letra Z é usada tão raramente que tem o mesmo peso que o Y.

Então, eu escrevi a minha mensagem de verdade para mamãe. PONTE DE LONDRES CAINDO PRECISO FALAR URGENTE, e a criptografei desta forma:

P está no quarto grupo ou linha de letras e é a primeira letra do grupo: 41. O está na terceira linha e é a quinta letra: 35.

E assim por diante.

**4135344515 1415 32353414431544 131124341435
41431513244435 2111321143 51432215344515**

Eu pensei em agrupar todos os números juntos e deixar que mamãe separasse as letras depois, mas decidi deixar como estava. Ela já teria dificuldade o suficiente decifrando a criptografia (terceira letra da segunda linha, ou segunda letra da terceira linha?) e decodificando a referência à música *London bridge is falling down*, que significava que eu estava com problemas e onde gostaria de falar com ela.

A mensagem final ficou:

**AOX ASS ANT AQU EIR ACI DEM LOR SEF ETA
IOL ESV STR IRI UAS OSD NIS COR TRO QUA
4135344515 1415 32353414431544 131124341435
41431513244435 2111321143 51432215344515**

Eu a copieei várias vezes para enviá-la a diversas publicações, verificando três vezes cada cópia para ter certeza de que estavam exatamente iguais, antes de dobrar as duas pontas dos papéis até o centro e fixá-las com cera – do tipo comum, cera de vela, já que eu não tinha cera colorida para selar. Depois de endereçar o lado em branco dos papéis, eu os deixei de lado.

Amanhã eu os levarei até a Fleet Street. E até que mamãe responda, não haverá nada para fazer a não ser esperar.

Eu detesto esperar.

Com relação à filha de Sir Eustace Alistair, novamente teria de esperar. Eu não podia ir atrás desse assunto até amanhã.

Mas tinha que fazer alguma coisa antes de conseguir dormir.

Então, levantei-me da poltrona confortável, perto do fogo, e comecei a me vestir. Novamente. Mas um pouco diferente desta vez. Em vez das vestimentas de uma moça, eu coloquei uma roupa íntima de flanela que me aquecia dos pulsos até os tornozelos. E depois vesti um velho corpete que uma vez me salvou de ser apunhalada por uma faca, amarrando-o o suficiente apenas para que ficasse firme já que eu não o vestia por vaidade, mas sim por defesa. E também para me armar. Onde havia uma preparação de aço que fazia a frente do corpete ficar rígida como uma tora, eu coloquei uma adaga dentro da dobra do linho pesadamente engomado. Essa arma – de dois gumes, muito bem afiados – eu podia alcançar através de um bolso na frente do vestido que agora eu vestia: um vestido negro muito simples que eu mesma havia costurado, com a esperança de que fosse visto como o hábito de uma freira. Eu fechei meu colarinho alto, revestido com cartilagem de baleia para frustrar os cortadores de pescoço. Sobre meias grossas, vesti minhas velhas botas pretas. Finalmente, arrumei o véu negro para cobrir minha cabeça e meu rosto.

Essa era a vestimenta de minha vida noturna.



Capítulo terceiro



Suavemente deslizei para fora do meu quarto. Como era de costume, a sra. Tupper havia-se retirado mais cedo para o seu aposento, onde, mesmo que ainda estivesse acordada, a pobre alma surda não conseguiria de jeito nenhum ouvir meus passos cuidadosos ao sair. Como guardava meu hábito escondido dentro da estrutura da cama, tinha certeza de que a sra. Tupper não fazia ideia que uma segunda pessoa, por assim dizer, uma irmã de caridade um tanto sombria e noturna estava morando em seu simples quarto, com uma educada e boazinha secretária, a srta. Ivy Meshle.

Eu tinha que sentir meu caminho pela escuridão da escada, pois é claro que nesta lamentável casa, quase uma choupana, não havia instalação de gás. Tateando para encontrar o buraco da fechadura no escuro, destranquei a porta da frente com minha chave, saí, tranquei novamente a porta atrás de mim, e então me distanciei, andando o mais rápido possível para diminuir as chances de o vigia noturno descobrir onde eu morava.

Ao acaso, eu escolhia uma rota diferente da noite anterior, ou da noite anterior a esta, e andava a passos largos pelas vielas escuras e estreitas, mal iluminadas pelas lâmpadas de gás da rua. Não é para o distrito leste ter as carruagens iluminadas e os candelabros dos bem-nascidos, nem mesmo as novíssimas instalações elétricas dos mais ricos. Aqui, as luzes fracas e bruxuleantes flutuavam e quase afundavam em um mar de sujeira marrom; Londres rastejava frígida de seu próprio jeito estranho e chocante. Aqui, a friagem da meia-noite era feita de pó de chaminé, vapor de carvão, fumaça de lenha e ares doentes que surgiam do Tâmis; que estava tão gelado a ponto de congelar, mas nunca congelava, sempre ensopando as

roupas e os ossos de todos. Esse clima tão frio e pesado havia mandado todos para dentro de suas casas, pelo menos aqueles que tinham algum lugar onde se refugiar. Até mesmo nas escadarias das pensões havia vagabundos dormindo. Pobres diabos que não tinham nada para queimar e se aquecer a não ser os pequenos gravetos roubados dos lixos dos estábulos; talvez sequer sobrevivessem para ver o amanhecer.

Quando achei que já estava bem longe de onde morava, entrei em um beco escuro entre duas casas e acendi uma lamparina a óleo que havia trazido comigo. Já endurecidos pelo frio, meus dedos mal conseguiam segurar o fósforo.

Alguns poderiam imaginar por que uma jovem moça de família estaria fora de casa em tais circunstâncias. Eu mesma nunca entendi completamente porque me sentia compelida a vagar pela noite. Talvez fosse um pouco monomaníaca, sempre levada a buscar aventuras, a procurar, a encontrar. Descobrir, encontrar coisas, pessoas; e esta noite, alguém pode estar precisando de ajuda para sobreviver.

Dentro de meu hábito e por cima do pesado manto sobre ele, eu havia costurado vários bolsos fundos e os enchido de itens que talvez precisasse: tocos de vela e fósforos de madeira, dinheiro e moedas, meias, tocas e luvas de tricô, maçãs, biscoitos, uma garrafinha de conhaque. Eu carregava um cobertor feito em casa sobre um dos braços e, na outra mão, segurava a lamparina.

Vestindo luvas de lã felpudas, mantive a luz alta e comecei a vasculhar o caminho à minha frente e às minhas costas, alerta a qualquer tipo de perigo, a qualquer som de briga, gritos, ou passos atrás de mim.

Eu também tentava ouvir o som de alguém chorando.

E não demorou até que eu ouvi.

Um baixo, fraco e soluçante choro. Reflexivo, como se a pessoa houvesse desistido e estivesse chorando apenas para respirar. Guiada por aquele lamento, pois minha lanterna me mostrava apenas alguns passos adiante da rua de pedras e depois tudo era

neblina negra, encontrei uma velha mulher agachada na entrada de uma casa, tentando se aquecer com um xale que só cobria sua cabeça e seus ombros.

Enquanto eu me aproximava, ela ouvia meus passos e tentava abafar seu choro com suas mãos, com medo. Então ela soluçou alto novamente, dessa vez aliviada, quando me reconheceu. Muitas daquelas pessoas já me conheciam.

– Irmã – sussurrou –, irmã das ruas. Um braço fino se estendeu em minha direção. Muda, pois a irmã nunca falava ou emitia qualquer som, eu me abaixei em sua direção – como uma grande galinha negra em seu pintinho, eu suponho –, cobrindo-a com o cobertor que havia trazido. Algo simples, costurado com retalhos de roupas velhas, pois qualquer cobertor de melhor qualidade seria roubado daqueles que mais precisam.

O rosto dessa mulher, iluminado pela lanterna, talvez não fosse tão velho no fim das contas, apenas era marcado pela dureza, seu corpo raquítico golpeado pela fome e pela fraqueza. Se-ria ela uma viúva ou uma solteirona expulsa de um alojamento por falta de oito centavos, ou talvez tivesse sido atirada naquela noite pelas explosões de um marido bêbado? Eu nunca saberia. Vesti as meias grossas de lã em seus pés descalços e tirei de um de meus bolsos um item que eu acreditava ter inventado: uma latinha de tamanho considerável bem cheia até a boca com chumaços de papel, onde eu havia despejado parafina. Acendi um palito de fósforo e o coloquei no topo, acendendo assim uma fogueira portátil que pus na entrada, ao lado dela, e que começou a queimar, tremeluzindo, como uma enorme vela, e soltando um pouco de calor. Duraria apenas uma hora e pouco, mas era o suficiente para ela se aquecer. Escondida o suficiente, eu esperava, para que não atraísse nenhuma companhia indesejável.

Eu dei a ela uma maçã, alguns biscoitos e uma torta de carne que havia comprado em uma padaria, não de um vendedor de rua; portanto, deveria ter uma boa quantidade de carne não misturada com carne de cachorro ou gato.

– Muito obrigada, irmã – a mulher não conseguia parar de chorar, mas ela conseguiria, acho, depois que eu fosse embora. Rapidamente lhe entreguei algumas moedas, o suficiente para comprar comida e conseguir abrigo por alguns dias, e também o bastante para que ela fosse morta por causa dele. Eu então, levantei-me e virei-me, esperando que ela entendesse que não havia mais nada que eu pudesse fazer por ela.

– Irmã das ruas, Deus lhe abençoe! – ela gritou para mim.

Sua gratidão fazia com que me sentisse uma fraude, uma farsa, uma vergonha, pois ali havia muitos, muitos outros como ela, e provavelmente eu nunca encontraria todos.

Continuando minha caminhada, eu mesma tremia por causa do frio. E por causa do medo. Atenta.

A cantoria desajeitada e bêbada de alguns homens da rua próxima flutuava direto para meus ouvidos. Um bar ainda aberto? Eu imaginei se isso era permitido. Com certeza as autoridades...

Minha atenção se desviou e só notei uma presença atrás de mim quando já era muito tarde.

Um som baixinho, talvez o barulho do couro do sapato contra a lama congelada e as pedras esmagadas da rua; talvez o silvo de uma respiração maldosa. Exatamente quando abri minha boca para gritar, quando iria me virar, alguma coisa me segurou pelo pescoço.

Alguma coisa que eu não podia ver, atrás de mim.

Terrivelmente forte.

Segurando firme, apertado.

Não era humano. Algo – algum tipo de arma fina e longa – apertava agudamente o meu pescoço, e eu não conseguia pensar, e, menos ainda, pegar minha adaga; minha única reação foi derrubar a lanterna quando minhas duas mãos se ergueram para segurar a coisa – seja lá o que fosse – que apertava meu pescoço, mas eu já começava a sentir falta de ar, meu corpo se agitava de dor, minha boca se abria em um grito sem voz, minha visão se tornava escura, e eu sabia que ia morrer.

Parecia que agora eu via uma luz surgindo na escuridão, mas não era uma luz bondosa, era uma luz laranja, dançante, diabólica. Piscando na escuridão para longe de meus olhos, senti a dura e gelada rua embaixo de mim e vi que estava deitada perto de uma fogueira. Uma poça de óleo, que vazara de minha lamparina quebrada, queimava alegremente. Naquele brilho alegre, três ou quatro homens estavam em pé, olhando para mim – uma lembrança bem desfocada. Desfocada pela noite e pela neblina, por confusão e dor, por meu véu. Desfocada como as vozes bêbadas dos homens.

Ela tá morta?

Que animal ia atacá uma freira?

Vai vê um anarquista estrangeiro que não gosta de religião.

Algum d'ocês viram ele?

Ela tá respirando? E debruçando-se sobre mim, um deles levantou meu véu. Acho que ele viu meu rosto por um segundo antes que eu empurrasse suas mãos. Diante do choque por tal ato inapropriado, acabei saindo de vez do meu... desfalecimento? Não, ninguém podia dizer que eu havia desmaiado, nem mesmo de alguma outra forma delicada de se dizer. Com certeza, se alguém é estrangulado até quase morrer, não pode ser acusado de desmaiar.

Em todo caso, sair de vez daquele estado de inconsciência levou um momento ou dois, que eu mal conseguia me lembrar. Acredito que havia empurrado o homem que estava levantando meu véu, puxando-o de novo por cima de meu rosto enquanto me afastava do fogo e tentava ficar em pé.

Ei, senhora, não se preocupa.

Tenha calma.

Cuidado, irmã, não vai caí.

Algumas mãos me seguravam. Mas rejeitando as ofertas de ajuda, pois eles estavam caindo de bêbados, enquanto eu estava simplesmente caindo, fui embora.

Retirei-me, como os militares diriam, em péssimas condições. Sem sequer ter avistado uma arma. Em um pânico de soluços

secos. Certamente não sei como fiz meu caminho de volta à pensão. Mas, de alguma forma, cheguei ao meu quarto, onde, tremendo, acendi cada lâmpada a óleo e cada vela, e aumentei o fogo do aquecedor jogando ali toda madeira e carvão até que se levantou uma onda de luz e calor na noite.

Joguei-me na poltrona e sentei, tentando parar de ofegar, pois cada respiração machucava minha garganta. Fechei a boca, engoli e engoli novamente, tentando engolir minha humilhação junto com minha dor.

Apesar do fogo, ainda sentia um frio que ia além do frio da noite: estava gelada até o fundo de minha alma. Eu precisava ir para a cama. Cambaleando, comecei a desabotoar meu colarinho...

Meus dedos tremeram quando senti algo pendurado em meu pescoço.

Alguma presença estranha, comprida, macia e flexível; era como se uma cobra estivesse agarrando-se ali. Apesar da dor em minha garganta machucada, eu comecei a gritar enquanto agarrava e puxava a coisa, jogando-a contra a porta, para longe de mim.

Ela caiu no tapete em forma de coração.

O garrote.

Eu ouvira dizer que eles eram feitos de arame, mas este era confeccionado com algum tipo de corda branca e macia, presa a um pedaço de madeira.

Preso ao nó, vi um cacho de cabelo castanho – meu próprio cabelo. Arrancado de minha cabeça enquanto o estrangulador apertava mais e mais o aparelho ao redor de meu pescoço.

Sentindo tontura, eu tive de fechar os olhos por um momento e me dei conta de que foi meu colarinho alto, de cartilagem de baleia, a única coisa que me manteve viva. Os policiais de Londres vestiam túnicas com colarinhos altos pela mesma razão. Assustador e surpreendente é pensar que um aparelhinho simples como aquele é capaz de aterrorizar uma metrópole inteira, até mesmo a polícia.

Também é assustador e até vergonhoso me dar conta de que não foi nem minha coragem, nem minha esperteza que me salvaram.

Esqueci até da arma e, como uma tola desajeitada, agarrava e chutava, igual a qualquer outra mulher. Com colarinho ou sem colarinho, teria morrido se aqueles bêbados não tivessem aparecido. Sim, realmente percebi, eles devem ter interrompido o estrangulador. Por qual outro motivo ele abandonaria seu aparato carinhosamente fabricado ao redor de meu pescoço?

Tremendo muito, eu me forcei a abrir os olhos de novo, analisando aquela ferramenta medonha.

Realmente feito com muito cuidado. O pedaço de madeira, era de ratã polida, que deve ter sido tirado da bengala de algum cavalheiro. Dificilmente é o tipo de utensílio encontrado com um ladrão de rua. E a corda...

Um barbante.

E para dizer mais, o barbante do corpete de uma dama.

De repente, um enjoo tomou conta de mim e, com ele, uma onda de raiva. Agarrei aquela coisa idiota e insolente e a joguei no fogo.



Capítulo quarto



Por dois dias eu fiquei na cama, conversando com a sra. Tupper por sinais. Eu mal conseguia falar, pois minha garganta estava muito dolorida, uma doença muito comum naquela época do ano; tenho certeza de que ela não pensou nada além disso. O colarinho alto e franzido de minha camisola escondia meu pescoço machucado.

Entretanto, não podia negar meus sentimentos machucados e confusos. Se por um lado eu estava acostumada com a dor – quando criança havia caído da bicicleta, de um cavalo, de uma árvore –, não estava acostumada a ser machucada por outro ser humano de maneira tão ofensiva. E não era apenas a garganta dolorida que me impedia de comer as gelatinas e sopas que a sra. Tupper trazia para mim. Era a maldade do que havia acontecido que me deixava doente.

Malícia e indecência. Não, muito mais do que indecência. Era algo como... algo tão diabólico que eu nem conseguia encontrar a expressão exata.

Algo sobre o laço no barbante.

Que tipo de homem atacaria uma mulher com uma arma feita de uma bengala – do tipo usado para castigar estudantes em uma escola – e de um corpete? Um aparato íntimo feminino usado pelas mulheres da classe alta que, quando comprimidas para caberem em seus vestidos ridículos, tornam-se aptas para a sociedade, propensas a desmaios e suscetíveis a machucados internos e a morte? E foi justamente para escapar dessas coisas que eu havia fugido de meus irmãos Sherlock e Mycroft. Eu havia escapado para que aquele chamado “colégio interno” nunca me castigasse ou me cortasse ao meio pela cintura, e agora alguém havia colocado aquela, aquela coisa, em volta de meu pescoço?

Qual era o propósito? De me roubar? O quê?

E por que com uma arma tão perturbadora?

E será que de fato havia sido um homem que me atacara ou alguma mulher louca?

Para essas questões, eu não tinha nenhuma resposta.

Lá pelo terceiro dia, já conseguia falar um pouco e voltei para o escritório do dr. Ragostin, onde me instalei confortavelmente – pelo menos o corpo, porque a mente ainda não conseguia –, lendo os jornais que haviam-se acumulado durante minha ausência.

Vi a mensagem que enviei para mamãe nos jornais, pois ha-via mandado a mensagem por correio, mas não encontrei nenhuma mensagem de mamãe para mim.

Claro que era muito cedo para esperar uma resposta. Mesmo assim, eu não podia deixar de procurar. Eu queria... Isso não seria possível. Sentir pena de mim mesma como uma criança esperando pela mamãezinha. O que será que mamãe teria-me dito se estivesse aqui? Totalmente previsível: “Você se sairá muito bem sozinha, Enola”.

Uma declaração que sempre aceitei como um elogio.

Mas, neste dia em particular, com a dor na garganta exacerbada por um inchaço que havia surgido, de forma súbita e dolorosa me dei conta que queria – eu queria alguma coisa. Ou alguém.

Eu não queria mais ficar sozinha.

Enola, *alone*, sozinha, sem ninguém para andar ao meu lado.

Sem ninguém para confiar.

Sem ninguém para me confortar.

E, ainda assim, eu sabia muito bem que não poderia ter nenhuma companhia pelos próximos sete anos, pois até que me tornasse legalmente adulta, todas as pessoas que conhecia poderiam se tornar uma ameaça, descobrindo quem eu realmente era. Joddy seria um perigo se ele soubesse demais. Sra. Tupper, igualmente. Os padeiros e doceiros que forneciam a comida que eu dava aos pobres, a lavadeira que cuidava de meu vestuário peculiar, o ferreiro

que havia feito as adagas para mim; cada um deles era um risco. Eu havia pensado em ter um animal de estimação, mas até mesmo um cão poderia arruinar tudo só por me reconhecer em um momento inoportuno. Se o velho Reginald, o cole de Ferndell, de algum modo fosse trazido para Londres e me encontrasse, iria se atirar em minha direção com seus choros caninos, não importa o que eu estivesse vestindo ou como estivesse disfarçada. E se Lane, o mordomo, estivesse com ele e a sra. Lane, se eles me encontrassem, ela iria correr para mim irrompendo em lágrimas de alegria, pois sempre foi como uma mãe para mim, mais até do que...

Pare com isso. Enola Holmes pare de choramingar neste instante.

Eu precisava me levantar, me movimentar, fazer alguma coisa.

Muito bem. Não havia nada que pudesse fazer a respeito de mamãe. E – por mais que desejasse justiça, ou até mesmo, vingança! – naquele momento não haveria nada que pudesse fazer sobre o estrangulador desconhecido que havia-me atacado.

Mas certamente havia algo que eu podia fazer a respeito de minha vocação de vida: ser uma vidente. Eu poderia fazer algo a respeito do desaparecimento da filha de Sir Eustace Alistair. Tinha prometido a mim mesma que o primeiro caso do “dr. Ragostin” seria encontrá-la.

Eu precisava saber os detalhes do caso.

Depois de pensar um pouco, levantei-me e andei pelos vários corredores até a cozinha, onde a cozinheira e a governanta tomavam o chá do meio da manhã. As duas olharam assustadas e apreensivas ao me verem entrando ali, porque normalmente eu teria apenas tocado a campainha e esperado elas me servirem, então o que haveria de errado?

– Sra. Bailey – disse para a cozinheira, em voz baixa. – Não estou me sentindo muito bem. Minha garganta está terrivelmente dolorida. A Sra. acha que...

– É claro – gritou a sra. Bailey, aliviada, respondendo meu pedido antes mesmo de eu fazê-lo. Como vê, a doença explicava minha

presença na cozinha que, em virtude do forno, do fogo e do aquecedor de água, se tornava o lugar mais quente da casa.

Chá? – ela pulou para colocar a chaleira no fogo.

Exatamente. Muito obrigado, de coração.

– Então, sente-se, srta. Meshle – convidou a outra, a sra. Fitzsimmons, a governanta, oferecendo-me a cadeira mais próxima do fogo.

À mesa, perto das duas, tomei meu chá em rápidos goles, respondendo brevemente suas perguntas sobre minha saúde; depois elas finalizaram a conversa. A sra. Bailey havia estado em um teatro na noite anterior para ver um hipnotizador, ou magnetizador, “um desses franceses corpulentos, escuros e de sobrancelhas grossas com olhos de lobo”. Sua assistente era “uma dessas com as quais os franceses gostam de se agarrar”. Ela se deitava em um divã enquanto olhava para um objeto brilhante que ele segurava – neste caso, a chama de uma vela –, ele dava tapinhas no rosto dela como se estivesse espirrando seu “princípio vital” e então lançava seus costumeiros passes magnéticos por todas as pessoas.

– Suas mãos ficavam escandalosamente perto do corpo dela, mas ele não a tocava. Ela se deitou com os olhos abertos, como um cadáver, e aí ele falou para ela tomar sopa e ela mastigou como se fosse uma bala de leite. Depois ele falou que ela era um pônei e ela começou a relinchar. E então ele falou que ela era uma ponte, ela ficou dura e ele a segurou e a colocou em cima de duas cadeiras, e ela ficou dura que nem pedra. Em seguida, ele deu um tiro com uma arma perto do ouvido dela...

Sentada e ouvindo, eu mal conseguia esconder minha impaciência, pois para mim tudo isso era embuste e podridão, claro. Hipnotismo já havia sido desacreditado anos atrás, com os corpos mortos eletricamente “reanimados” que pareciam ter vida, as mesas que viravam sozinhas, os escritos espirituais e todos os tipos de besteiras mascaradas como ciência e progresso.

– ... e nos convidou para subir e experimentar o transe. Um cavalheiro gritou: “ela!”, e a esposa dele passou por nós cheirando a sal, e eu percebi que ela nunca tinha visto aquelas coisas. E então nós fizemos o hipnotizador fazer mais do que passes magnéticos com suas mãos, e ela começou a pular, toda sorridente, e nós aplaudimos muito quando ele saiu do palco. E, então, o próximo seria um frenólogo. Ah, não. Mais um pseudocientista cheio de poeira do passado. Eu interrompi.

– É verdade – perguntei – que uma vez a rainha raspou a cabeça para fazer uma leitura frenológica?

Elas mal acreditaram naquilo (era de se esperar, já que eu tinha acabado de inventar algo que certamente geraria um rumor), mas tudo era possível: a senhora Isso e a senhora Aquilo fizeram sessões espíritas, o duque Tal-e-tal saiu do corpo, vários jovens lordes honráveis haviam experimentado gás do riso etc. Eu havia tido sucesso em mudar o rumo da conversa para os fascinantes defeitos da classe alta que, como a maioria das domésticas, essas duas sabiam de tudo. Escândalos eram banidos dos jornais, mas nenhum acontecimento de uma casa de Londres onde havia empregados se mantinha secreto por muito tempo, já que eles adoravam fofocar com os criados de outras pessoas. Aceitando uma segunda xícara de chá, eu esperei minha oportunidade. E ela chegou quando um membro da nobreza foi mencionado.

Tossindo para ganhar mais atenção e simpatia, perguntei:

Será que ele tem parentesco com Sir Eustace Alistair?

Ele? Eu duvido! – declarou a sra. Fitzsimmons.

Sir Eustace é só um baronete, não sabia? – disse a cozinheira.

E um desgraçado também – disse a governanta com uma voz calma e com os olhos cheios de prazer. Eu reagi com satisfatória surpresa e interesse:

Desgraçado? Como assim?

Por sua filha, a srta. Cecily! Ela teve um caso vergonhoso.

– Terrível para seus pais – disse a cozinheira. – Ouvi dizer que a sra. Alistair está bem abatida, e deve estar.

A governanta respondeu, a cozinheira interpôs e, durante muitos minutos seguintes, as duas foram formando a história, pelo menos em minha mente, como uma estrutura que emerge da neblina:

A honrada srta. Cecily Alistair, a segunda filha mais velha de Sir Eustace, com apenas dezesseis anos de idade e ainda não apresentada à corte, havia desaparecido na terça-feira da semana passada, na manhã em que uma escada havia sido encontrada na janela de seu quarto. Ao serem questionadas pelas autoridades policiais, as amigas da srta. Cecily admitiram que ela fora abordada, na companhia delas (“que absurdo, quase não existe mais dama de companhia e essas moças andam de cavalo, de bicicleta, vão fazer compras sozinhas, onde esse mundo vai parar?”), por um jovem cavalheiro, por assim dizer, um homem muitíssimo bem arrumado, mas de procedência questionável. Depois de outros interrogatórios e de uma verificação na mesa da srta. Cecily, revelou-se que ela e o jovem rapaz haviam-se correspondido, mesmo sem uma apresentação apropriada ou conhecimento de seus pais. A polícia levou, já que só tinha o primeiro nome dele, quatro dias para localizar o impertinente rapaz, que acabou revelando-se apenas filho de um dono de loja sem noção do lugar a que pertence, e com muitas aspirações sobre sua situação de vida. Por isso, é claro, já era tarde demais (“seria um horror se ela tivesse se casado com ele, mas seria pior ainda se não tivesse casado”). Mas acabou que ela não foi encontrada com ele. O jovem afirmou, com toda sua força, que era inocente e não tinha feito nada de errado (“Besteira. Os homens só querem uma coisa”). E ele tem sido vigiado e seguido desde então, mas nenhum sinal da srta. Cecily foi descoberto.

– Mais chá, srta. Meshle? Eu sorri e balancei a cabeça.

– Não, sra. Bailey, muito obrigada. Eu acho... eu acredito que devo voltar ao trabalho agora.

Retornando à frente do estabelecimento, me recolhi dentro do que seria o escritório do dr. Ragostin e dei a Joddy instruções para não ser perturbada. Eu sempre usava a sala para tirar um cochilo

durante o dia, já que passava as noites como a irmã. A julgar pelo sorriso insolente de Joddy, que ignorei, ele pensou que eu pretendia passar algumas horas enrolada num xale de lã no confortável sofá do dr. Ragostin.

Isso era o que eu queria que ele e os outros empregados pensassem. Além do sofá já mencionado, no santuário do dr. Ragostin ainda tinha uma grandiosa mesa que eu havia fornecido para aquele personagem fictício, poltronas de couro para seus clientes e um magnífico tapete turco embaixo de tudo isso. Entre as janelas com cortinas pesadas, ficava uma alta estante de livros e outras prateleiras cheias de livros enchiam as outras três paredes que restavam, com exceção, é claro, daquelas com arandelas a gás e longos espelhos para refletir a luz. Tal plenitude de prateleiras e livros havia sido deixada para trás pela ocupante anterior, a “assim chamada” médium espiritual. Esta tinha sido a sala das sessões espirituais.

Depois de trancar a porta por dentro, fechar as cortinas grossas para ter privacidade e acender um dos candelabros a gás para iluminar a escuridão, caminhei até a primeira estante na parede recuada. Lá, alcancei um volume grosso de *Os ensaios do papa*, soltei o trinco silencioso e puxei a borda esquerda da estante em minha direção. Com apenas um empurrão com o dedo e completamente em silêncio, pois as dobradiças estavam perfeitamente presas e lubrificadas com óleo, a estante inteira se abriu como uma porta para revelar uma pequena sala atrás dela.

Aqui, eu tenho certeza, escondiam-se os cúmplices da médium.

Entretanto eu usava o espaço do tamanho de um armário para esconder outros tipos de objetos.

E agora precisava deles. Para que pudesse ser recebida na residência do baronete, não podia ir como Ivy Meshle. Eu teria que sofrer uma transformação.

Acendi uma vela. E, então, tremendo de frio, pois não havia aquecimento nessa sala, tirei o vestido florido de Ivy Meshle, com o enorme broche que ela sempre usa com um propósito. Soldado a

uma ponta de adaga, esse broche parecia um ornamento preso à frente do meu vestido, mas atualmente ele permitia que eu mantivesse minha arma escondida entre os botões. Soltando o broche, puxei a adaga do corpete com um floreio, admirando sua brilhante, fina e bem afiada lâmina antes de colocá-la de lado.

Coloquei de lado, também, o cabelo falso de Ivy Meshle, os brincos etc., até que fiquei só com as roupas de baixo e a mais essencial de todas era, ironicamente, o corpete.

Sim, apesar de minha opinião sobre os corpetes, sempre usava um como um amigo protetor, nunca apertado demais para se tornar um tormento. Para mim, o corpete não me dava um sentimento de restrição, mas de liberdade por fornecer defesa, disfarce e suprimentos. Além de esconder minha adaga, o corpete apoiava meu realçador de busto (onde eu guardava muitos itens úteis, incluindo uma pequena fortuna em notas bancárias inglesas), que junto aos reguladores de quadril criava uma figura um tanto diferente daquela raquítica da Enola Holmes.

E, então, sem as roupas, com exceção de estofamentos, proteções e anáguas, inclinei-me em uma bacia e lavei todo meu rouge fazendo caretas, pois a água que eu guardava naquele closet estava totalmente gelada, e olhando no espelho. Meu próprio rosto comum, longo e pálido, emoldurado por meu cabelo comum, longo e acastanhado, olhou para mim.

O cabelo era um problema. Para que conseguisse me passar por uma mulher, eu tinha que usá-lo. Garotas usavam saias curtas e cabelos longos, mas mulheres tinham que usar vestidos longos e cabelos “presos”. Enquanto quase todos os milímetros de uma dama devem estar cobertos durante o dia, suas orelhas têm que ficar sempre descobertas.

E hoje eu tinha que me passar por uma dama. E tais damas, entretanto, têm criadas que arrumam seus cabelos, mas eu não tinha nenhuma.

Pouparei o caro leitor dos detalhes de tal luta. Basta dizer que cerca de uma hora mais tarde uma dama, com o cabelo preso e

quase todo escondido embaixo de um formidável chapéu, surgiu detrás de uma estante. Eu vestia um vestido cinza, feito da melhor lã pesada, bem discreto e com um estilo quase fora de moda. E, sim, havia um broche centralizado no busto, mas dessa vez era um broche oval, feito de madrepérola. Eu possuía, como podem ver, mais do que uma adaga.

Vesti um adorável casaco de pele, com um gracioso aquecedor de mãos para combinar, antes de fechar – e esconder – meu “guarda-roupa”. Então, aproximando-me de outra estante, a que ficava na parede externa, peguei outro calhamaço (*O peregrino*), forcei outro trinco e saí do escritório do dr. Ragostin por uma porta secreta.



Capítulo quinto



Minha hábil predecessora havia colocado essa saída no lugar exato. Eu emergia de trás de um arbusto que crescia no pequeno vão entre as casas. De lá, conseguia seguir para a rua, segura de que ninguém seria capaz de me ver saindo, nem mesmo os olhos afiados da sra. Fitzsimmons, que provavelmente já havia-me dissecado verbalmente para a sra. Bailey no exato momento em que eu virei as costas: Pobrezinha, tem mais nariz e queixo do que qualquer outra coisa, só uma mulher sabe como é duro; se nenhum homem quiser casar com ela, vai acabar velha e desiludida.

Lidar com meu cabelo miserável, da cor de lama de brejo e tão limpo quanto a vegetação apodrecida da rua, me deixou de mau humor. Uma vez a salvo em uma carruagem de quatro rodas, peguei papel e lápis de um de meus bolsos e desenhei um rápido, e um tanto feio, esboço da sra. Fitzsimmons e da sra. Bailey, com seus aventais brancos fora de moda, uma inclinada para a outra, fofocando, olhos maldosos e enormes, lábios inferiores maiores que os de cima e falando mais que a boca – como um par de tartarugas, na verdade.

Acalmando-me pelo caminho, desenhei mais calmamente a figura de uma jovem dama com um casaco de pele e aquecedor de mãos e um chapéu com aba de veludo, enfeitado com penas de mergulhão. Por baixo desse aspecto elegante, parecia meio míope, pois nenhuma dama, por mais que lhe falte a visão, usaria óculos. Tão gentilmente resguardada como se estivesse perto de estar totalmente indefesa, andava de cabeça baixa e com os ombros encolhidos, muito modesta apesar de suas roupas finas.

A tímida esposa do dr. Ragostin, a sra. Ragostin.

E desenhando isso, eu me lembrei de quem eu era hoje.

Quando a necessidade de desenhar surgiu em mim, eu poderia ter desenhado Ivy Meshle se quisesse, ou mamãe, ou Sherlock, ou Mycroft, ou qualquer um que conhecesse, exceto Enola Holmes. Mas não conseguia colocar no papel meu verdadeiro eu. Estranho.

O táxi me levou para uma rua moderna. Quando ele parou de repente, enfiei meus papéis no bolso; em duas ocasiões Sherlock Holmes vira meus desenhos e tinha que ser cuidadosa para nunca deixar pistas sobre mim, deixando por aí alguns deles. Quando voltasse para minha pensão, eu queimaria os desenhos.

Descendo na esquina, com as duas mãos enluvadas em seda enfiadas no aquecedor de mãos, esperei até que o táxi se afastasse. Dá para ver que enquanto somente as viúvas que recebem pensão usam anquinhas – que Deus seja abençoado por aquela coisa volumosa e desajeitada estar saindo de moda –, as damas ainda precisam arrastar uma cauda no vestido. A bainha longa de meu manto e a parte traseira mais comprida de minha saia, que se arrastava pela pavimentação, indicava a classe social daqueles que só andam de carruagem. Então, eu fiquei onde estava até que o táxi partiu. O dr. Ragostin, eu sabia, teria uma carruagem própria, mas havia limites, por mais generosos que fossem os fundos que mamãe havia-me deixado.

Por sorte, eu raramente tinha que ser a sra. Ragostin.

E, por mais sorte ainda, eu usava meu próprio rosto inalterado para isso. Mas Ivy Meshle poderia se esconder atrás de toda a pintura e de todos os outros artifícios que uma dama não poderia usar.

Enquanto fiquei parada na esquina, dois cavalheiros usando cartolas passaram por mim e me lançaram olhares de desaprovação.

– Minha esposa fica em casa, onde é o lugar dela, não fica perambulando sem rumo – rosnou um deles para seu companheiro.
– Aquela jovem está procurando encrenca andando por aí sozinha.

O outro concordou:

– E a culpa será somente dela.

Eu os ignorei e tentei não deixar seus comentários escurecerem meu dia, que já estava bem nublado. Apesar dos relógios terem acabado de marcar uma da tarde, um acendedor de lâmpadas já estava subindo em sua escada, pois o céu de Londres estava grosso de névoa e neblina e logo ia parecer que a noite tinha chegado. Em todos os telhados da cidade, chaminés soltavam uma fuligem negra. Alguns trabalhadores e faxineiras passaram por mim tossindo; alguém ia morrer de catarro hoje.

Uma garotinha em trapos e com uma vassoura se aproximou de mim; depois de minha aprovação ela começou a varrer rapidamente a calçada para que eu passasse, banindo do caminho a fuligem, a poeira, a lama e os excrementos de cavalo que sempre cobrem as ruas.

Segui a criança até o outro lado, dei a ela uma gorjeta gene-rosa – um centavo, e não um trocadinho qualquer – e então eu mesma passei a varrer o pavimento com minha cauda. Segui na direção de meu destino: a residência de Sir Eustace Alistair.

Sobre a enorme porta da frente, encontrei um grande batedor de latão no formato de uma cabeça de leão. Lembrando-me de bater timidamente, como faria a sra. Ragostin, assim o fiz.

Prontamente a porta foi aberta por uma criada que brilhava na escuridão da tarde. Atrás dela parou um mordomo que igualmente resplandecia.

Sua senhoria não está recebendo visitas – disse o mordomo, de maneira fria como aquele dia de inverno.

Sua senhoria não está sentindo-se bem? Se puder, apenas fique com este cartão e lhe transmita meus cumprimentos – disse com a voz de um rato que ficou excessivamente sem fôlego.

Maldosamente ele estendeu sua bandeja de prata, no qual eu pousei o cartão do dr. Leslie T. Ragostin, vidente científico, onde eu havia escrito à pena “sra.”.

– Eu já pedi para que a carruagem fosse embora – murmurei.

– Tenho que ser discreta – disse para explicar a ausência de um acompanhante ou de qualquer outro empregado. Então, entrei, pois

eles não podiam deixar uma dama tão bem vestida congelando na frente da porta. Em seguida, disse:

– Eu só irei me aquecer perto do fogo.

A criada foi boa o suficiente para pegar meu casaco e o aquecedor de mão, mas não o chapéu; o chapéu e o cabelo de uma dama, uma vez arrumados, permanecem inseparáveis. De chapéu e luvas dentro de casa, uma das coisas mais absurdas da classe alta.

E, assim, parada na grande sala de visitas, não tinha ideia se Lady Theodora – esse é o nome da esposa, Theodora; eu havia procurado “Alistair, Sir Eustace, Baronete” no catálogo do dr. Ragostin para encontrar o endereço –, como disse, não sabia se ela aceitaria me ver. Ela poderia achar minha chegada inesperada, algo que não valesse a perda de tempo. Entretanto, dependendo do quanto o orgulho já tinha sido coberto pelo desespero, ela poderia considerar tal perda de tempo como um último recurso.

Tentando imaginar o diálogo que ocorria no andar de cima, eu só podia esperar que a senhora entendesse o que vidente significava, e que o mordomo tivesse-se impressionado o bastante com minha aparência e meu comportamento.

– Aham – o mordomo reapareceu na sala de visitas e, enquanto me olhava com desaprovação, como sempre, disse: – Lady Theodora não está vestida para recebê-la na sala de visitas, mas pergunta se a senhora não se importaria em subir até seu quarto por alguns minutos.

Ah. Exatamente como eu esperava. Apesar disso, tinha pro-ceder agora com a maior das delicadezas.

Seguindo o mordomo escada acima, ouvi vozes joviais vindo do quarto das crianças, um andar acima, onde uma babá, ou talvez a governanta, tentava civilizar as crianças Alistair. A honorável srta. Cecily, de acordo com o catálogo, tinha nada menos que sete irmãos e irmãs.

Levando isso em consideração, era impressionante o quão jovem era a aparência de Lady Theodora. Ou talvez esse tal efeito fosse devido ao seu aspecto triste combinado com seu perfeito e adorável

vestido de chá. Uma moda recente instigada pelo trabalho artístico de Kate Greenaway, os vestidos de chá permitiam que as mulheres não usassem corpetes ao receber visitas (apenas mulheres!) em seus quartos pessoais. Com esse vestuário largo, confortável e muito bonito, Lady Teodora parecia encantadora e até um pouco infantil, considerando que ela se parecia exatamente como uma cegonha.

Ela não se virou imediatamente para mim quando entrei pela porta. Com as criadas atendendo-a agitadamente, preocupadas com os cachos de seus longos e avermelhados cabelos, ela se manteve em uma delicada cadeira em frente à sua penteadeira, passando pó em seu rosto pálido. Assim, eu a vi primeiro pelo espelho.

Nossos olhos se encontraram em um espelho escuro, por assim dizer.

Lembrando-me de ser tímida, desviei o olhar.

Tenho certeza de que ela deu uma boa olhada para mim enquanto fiquei parada, olhando ao redor como uma turista em uma catedral europeia. Na verdade, o quarto era muito parecido com o de mamãe, iluminado e arejado, com figuras japonesas e móveis esculpidos no delicado estilo oriental. Não muito grande. Mas eu devia estar parecendo aterrorizada. Tímida, eu me lembrei mentalmente. Uma moça casada, ingênua e terrivelmente simples. Que não oferece perigo para ninguém.

– Isso basta – virando-se, Lady Theodora vestiu uma fina blusinha que combinava com o resto e dispensou as criadas com as mãos.

– Sra. Ragostin, sente-se, por favor. Sentei-me na ponta de uma cadeira.

– Minhas... hum... desculpas por me intrometer assim, hum, quer dizer, dessa maneira, sem uma apresentação apropriada, Lady Alistair, diante deste momento tão difícil... – permiti que meus murmúrios quase inaudíveis seguissem uma trilha de confusão fingida porque eu, uma estranha, não deveria saber que ela passava

por um momento difícil. Embora ela soubesse perfeitamente bem que eu sabia. Afinal, por qual outro motivo eu estaria ali?

Ela me poupou de mais fingimento.

– Seu marido a mandou aqui, sra. Ragostin?

Levantei meus olhos baixos para o belo rosto de Lady Theodora, belo não, lindo. Ela era uma mulher linda. Um rosto anguloso, lábios volumosos, olhos brilhantes, sua expressão surpreendentemente culta e sensível. Uma dama da sociedade normalmente não era tão direta, eu imaginava. Geralmente elas gostam de fazer o jogo da dissimulação ao extremo, lidando com sugestões, insinuações e reserva. Somente uma situação extrema faria com que ela fosse tão franca.

– Hum... sim – hesitei. – O dr. Ragostin sentiu que seria indelicado da parte dele se ele... se ele se aventurasse pessoalmente, a senhora sabe...

Mais uma vez a parada brusca, permitindo que ela escolhesse achar que isso era tudo que eu sabia, mas que não deveria saber.

Lady Theodora se enrijeceu por apenas um momento antes de concordar. E eu notei como uma mulher bonita e orgulhosa acaba encontrando amigos em quem é simples, quieto e humilde.

– Sim – disse ela em voz baixa. – Minha filha, a srta. Cecily, parece ter... quer dizer... eu, ou melhor, nós, seus pais, não sabemos onde ela está. Estou certa em entender que seu marido encontra pessoas que estão desaparecidas?

Sim, isso mesmo.

Ele está oferecendo seus serviços?

– Se a senhora desejar. Mas sem expectativas de recompensa, minha senhora.

– De fato – ela não acreditou nisso, pois certamente achava que o dr. Ragostin estava sendo um oportunista e um impostor, mas ao mesmo tempo... Então ela disse:

– Estou desesperada, sra. Ragostin – olhando para meu rosto, ela falou com um controle deliberado, mas eu podia vê-la tremendo.

– Eu não tenho notícias de minha filha... nenhuma... há uma semana, e as autoridades têm sido muito ineficientes. Certamente seu marido não seria pior. Sem dúvida, estou sendo uma tola, pois tenho ordens de não contratar ninguém sozinha, mas não posso ser acusada de nada se foi você quem veio até mim. Não posso deixar de sentir que uma providência de Deus mandou a senhora aqui. Entretanto, esses serviços auto-oferecidos... não em seu caso, pessoalmente, quer dizer, mas de seu marido... sem ofensas.

– Não fiquei ofendida, garanto-lhe, Lady Theodora – deixei que meu olhar tímido e pesaroso chegasse até ela. – Muito absurdo eu ter vindo aqui, mas nossos maridos sempre têm seus jeitos de lidar com as coisas. Não podia demonstrar que estava tendo uma forte simpatia por ela.

– Oh, sra. Ragostin! – ela havia-se inclinado para segurar minhas mãos enluvadas. – Isso é verdade! Os homens comandam tudo, mesmo estando tão errados! No fundo do coração eu sei que Cecily não... não foi para nenhum dos lugares que eles dizem que ela foi. E pelo fato de ainda não a terem encontrado, eu sinto que estou mais correta. Mesmo assim, eles persistem em acreditar... Que horrível. Até meu marido...

Eu concordei, pensando em avançar a conversa sem que ela tenha notado, eu espero.

Seu marido é muito mais velho do que a senhora, Lady Theodora?
Somente alguns anos. Mas... o dr. Ragostin é?

Sim. Sou sua terceira esposa. Porque eu não sou muito mais velha que... Ela disse por mim. Sussurrou, na verdade.

Que minha filha, Srta. Cecily.

De fato. Portanto, eu estive pensando...

– Sim? – já havíamos-nos tornado cúmplices numa conspiração, nossos joelhos estavam quase se tocando e ela havia-se sentado muito perto de mim, apertando minhas mãos.

– Eu fiquei imaginando que, como uma garota da idade da srta. Cecily, eu pudesse notar algo que os detetives da polícia não notaram...

– Oh, como eu gostaria que a senhora fizesse isso, sra. Ragostin! Há muito eu tenho pensado em fazer algo... mas o quê? E como?

Eu quase me esqueci de representar meu papel, mas me lembrei a tempo de hesitar, morder o lábio, e depois dizer:

– Bem... temos que começar por algum lugar. Se for possível, Lady Theodora, posso examinar os quartos da srta. Cecily?



Capítulo sexto



Claro que, antes, nós tomamos chá. Então a amizade e a cumplicidade foram seladas sobre uma dose da bebida quente, acompanhada por tortinhas de marmelada. Lady Theodora chamou a criada pessoal da srta. Cecily, que me acompanhou até os quartos da honorável srta. Cecily.

O normal, para uma jovem dama, é ter a cama em um quarto com um *closet* para se vestir, atrás de outro quarto onde serviçais e amigos podem entrar e sair. Eu passei direto para o quarto onde havia a cama, e ele parecia, à primeira vista, muito doce, com uma cama esculpida graciosamente em forma de trenó, mais adequada, em minha opinião, para uma garotinha do que para uma jovem dama. Talvez sua mãe estivesse tentando man-tê-la como um bebê? Em um canto ficava uma casa de bonecas, comum em todos os quartos de jovens damas, que significava o encorajamento do orgulho doméstico, mas eu achava que a srta. Cecily não gostava desse tipo de coisa como eu. Suas bonecas caras de louça e porcelana pareciam negligenciadas em suas prateleiras, empoeiradas até mesmo dentro de suas caixas de vidro. Mas percebi ao ver um vidro similar a um sino no consolo da lareira que ela gostava da delicada arte de moldar rosas em cera colorida.

– Foi a srta. Cecily quem fez estas? – perguntei para a criada para ter certeza.

– Sim, madame. Minha jovem dama era... bem, é... muito habilidosa com artes manuais.

As “flores” de cera pareciam mais como bolhas sem formato.

Na parede, havia alguns pequenos quadros pendurados:

uma velha mulher tricotando perto do fogo, senhoras do campo com cestos de ovos, crianças de rosto corado segurando um filhote de cão etc.

Foi a srta. Cecily quem pintou estes quadros?

Sim, madame. A srta. Cecily é uma artista e tanto.

Discutível, eu pensei enquanto concordava. As pinturas, assim como as flores de cera, eram bem coloridas, mas incertas; suas linhas e formas estavam mais para borrões.

– A srta. Cecily tinha aulas de canto e também de balé. Era talentosa em todos os sentidos.

Perfeitamente adequada ao mercado de casamento; em outras palavras, tudo que meus irmãos queriam que eu fosse: cantora, dançarina, fluente em francês, uma delicada figura de decoração para qualquer sala de pintura aristocrata.

Eu me perguntava como a srta. Cecily se sentia sobre seus “talentos”. Ao lado da cama, vi um similarmente ornamentado guarda-roupa, uma cômoda e uma penteadeira no quarto da jovem dama. Na cômoda ficavam os aparatos usuais: o porta-anel, um pente com o cabo dourado e uma escova, um espelho de mão, garrafas de vidro com água para se lavar. Olhei dentro do guarda-roupa, vasculhando o vestuário de uma senhorita da aristocracia: vestidos de dia, vestidos de noite, vestidos de visita, vestidos de domingo, vestidos de gala, uniformes para cavalgada, roupas para ciclismo, para praticar tênis, e assim infinitamente.

– Sabe-se o que a srta. Cecily estava usando na hora em que partiu?

– Sim, madame. Pelo que parece ela... – a criada corou – ela estava arrumada para dormir, madame. Nada mais sumiu.

Certamente. E sua cama estava desarrumada?

Sim, madame.

Uma janela dava para os fundos da casa, e a outra para a parte lateral.

– Em qual destas foi colocada a escada?

A criada indicou a que dava para os fundos, fora da visão da rua.

E a janela foi encontrada aberta?

Sim, madame.

– Alguma outra porta ou janela do andar de baixo estava aberta?

– Não, madame. As portas do andar de baixo estavam trancadas e com as barras, e as janelas estavam fechadas com trinco.

– Mas estas janelas não estavam fechadas com trinco?

– Não, madame – a criada soou como se tivesse pena da minha ignorância. – Para melhorar a saúde, todos os membros da família do baronete dormem com a janela um pouco aberta, madame. No inverno ou no verão, madame.

Não era de se surpreender; eu mesma havia sido criada dessa forma. A ventilação fortalecia a moral e a digestão, prevenindo doenças e protegendo o vigor da pessoa. Portanto, mesmo durante o mais frio inverno, por mais congelante que esteja, uma janela deve ser deixada aberta pelo menos um centímetro ou mais.

– Então a janela pode ter sido levantada por alguém na escada, do lado de fora.

Sim, madame.

E foi deixada desse jeito, bem aberta, com a escada no lugar?

Sim, madame.

Eu fiz o caminho de volta para a alcova da srta. Cecily, um pequeno quarto repleto de espelhos, cadeiras, assentos, uma fogueira bordada (um dos talentos da srta. Cecily, sem dúvida), pequenos vasilhames na janela e, perto da fonte de luz, estava o cavalete de pintura da sra. Cecily.

Pensei, no momento, o mais importante: uma escrivaninha com tampa de correr. Primeiro, abri a escrivaninha.

Algumas das cartas foram encontradas aqui, é isso?

Sim, madame. A polícia levou todas, madame.

Eles procuraram por outros documentos nesta mesa?

Não, madame! – a criada soou como se estivesse chocada.

– Foi Lady Theodora quem descobriu as cartas e as levou para os oficiais no andar de baixo.

Em outras palavras, não foi permitido que nenhum detetive colocasse os pés neste quarto.

– De acordo – disse em sinal de aprovação, enquanto me sentava na frente da mesa para dar uma olhada. Fervorosamente desejei que pudesse ter visto as cartas, não apenas por seu conteúdo, mas também por alguma pista que a Scotland Yard possa ter deixado passar.

– Os selos postais estavam posicionados de maneira estranha, ou ao contrário? – se estivessem, poderiam sugerir um código.

– As cartas não chegaram pelo correio, madame! – eu havia chocado a criada novamente. Provavelmente, o formidável mordomo conferia toda a correspondência postal.

– Então, como chegaram? – em mãos, obviamente, mas pelas mãos de quem?

– Nós, ahn, nós não sabemos, madame.

Com a cumplicidade de um dos serviçais, em outras palavras. Talvez por esta mesma criada, chamada Lily. E essa linha de questionamento já havia-se esgotado.

A superfície da mesa estava ocupada por um requintado conjunto de escrita, um pote de nanquim, canetas-tinteiro, porta-canetas e abridores de carta, todos de jade. Nas gavetas, junto aos papéis de rascunho, limpadores de penas e outras coisas do tipo, eu encontrei os papéis de carta com as iniciais da senhorita. E vários bastões de cera para selar de diversas cores: vermelha para correspondências de negócios, azul para constância no amor, cinza para amizade, amarelo para inveja, verde para encorajamento de um admirador tímido, violeta para condolências. Mas apenas o bastão de cera cinza parecia estar muito usado.

Também nas gavetas, encontrei a caderneta de endereços da srta. Cecily, bem organizada com a letra pequena e redonda de uma jovem dama. Encontrei diversos outros papéis: listas de compras,

lembretes de obrigações sociais, conselhos morais tematizados ao redor das letras do alfabeto, esse tipo de coisa.

Muito mais importante, encontrei uma pilha de diários.

– A srta. Cecily mantinha diários? – os pequenos volumes com capas de seda estavam equipados com pequenos cadeados.

Sim, madame. Mas os cadeados haviam sido arrombados.

A polícia viu isso?

Não, madame!

Então foi Lady Theodora?

Sim, madame. No espelho, madame.

– Como? – e assim que eu falei, peguei um dos livros, abri e olhei para a letra escrita à mão dentro dele. Grande, infantil e toda inclinada para a esquerda, totalmente diferente da letra que havia na caderneta de endereços e em outros papéis. Não fazia sentido para mim até que me dei conta de que ela havia sido escrita da direita para a esquerda, e suas palavras seguiam da direita para a esquerda, e até mesmo as letras estavam invertidas, assim o b se parecia com um d.

– Isso é muito peculiar! – exclamei. Levantando-me, segurei o diário aberto na frente de um espelho e então pude lê-lo facilmente:

O MAIS TERRÍVEL FRIO. EU ESTOU USANDO NADA MENOS DO QUE NOVE ANÁGUAS

Igual a uma criptografia, essa escrita de trás para a frente pouco incomodaria alguém.

Por que diabos ela escrevia deste jeito?

Eu não sei, madame.

Você já a viu fazendo isso?

– Não, madame. Como qualquer empregada leal, é claro que ela nunca havia visto nada.

Havia oito diários, todos com a mesma escrita estranha, a mesma por um período de anos. Segurando o diário mais recente, o único

com páginas brancas no... no começo, na verdade, pois todos os diários haviam sido escritos do final para o começo, eu o abri na última (primeira) página. Então o segurei na frente do espelho e li:

2 DE JANEIRO – ESTOU TERRIVELMENTE ENTEDIADA.

Como alguém pode falar das resoluções de Ano-Novo quando nenhuma boa intenção parece aliviar o sofrimento neste mundo? Como eles conseguem falar sobre perfumes e festas, babados e colares e sapatos de dança quando as ruas estão repletas de órfãos e crianças miseráveis que não têm nada além de trapos para vestir, não têm sequer sapatos para seus pés? Enquanto seus pais não conseguem encontrar trabalho e suas mães se matam dezesseis horas por dia nos moinhos? Enquanto isso eu, para poder ser apresentada à rainha, pratico como andar para trás sem tropeçar em uma cauda de dois metros? Minha vida não tem nenhum propósito que valha a pena, não tem nenhum valor, é vazia de significado.

Difícilmente estes são os sentimentos de uma jovem mulher prestes a fugir com seu amante secreto!

Com a mente cheia de conjecturas, deixei Lily arrumando os objetos da escrivaninha enquanto atravessei o quarto para ver o que a srta. Cecily andou desenhando ultimamente.

No cavalete encontrei um desenho em pastel, não terminado, de uma paisagem campestre que mais parecia uma massa multicolorida de coisas sem forma. Acima do quadro ficavam os lápis pastel.

Quebrados. Rosa, cor de pêssego, verde-claro, azul-claro, azul, violeta, marrom, todos transformados em pequenos pedaços.

Muito interessante.

Eu abri a gaveta da área de pintura e encontrei o que esperava: lápis, borracha, tinta nanquim e penas ainda em suas caixas, e – fora da caixa – pedaços de lápis carvão. Apenas os tocos, com as

pontas abertas que sujavam todo o conteúdo da gaveta com o pó preto, igual àquele que empesteara a cidade de Londres.

Havia carvão por todos os lados.

Cheia de pedacinhos.

Eu pisquei ao olhar para o desenho no cavalete, não havia nenhum ponto negro em lugar nenhum. Olhei ao redor para as paredes e as encontrei totalmente desprovidas de obras de arte escuras. Depois de fechar a gaveta, voltei para onde estava a criada arrumando a escrivaninha.

Lily, onde estão os desenhos a carvão da srta. Cecily?

Carvão? – movendo os itens de jade de um lado para outro da mesa, ela não olhou para mim. – Tenho certeza de que não faço ideia, madame.

E eu tinha igual certeza de que ela sabia, mas não tinha utilidade dizer isso. Em vez disso, imaginando onde eu colocaria esses desenhos se quisesse que ninguém os visse, voltei para o quarto de dormir e comecei a olhar atrás dos móveis.

Atrás da cômoda e do guarda-roupa, eu pude ver as folhas grossas de papel, bem largas, apoiadas na parede.

– Lily – eu chamei – é melhor você me ajudar a tirar isso daqui, a não ser que você queira que eu os estrague.

De forma silenciosa e súbita, a garota surgiu e me ajudou a empurrar a mobília para alguns centímetros longe da parede, para que conseguisse alcançar. Pegando os papéis pelas bordas, eu os carreguei para o outro quarto para que pudesse vê-los na luz.

Um por um, eu os coloquei sobre o cavalete, cobrindo o desenho em pastel.

Não apenas pelo tamanho. Eles, eu mal conseguia explicar. O temperamento deles, talvez fosse o melhor jeito de dizer. Nada podia ser mais diferente dos borrões em azul e rosa que haviam sido emoldurados e colocados nas paredes. Estes desenhos a carvão haviam sido feitos em pesados riscos negros, exatos e

diretos, e chocantemente ficavam ainda mais pesados pela falta de qualquer sombreado.

Mas os temas dos desenhos eram ainda mais chocantes:

Crianças esqueléticas e imundas brincando em uma sarjeta, embaixo de um varal cheio de peixes mortos pendurados.

Mulheres sem chapéu, paradas sob um poste de iluminação, costurando no meio da noite.

Um homem com a barba por fazer pegando bitucas de cigarro.

Uma família de italianos cantando em troca de algum dinheiro.

Um menino descalço e de joelhos engraxando as botas de um cavalheiro.

Uma mulher vestindo trapos com um bebê doente “vendendo” fósforos de porta em porta.

E muito mais.

Pessoas das ruas mais pobres de Londres.

Pessoas representadas de modo tão audacioso, tão sincero e tão honesto não podiam ter saído da simples imaginação. Aquele que nasce para ser um artista tem que ver as coisas para desenhá-las. Eu conhecia aquele sentimento de conexão ardente entre os olhos, o coração e a mão. Um artista só poderia ser inspirado de tal forma ao ver essas pessoas.

Com paixão.

Como eu os via com paixão.

Diversos desenhos mostravam velhas mulheres famintas caídas nos degraus na frente das casas. Os mais pobres entre os pobres, aqueles que “rastejam” ou que “dormem” sem forças para se movimentarem.

Eu os conhecia.

E, evidentemente, a srta. Cecily também.

Mas como?



Capítulo sétimo



– Discretamente, o dr. Ragostin entrará em contato com a senhora – disse para Lady Theodora –, para lhe informar suas impressões sobre este assunto.

Era muita sorte o “dr. Ragostin” lhe fornecer fácil assim tais informações, porque eu estava tão confusa como se tentasse desenroscar uma cesta cheia de lã. Apesar de todo aquele nó górdio, resolvi me apegar a apenas uma das linhas, uma linha cinzenta, que indicava que a srta. Cecily não havia fugido para se casar. Se sua correspondência secreta com o filho do dono da loja houvesse-se tornado um caso apaixonado, ela teria usado um arco-íris de cera para selar as cartas e não apenas o bastão cinza. Não, suas cartas eram apenas de amizade.

Ela havia fugido não por amor, mas por alguma outra razão. Que, eu sentia, tinha algo a ver com seus estranhos diários. A escrita do espelho. E alguma outra coisa – apesar de sequer ter começado a imaginar o quê – a ver com seus extraordinários desenhos em carvão.

Estes últimos não eram do tipo que uma garota faria, e eram tão perturbadores na execução realista e na escolha de seus temas que até os coloquei de volta no lugar, atrás da mobília do quarto, e não mencionei nada sobre eles para Lady Theodora. Pelo menos não por enquanto. Os diários, entretanto, desejei ter trazido comigo.

– Apenas para meus olhos, – assegurei para Lady Theodora quando tive a chance de falar com ela em particular. Voltando ao seu quarto, encontrei-a ocupada com seus filhos mais novos, dois garotinhos e uma garotinha, rodeando-a pelo quarto como filhotinhos enquanto ela inspecionava uma das garotas mais velhas arrumando o cabelo, limpando as orelhas etc. O rosto da garota me

lembrava muito o da srta. Cecily da maneira como eu a tinha visto nos retratos que Lady Theodora havia-me mostrado durante o chá. De fato, todas as crianças, incluindo a srta. Cecily, pareciam muito com sua mãe: boca generosa e olhos brilhantes e inteligentes. Lady Theodora dispensou os jovens Alistair aos cuidados de sua governanta quando entrei e fez sinal para que me sentasse perto dela.

– Eu mesma irei ler os diários – expliquei para ela depois de tê-los pedido. – E informarei dr. Ragostin da maneira mais discreta possível qualquer coisa que eu achar relevante.

– Eu já os li – respondeu Lady Theodora – e não encontrei nada que me parecesse prejudicial, mas, em todo caso, se você acha que ajudará... você tomará o maior dos cuidados com eles?

Assegurei que sim, lembrando bem a tempo de pedir também um retrato recente da srta. Cecily para que “dr. Ragostin” pudesse ver a aparência da jovem desaparecida. E também anotei o nome e o endereço do filho do dono da loja com quem a srta. Cecily andou se correspondendo, caso o “dr. Ragostin” desejasse fazer algumas perguntas.

Quando saí, Lady Theodora me abraçou e me beijou no rosto com um forte e inesperado sentimento.

Entretanto, eu me senti bastante envergonhada, como se fosse uma fraude, quando tomei o táxi de volta ao escritório do dr. Ragostin. Dr. Ragostin isso, dr. Ragostin aquilo. Eu era uma mentirosa, e encontrar essa garota era uma responsabilidade para – mim? Uma fugitiva filha de família rica de quatorze anos? É verdade que metade das domésticas e operárias de Londres era da minha idade ou até mais jovens, e também é verdade que qualquer uma de nós que cometesse um crime seria presa, julgada e enforcada do mesmo jeito que Jack, o estripador, seria se a polícia o encontrasse; mas nós não tínhamos direitos, nenhum, nem mesmo direito ao dinheiro que ganhávamos até que fizéssemos vinte e um anos. Legalmente, com quatorze anos, nós nem existimos. Então, quem diabos eu pensava que era – Enola Ivy Holmes Meshle sra.

Ragostin – para tentar entender o monstruoso embuste que era minha vida?

Tais eram meus pensamentos quando passei pela entrada secreta dentro da sala trancada e me transformei novamente na srta. Meshle. Meu estado de espírito derrotado durou o resto da tarde e a noite, quando voltei para minha pensão, com as fotografias e os diários da srta. Cecily embrulhados em papel pardo e amarrados com um barbante, como se tivesse ido às compras.

Depois que a sra. Tupper me serviu uma refeição de arenque ensopado com pastinaca, a melhor comida para alguém que está tentando não engordar, retirei-me para o meu quarto no andar superior, sentei-me confortavelmente vestindo meias bem quentinhas e um vestido confortável na poltrona perto do fogo e, com a ajuda de um espelho de mão, comecei a ler o diário mais atual da srta. Cecily.

O conteúdo não era algo que se podia esperar da filha de um baronete. Não encontrei nada sobre passeios vespertinos de carruagem pelo Hyde Park, feriados no litoral, compras na Regent Street, as últimas modas em chapéus, nem mesmo uma pequena menção sobre um vestido novo. Também não encontrei nenhum relato de momentos divertidos com suas amigas. Em vez disso, os registros, em sua maioria, eram inquietantes reflexões:

... uma grande coisa falar sobre a Lei dos Pobres, os “pobres que merecem” versus aqueles não merecedores. Desafortunados que ficaram cegos, aleijados etc., por culpa de ninguém a não ser deles próprios, são considerados dignos de ajuda beneficente, mas todos estes que são fisicamente capazes, papai diz que devem ser moralmente deficientes, preguiçosos e desmerecedores de consideração; os mendigos devem continuar a serem expulsos da cidade como tem sido costume ou irem para os albergues. Mas se o trabalho é um bem tão grande, então, devem os albergues punir seus hóspedes com jantares de mingau de aveia ralos, depois terem sido submetidos a longas horas do mais duro trabalho possível?

... o darwinismo social e a sobrevivência dos que se encaixam assegura que não existe tal categoria de pobres “merecedores”. Aqueles que são incapazes de se sustentarem devem ser deixados sozinhos para que a natureza siga seu curso, eliminando-os, abrindo caminho para uma raça superior. Da qual nós das classes superiores, eu suponho, somos exemplos? Por que nós podemos citar Shakespeare, tocar Chopin ao piano e manter nossas luvas limpas enquanto tomamos chá?

E quanto aos bebês? Pois a maior parte das pessoas pobres que estão sucumbindo ao processo seletivo de Darwin já se reproduziu. E por esse modo de pensar, deveriam os bebês também serem abandonados para que pereçam?

... a maioria dos pobres do distrito leste não seria intelectualmente capaz de organizar uniões e marchas, papai declarou. Alguma influência externa, provavelmente, estrangeiros e inimigos devem ser culpados pelos distúrbios, e a ação violenta da polícia é totalmente justificada já que assim colocará fim a quaisquer futuras e mais sérias rebeliões. Ele não nega que os operários vivem, por toda a vida, em ninhos de doenças, inadequados até para porcos, como os escravos que remavam nos grandes navios sob o chicote dos mestres, porém ele parece não achar que mereçam coisa melhor. Ele parece não achar que são pessoas como nós, afinal. E é tão difícil sentar-me e pousar as mão no colo, sorrindo docemente e escutando...

Depois de ler isso e muito mais, eu ainda me considerava uma fraude, para meu cérebro cansado, pois, mesmo simpatizando com o ponto de vista da srta. Cecily, eu não podia fazer nada de prático com isso.

Dormir, eu decidi, era necessário. E citando Shakespeare, o sono costuraria a manga rasgada de minha carência. Ou, neste caso, dormir desembaraçaria minha cesta de lã.

Assim, sem admitir que estava com medo, desculpei-me por não continuar adiante com as especulações. E, em vez disso, fui para cama.

Acordei no que me pareceu ser o momento seguinte, mas descobri que já havia amanhecido.

De algum modo, enquanto estive dormindo e fazendo muito barulho – o que não é algo normal – a confusão em minha mente se resolveu um pouco, sendo assim, uma linha de raciocínio se apresentou para mim desta maneira:

Eu vim para Londres; eu vi os pobres de Londres; eu me senti compelida a ajudá-los.

A srta. Cecily, como ficou evidente em seus desenhos a carvão, também vira os pobres. Eu ainda não sabia como havia ocorrido tal encontro inadequado nem se aconteceu depois ou antes dos registros nos diários, mas de alguma forma (e eu descobriria qual) a jovem senhorita havia passado pela parte pobre de Londres.

Teria ela também se sentido compelida a ajudá-los?

Teria ela saído de casa por vontade própria?

Ao chegar ao escritório para “trabalhar” como Ivy Meshle, li os jornais da manhã. Como não encontrei nenhuma comunicação de mamãe, joguei de lado as notícias do dia e toquei o sino para que servissem o chá.

Enquanto isso, com um estado de espírito contemplativo, peguei o retrato fotográfico da srta. Cecily e um bloquinho de anotações. Baseando-me no retrato, pincelei um desenho rápido dela. Então, deixando a fotografia de lado, desenhei seu rosto de perfil, lembrando outras fotografias que vi dela, combinando essas memórias com minhas impressões de sua mãe, seus irmãos e suas irmãs, todos que se pareciam muito uns com os outros. Por diversas

vezes, desenhei a srta. Cecily sem nenhuma fineza aristocrática, apenas o rosto, de vários ângulos, até que comecei a sentir que já havia-me encontrado com ela pessoalmente.

Concentrada em meu trabalho, não notei quando Joddy entrou no escritório com meu chá. Sem perceber a presença do garoto, pulei quando sua voz aguda falou por sobre meu ombro:

– Eu não imaginei que você sabia desenhar assim!

Ele não tinha liberdade para fazer tal comentário, mas por sorte fiquei assustada demais e precisei de alguns segundos para recuperar meu fôlego antes de dizer isso a ele. E foi nesses segundos que ele falou de novo:

– Eu a conheço – declarou ele, deixando a bandeja de chá e apontando para os meus retratos da srta. Cecily com seu dedo indicador gordinho e branco por causa da luva.

Ridículo. Não era possível que ele... Espere um minuto.

– É verdade? – tentei não demonstrar quão interessada eu estava, pois, como qualquer outro empregado, ele iria se fechar como uma ostra se eu comesse a fazer muitas perguntas. Por isso, mantive meu tom cuidadosamente neutro.

Qual é o nome dela?

Eu não a conheço assim. Eu a vi em algum lugar, só isso.

Onde, pode me dizer, por favor?

Eu me virei para observá-lo. E lá estava ele parado com um olhar distante, como se tentasse se lembrar de um sonho.

– Ela estava em uma carruagem?

Ele balançou a cabeça devagar, parecendo intrigado, até que se lembrou dos modos.

– Não, minha... não srta. Meshle. Ela estava parada numa esquina, creio.

Onde? Piccadilly, Trafalgar Square, Seven Dials?

Eu não sei.

Bem, então, o que fazia? Compras?

Não, eu acho que não... – disse, incerto. Minha paciência começou a ficar curta; eu resmunguei:

Vendendo fósforos? Uma coisa ridícula, pois só os mendigos vendiam fósforos. Mas, olhando-me meio assustado, Joddy murmurou:

Fósforos. Na mosca.

Cabecinha de feijão. Controlando-me para não revirar os olhos e tentando manter minha impaciência longe de meu tom de voz, tentei outra pergunta:

O que ela estava vestindo? É claro que ele não respondeu o que eu tinha perguntado.

Ela tinha alguma coisa em uma cesta – disse ele. Assim como metade da população de Londres, eu pensei, pois a outra metade carrega coisas em carrinhos de mão. As pessoas comuns viviam, pelo menos a maioria delas, com uma moeda na mão que logo virava comida na boca. A maioria, na falta de caixas refrigeradas para guardar comida ou de um fogão para preparar as refeições, comia todo tipo de besteira imunda que compravam dos vendedores de rua, os pobres viviam dos pobres.

– Alguma coisa em uma cesta? O quê? – perguntei totalmente surpresa e com uma pontinha de sarcasmo, pois certamente o garotinho com cérebro de pulga estava errado. – Rocamboles?

Não, dona Meshle, nada desse tipo. Eu acho que eram papéis.

Você acha que viu essa garota vendendo jornais?

Eu devia ter mantido minha boca fechada ou, no mínimo, controlado meu tom.

– Não, minha... hum, não, srta. Meshle – Joddy havia-se idiotizado por causa do medo e já não tinha mais nenhuma utilidade.

E, de fato, depois de mais algumas tentativas, descobri que não sairia mais nada de bom dele.

– É o bastante. Obrigado, Joddy.

Depois que ele saiu, resmunguei alguns maldades num tom inaudível e apaguei o episódio de minha mente. O menino confuso

provavelmente viu alguma outra garota bonita.

Bebericando meu chá e, eu admito, admirando meus desenhos por alguns minutos antes de queimá-los no fogo, continuei a meditar sobre o caso do desaparecimento da srta. Cecily.

Eu descartei a ideia de que ela tinha fugido para se casar por razões que já mencionei, e também porque dificilmente ela faria isso de camisola! De modo que, ao se preparar para tal escapada, ela escolheria o mais lindo vestido.

Mas supondo que sua escapada, sendo romântica ou não, tenha envolvimento com a área pobre de Londres... bem, a essência permanece a mesma, ela não teria fugido de camisola. Teria usado alguma roupa que a deixasse com uma aparência mais humilde e escondido a camisola para dar a impressão de...

O quê? A impressão de que ela tinha sido tirada da cama por um sequestrador?

E carregada à força pela escada abaixo? Não faz sentido. Impossível, por minha experiência com escadas.

Será que colocou a escada às cegas em sua janela?

E se fugiu por conta própria, como se locomoveu? Será que teve ajuda de alguém?

Eu tinha muitas perguntas e não tinha respostas para todas elas.

Logo, eu toquei o sino novamente.

– Joddy – disse para o garotinho quando ele apareceu –, vá me chamar um táxi.

A srta. Meshle iria às compras.

Mas em nenhuma das lojas que eu normalmente frequentava. Eu pedi para o táxi, que custava seis centavos por quilômetro, me deixar nas redondezas da estação de trem; muito menos caro, já que percorreria uma distância curta até a parte norte de Londres, onde queria visitar um certo estabelecimento comercial em particular: Empório Ebenezer Finch & Filho.

Saindo do trem na estação de St. Pancras – uma construção arquitetônica tão insignificante como nunca vi na vida –, eu andei alguns quarteirões. Como Ivy Meshle, uma garota de escritório comum cuja saia decentemente bate nos tornozelos e não arrasta a cauda pelo chão sujo, eu atraía olhares maliciosos em vez de olhadelas. Desta vez, os cavalheiros de cartola nem notaram minha presença e ninguém sugeriu que seria minha culpa se eu me encrencasse, mas os balconistas me encaravam das portas das lojas, e um operário desempregado me abordou dizendo:

– Olá, amorzinho, tudo bem? Qual é a pressa? Que tal um papinho comigo?

Fingindo que eu não ouvia, sem nem mesmo virar os olhos, eu passei por ele a passos rápidos. Graças a Deus ele não me seguiu como sei que poderia acontecer. De fato, uma garota desajeitada andando pelos subúrbios tinha mais paz do que qualquer mulher decente nas ruas da cidade. E eu achei isso necessário para ignorar várias outras pragas masculinas antes de finalmente ver meu destino.

Aproximando-me do Empório Ebenezer Finch & Filho, senti que meus olhos se abriram ainda mais, pois nunca vi janelas arqueadas e amplas flanqueando a porta de uma loja nem tantos manequins de prata mostrando as últimas modas. E lá dentro, posso acrescentar, a mais surpreendente gama de cores.

Andar ali dentro foi mais do que um choque para minha sensibilidade. As pessoas precisam entender que fazer compras, como eu conhecia, consistia em entrar em um pequeno estabelecimento escuro, ou em uma drogaria, ou em uma confecção, por exemplo, e dizer ao homem vestido de preto atrás do balcão qual de suas mercadorias eu queria, e ele traria um item do depósito ou anotaria uma encomenda. Fazer compras era algo lógico e chato. Mas neste Empório Ebenezer Finch & Filho, brilhantemente iluminado por lâmpadas a gás, mesmo durante o dia, estava tão longe da chatice que atraíam a lógica da mente. E sua mercadoria era tão pomposa, atrativa, envolvente. Nas paredes adornadas, nas madeiras envernizadas dos balcões e até mesmo

pendendo do teto, estavam diversos tipos de mercadoria em demonstração: cintos de tecido, chapéus, luvas, xales, ferramentas e cadeados, brinquedos de madeira e soldadinhos, todo tipo de artigo de cozinha, baldes e latões de água, quepes e aventais, ganchos de metal, pequenas estátuas de louça, enfeites, flores e fitas, grinaldas de renda e *chiffon* – era como se eu entrasse em um redemoinho.

No começo, saturada com as cores, os brilhos e a agitação, mal consegui me dar conta do que havia ao meu redor. Era como se tudo o que eu olhasse estivesse brilhando para tentar me tirar de meu princípio vital, como o relógio de um hipnotizador balançando em sua corrente. Mas, fazendo um esforço para tirar a atenção do espetáculo à minha frente, comecei a notar que as diversas categorias de produtos eram mantidas e exibidas em áreas diferentes, e cada área tinha seu balconista – a maioria era de mulheres, eu vi com certo alívio – atrás de balcões que pareciam se estender por quilômetros. A loja era, necessariamente, bem grande, e quase não dava para ser chamada apenas de loja. Na verdade, esta foi minha primeira experiência com o que depois veio a se chamar loja de departamentos.

Eu imaginava o que a exposição constante a este lugar faria com quem trabalhasse aqui. Chapelheiros ficavam malucos e pintores envenenados; trabalhadores em vestes de algodão ficavam atrofiados, isso se não adoecessem e morressem. Este “empório” também me parecia, de alguma forma, prejudicial à saúde. O quanto tal abundância de coisas bonitas poderia afetar não o corpo, mas a mente?

Em uma posição proeminente, bem ao lado da porta, ha-via um retrato fotográfico dos proprietários: Ebenezer Finch e

o filho. E uma vez que consegui controlar meus pensamentos dispersos, estudei suas aparências com interesse, não tanto a de Ebenezer Finch, mas a de seu filho.

Alexander Finch. O filho de dono de loja, famoso por seu descaramento e acusado de ter seduzido a srta. Cecily Alistair.



Capítulo oitavo



Dentro daquela moldura tão adornada, ele aparentava ser uma pessoa bem comum. De fato, tão normal que me dava a impressão de já tê-lo visto antes. Um efeito produzido, sem dúvida, pela expressão sem vida comum àqueles que posam para uma fotografia.

Vagando pelos departamentos caleidoscópicos da loja, eu queria dar a impressão de que procurava algo para comprar, mas na verdade procurava pelo sr. Alexander Finch.

Eu queria ter acesso a ele. Para chegar a alguma conclusão a respeito de seu caráter. Para adivinhar qual foi o grau de seu envolvimento, se houve algum, com o desaparecimento da srta. Cecily.

Como a sorte estava a meu favor, eu o encontrei quase imediatamente, pois uma voz alta e firme chamou minha atenção.

– Alexander. Um macaco consegue decorar essas vitrines melhor do que você. Olhando na direção da fonte dessa declaração estranha, eu encontrei um escritório – quase um polvo, com diversos tubos pneumáticos de pagamento e recebimento que passavam por todas as áreas da loja –, evidentemente, aquele era o escritório do dono, localizado em um dos cantos, numa plataforma elevada. Através das grandes janelas que, presumo, serviam para que ele conseguisse manter um olho no movimento, pude ver Ebenezer Finch dando uma bronca em seu filho.

– ... cores que as pessoas esperariam que um anarquista revoltado usasse – o pai gritava enquanto apontava um dedo acusatório para seu filho. – Troque-as por alguma cor mais aceitável neste exato momento.

– Sim, senhor – parado com as mãos cruzadas na frente do corpo, o jovem Finch não demonstrava a menor emoção, nem mesmo um traço vermelho de raiva em seu rosto.

– E você não coloque o pé um centímetro além da porta, escutou?

– Sim, senhor.

– Vá cuidar desse assunto e me avise quando estiver pronto. Dispensado, o sr. Alexander Finch abaixou a cabeça e saiu do escritório.

Dando alguns passos largos, esforcei-me para encontrá-lo na ponta da escada em espiral que o trazia até o piso principal da loja. Quase sem fôlego, eu o abordei:

– Com licença, sr. Finch...

– Posso ajudá-la, senhorita? – ele parou de repente para me olhar, parecia bastante amável e prestativo. Até um pouco afetado, talvez. Ele usava óculos de lentes escuras dentro da loja. E, em vez do avental de balconista, usava um lenço azul-pavão com um prendedor em forma de ferradura, um casaco cinza-prateado com botões brancos e abotoaduras bem bonitas. De fato, ele era o equivalente masculino ao estilo da moda, mas que não gastava muito com o que se vestia, como a srta. Meshle. Se ele fosse um sedutor, talvez mostrasse algum interesse em mim...

Besteira. Qualquer comparação seria injusta com a srta. Cecily, que não se parecia com uma girafa em pessoa.

Disse para Alexander Finch:

– Senhor, estou maravilhada com tal estabelecimento que mais parece um palácio, graças a tal variedade de mercadorias. E eu me pergunto se você poderia me mostrá-las... – e então minha voz se tornou um sussurro que só eu pude ouvir – Foi a sra. Theodora Alistair que me mandou aqui para falar com você.

Meu coração acelerou enquanto observava sua reação.

Mas ele mal reagiu, demonstrando apenas um pálido sinal de surpresa, do qual rapidamente se recuperou, caindo em meu truque.

– Se a senhorita seguir por aqui, terei um enorme prazer em ajudá-la.

Ele me acompanhou pela loja, passamos por um balcão onde uma balconista bastante atraente estava parada atrás de mãos brancas, muito bem esculpidas, que exibiam as luvas à venda, passamos por outro onde uma solteirona demonstrava jogos de panelas para um casal, e passamos por vários outros, até que chegamos a um onde estava uma jovem garota alta e magra. Ele disse para ela:

– Suma. Apesar de seu tom baixo e neutro, ela sumiu com os olhos arregalados sem sorrir ou dizer nada – seria medo? Mas talvez esse fosse o jeito de eles se tratarem, afinal, ela era uma jovem garota e ele era o filho do patrão.

Apoiando-se atrás do balcão agora vazio, o Sr. Alexander Finch me disse:

– Aqui temos a última moda em calçados para senhoras.

Teria chamado muito mais atenção, de forma não respeitável, se eu simplesmente estivesse parada falando com ele. Mas assim, cada um de um lado do balcão, poderíamos conversar melhor, pois qualquer um que olhasse pensaria que ele estava apenas atendendo-me, fazendo negócios.

Eu não perdi tempo.

– Lady Theodora decidiu resolver ela mesma o problema – expliquei, ou inventei – para ver o que o sexo frágil, de maneiras extraoficiais, pode descobrir para encontrar a srta. Cecily.

– Com certeza. Algo para a primavera, a senhora diz? – puxando uma das muitas gavetas atrás do balcão, ele pegou um par de botas avermelhadas com saltos delicados, outro de cor cinza-perolado que podia ser abotoado pela frente e não pelo lado e uma de couro com cadarço.

As botas eram de excelente qualidade e bem bonitas, mas eu apenas fingia que olhava para elas enquanto dizia:

Sem dúvida, você deve achar que isso é uma besteira, mas Lady Theodora sente que devemos tentar. Você sabe, a polícia não tem

sido de grande ajuda.

É o que eu diria. Só o que a polícia tem feito é me vigiar, deixando meu pai tão envergonhado que ele sequer me deixa colocar os pés para fora da porta.

Ele disse de maneira tão imperturbável como todo o resto. E até agora eu não tinha conseguido entender, nem um pouco, se ele era bom ou mau.

Você vive com seus pais? – perguntei na falta de algo melhor.

Não, eu fico com os outros balconistas. Sem dúvida, em um dormitório em cima da loja.

Bem, você já diminuiu a vergonha de seu pai, então. Porque ele continua bravo com você?

Porque eu esqueci o lugar ao qual pertenço, como ele diz, e enganei outras pessoas também – ele apontou para uma cadeira colocada ao lado do balcão onde eu estava. – Você se importa em se sentar, cara dama?

Claro que não! – sentei-me de forma abrupta porque meus joelhos estavam debilitados. – Eu não sou... eu não... mereço tal título...

Bem, a qualidade de seu discurso diz que você não é o que aparenta ser, também.

Como não tenho títulos de nascimento, certamente não sou alguém que foi apresentada à corte, sou a filha de um nobre fazendeiro, um membro da pequena nobreza, alguém que não trabalha por dinheiro. E meu sotaque, ou talvez minhas roupas, revelam minha classe. Sentada com minha boca entreaberta, eu me repreendia internamente: tenho de ser mais cuidadosa. Foi por isso que decidi que a irmã noturna seria muda, porque minha voz distintiva poderia me entregar.

Ao mesmo tempo, comecei a entender por que a srta. Cecily passou a se corresponder com esse jovem homem. Por trás de seu exterior insípido, repousava uma grande inteligência – e algumas outras qualidades menos explicáveis.

Na verdade, por um momento, eu me senti um tanto desconfortável quando ele se apoiou nos cotovelos e me estudou através de suas lentes escuras. Isso atrapalhava minha visão de seus olhos e de sua expressão.

E bem quando eu comecei a me esquivar de seu escrutínio, o jovem rapaz quase sorriu. Por um momento houve uma ponta de alguma realização – conhecimento ou triunfo – em seu sorriso afetado. Ele disse:

Eu acredito que já nos encontramos. Posso perguntar qual é seu nome?

Certamente você pode perguntar – respondi, controlando meu tom o máximo possível.

Um minuto se passou até que ele entendeu que eu não responderia. E então ele pareceu abandonar completamente o assunto.

– Eu pessoalmente acho que os cadarços são muito melhores do que os botões, – disse ele, segurando a bota de couro – eles nos poupam o trabalho de abotoar todos os botões e ajustam o couro de modo a ficar mais moldado à perna.

O que não deveria ser tão desejado ou necessário, já que as extremidades baixas não deveriam ser vistas, mas, afinal, às vezes elas ficavam à mostra em breves momentos do caminhar, o que esse jovem rapaz sabia bem. E acho que me senti um pouco estranha ao ouvi-lo insinuar isso. Enquanto ele falava, puxava os cadarços para demonstrar suas funções, pois todo mundo gosta de alguém que lhes afrouxe os cadarços, dando à bota o espaço necessário para o tornozelo entrar.

Mas eu mal olhava para aquilo.

– De fato – minha atenção permanecia em seu rosto redondo, sem expressão e com aqueles óculos. – E se eu sou uma dama, então você deve se considerar um cavalheiro?

– Esse é o ponto. Este país é louco ao valorizar as pessoas de acordo com seus títulos – ele continuava a passar os cadarços na bota. – Por que um preguiçoso que alguém denominou aristocrata

deve ser considerado mais cavalheiro do que qualquer outro homem que tem certa prosperidade, um solene membro das classes trabalhadoras?

Enquanto ele falava essa besteira ultrajante, senti que a paixão aflorava em sua calma aparência. Sem saber onde aquilo ia dar, perguntei cuidadosamente:

– Então você é a favor da democracia? – uma pergunta chocante até mesmo para alguém que havia sido criada por uma sufragista. Mas ele respondeu:

– Eu desprezo todos os tipos de rótulos – certamente ele estava quase zombando, deixando de lado a bota de couro, parecendo agora que estava se enforcando com os cadarços. – Eu não julgo ninguém. Eu posso ser amigo de qualquer pessoa – continuou, com um pouco mais de violência – e se alguém precisa de ajuda, eu vou ajudar, seja essa pessoa uma mera arrumadeira ou...

O jeito que ele interrompeu a frase nesse ponto me deu a pista que eu precisava.

– A srta. Cecily precisava de ajuda?

Sua voz dura se tornou mais baixa, mas não exatamente mais macia.

– Um pneu vazio de sua bicicleta. Foi só isso. Eu estava na rua, cumprindo algumas obrigações e a ajudei a arrumá-lo, e tivemos que conversar.

Alexander! – rugiu uma voz masculina ali perto. O rapaz em questão levantou a delicada bota avermelhada.

Para fazer o pedido, senhorita, tudo o que precisa fazer é nos enviar a medida de seu pé direito... O sr. Ebenezer Finch surgiu apressado e com raiva.

– Alexander, eu te falei... oh – ele parou, um pouco envergonhado. – Entendi. Você está ajudando uma cliente. Era muito estranho, eu pensei, pois enquanto o pai era tão nervoso, o filho parecia tão estoico. Mais do que estoico. Quase de madeira.

Depois que seu pai se afastou, sem se abalar com a interrupção, o jovem homem me disse:

– A srta. Cecily é um tipo de garota bem séria. Ela leu *O capital* e nós discutimos a exploração das massas.

O capital? Eu havia ouvido alguns sussurros sobre esse livro, e ele era considerado surpreendente, não, mais do que surpreendente, “nem um pouco bom”, simplesmente deplorável. Entretanto, com tanta gente falando dele em voz baixa – gente de baixa reputação, por exemplo –, eu não tinha a menor ideia do que se tratava, para ser sincera.

Entretanto, o sr. Alexander Finch parecia não precisar de minha compreensão para continuar falando:

– A srta. Cecily considerou nosso encontro um golpe de sorte. Ela queria que eu lhe mostrasse o proletariado.

Proletariado? Um edifício do governo, talvez?

– E não apenas as domésticas, os balconistas e os artesãos, mas as verdadeiras massas de trabalhadores braçais, oprimidos pelas fábricas – o sr. Alexander continuou. – Naturalmente, fui obrigado a levá-la. E acabamos nos correspondendo, por certo tempo...

Oh! – eu o interrompi.

Perdão, há algo errado?

– De maneira nenhuma – eu havia feito tal exclamação porque naquele momento eu percebi como e por que os desenhos a carvão da srta. Cecily haviam sido feitos.

– Você a levou até a região das docas, os albergues, St. Giles e o mercado de peixes em Billingsgate.

– Como você sabe disso? – percebi um sinal de desconfiança em sua sobrancelha que até agora permanecia macia como um queijo fresco. – Foi isso mesmo. Ela saía para pedalar com suas amigas, planejando me encontrar, e eu a acompanhava para ver como a maioria das pessoas da cidade mais famosa do mundo vivem.

Marx. Eu agora me lembrava. Um homem horroroso chamado Karl Marx havia escrito *O capital*.

– A srta. Cecily é uma marxista? – sussurrei, pois não podia falar tal coisa em voz alta.

– Eu já disse, eu não vejo utilidade em tais rótulos – estava muito claro que o jovem rapaz zombava de minha capacidade intelectual.

– Minhas desculpas – disse humildemente, pois minha formação como a desgraça da família Holmes me deixou acostumada a ser olhada de cima para baixo. (Literalmente, neste caso, já que eu estava sentada na cadeira e Alexander Finch estava em pé atrás do balcão.) – Desculpe-me por aborrecê-lo com tantas perguntas. Apenas me deixe fazer mais esta: por que a srta. Cecily desejava tanto ver o... ahn... proletariado?

Porque pela educação ela não saberia, é claro. Ela fazia muitas perguntas. Por que havia tantas lojas de penhor. Por que a mulher do leite puxava um burro. O que era toda aquela gordura e de onde ela vinha. Por que as crianças faziam caixinhas de presente e as mulheres pobres costuravam sacos de estopa.

Mas ela devia querer toda essa informação por alguma razão. Quais eram seus planos?

Seu tom de voz, apesar de ainda bem calmo, tornou-se um pouco menos agradável.

Para me fazer de bode expiatório, pelo que estou vendo. De maneira alguma essa era a resposta que eu estava esperando.

O que você quer dizer?

O que poderia ser mais claro? – ele imitou minha surpresa.

– Ela fugiu para algum lugar enquanto eu levo a culpa. Um tanto quanto sem jeito eu sugeri:

Talvez ela não tenha-se dado conta de que culpariam você.

Então, para que a escada?

Eu continuei sentada em silêncio, sabendo muito bem a razão da escada: para que a família da srta. Cecily, que achava que ela era uma garota que desenhava apenas quadrinhos bonitinhos, pensasse que ela havia fugido com algum sedutor, a bobinha.

E a verdade era que uma garota que leu Marx poderia ser capaz de tudo.

Perguntei ao sr. Alexander Finch:

Mas ela não lhe confidenciou nada? Você não tem ideia para onde ela pode ter ido?

Eu não sei nada a respeito disso – disse o jovem rapaz, arrumando as botas de modo que formassem uma linha reta sobre o balcão –, mas eu acho que ela saiu pela porta da frente e ela mesma colocou a escada lá.

Capítulo nono

Voltando para a estação de St. Pancras, eu parei em uma livraria.

– O *capital*, de Karl Marx – disse ao cavalheiro corpulento que estava atrás do balcão. Ele não se mexeu. Na verdade, parecia que ele havia sido transformado, como vários desafortunados dos contos de fadas, em pedra; com exceção da boca, que abria e fechava várias vezes.

– Eu lhe asseguro – disse – que, depois de dar uma rápida olhada em seu conteúdo, pretendo encapá-lo com pano de chão e deixá-lo segurando a porta.

Sua boca se alinhou num formato de desaprovação antes de perguntar:

– A tradução para o inglês, senhorita, ou o original em alemão?

– Em inglês, é claro – será que eu tinha aparência de uma pessoa estudada? Será que eu falava como uma pessoa estudada? Ah, Deus, preciso tomar mais cuidado com meu sotaque, aquele que Alexander Finch já havia notado.

Eu não sabia mesmo o que pensar de Alexander Finch. Fui capaz de perceber muito pouco em seu rosto, mas seu jeito, às vezes, era bem estranho. Não chegava a ser inoportuno, mas era discretamente peculiar. Mesmo assim, simpatizei com ele, pelo modo como lidava com o temperamento de seu pai; eu admirava seu estoicismo e apreciava sua força de vontade de ser sincero comigo. Sua teoria de que a srta. Cecily havia saído pela porta da frente e colocado a escada em sua própria janela me chamou a atenção. É o tipo de coisa que eu teria feito.

Contudo, saí da livraria com meu pacote pesado e sentindo que não havia aprendido muito.

E depois de analisar trechos de *O capital* naquela tarde, na privacidade do meu quarto, eu senti que, apesar de ter aprendido o que “proletariado” significava – é como as pessoas comuns são nomeadas –, acabei sabendo menos do que sabia antes. A srta. Cecily se convertera ao marxismo depois de ler esse livro? Eu havia estudado Hobbes, Darwin e até *O martírio do homem*, de Winwood Reade, com certo interesse, mas Marx... eu tenho que admitir que Marx me dava sono.

E adormeci profundamente. Acordei na manhã seguinte imaginando que tipo de intelecto possuía a srta. Cecily para conseguir apreciar tais besteiras rarefeitas.

E o que, considerando algumas de suas declarações surpreendentes, Alexander Finch andava lendo.

E se a srta. Cecily havia realmente saído pela porta, por vontade própria, o que ela vestia, onde havia ido e com qual propósito?

Mas todas essas questões fugiram de minha mente sem serem resolvidas quando eu me sentei no escritório, bebericando meu chá e olhando os jornais, e, na coluna de correspondência pessoal da *Gazeta Pall Mall*, li o seguinte:

**245255 3315 1534233534454315 14152243115144
3351441551
124324451134241335 1324341335 23352515
331115**

Peguei papel e lápis, anotei as letras do alfabeto em linhas de cinco letras, e então comecei a trabalhar.

245255. Segunda linha, quarta letra: I. Quinta linha, segunda letra: V. Quinta linha, quinta letra: Y.

IVY.

Era para mim!

Ansiosamente eu trabalhei no enigma. E quando estava totalmente decifrado, a mensagem dizia:

IVY ME ENCONTRE DEGRAUS MUSEU BRITÂNICO CINCO HOJE MÃE.

Oh.

Oh!

Tão depressa, tão inesperado, desse jeito, vou ver minha mãe de novo? Eu sentia como se meu coração houvesse parado.

E com a mesma rapidez, ele recomeçou, batendo forte e rápido como os tambores do exército, enquanto uma grossa mistura de emoções se lançou sobre mim. Eu amava mamãe. Eu a odiava. Ela havia-me abandonado. Ela havia-me salvado. Ela não me amava. Mas ela havia-me dado a liberdade ao me deixar uma grande soma em dinheiro e ao me criar dessa maneira. Sua independência teimosa, sua dura batalha pelos direitos das mulheres...

Espere um minuto.

IVY ME ENCONTRE DEGRAUS MUSEU BRITÂNICO CINCO HOJE MÃE.

O Museu Britânico? Aquela instituição desprezível? Mamãe tinha nojo do Museu Britânico por seus contínuos insultos às mulheres bem-educadas. “Degraus Museu Britânico” parecia o lugar menos indicado para um encontro.

E, naquele momento, no momento em que a dúvida penetrou em minha mente, eu descobri que, obstante aos sentimentos contrários, eu queria ver minha mãe. Eu ansiava por isso. Eu ainda tentei desesperadamente acreditar que, de qualquer forma, mamãe havia escolhido o Museu Britânico pura e simplesmente porque era um local de encontro bastante conveniente, localizado no meio de uma área respeitável da cidade.

Mas, ao mesmo tempo, quase podia ouvir sua voz dentro de minha cabeça dizendo: “Enola, pense”.

Eu pensava.

E meus pensamentos não me traziam conforto. Esta mensagem não tinha sido feita com nosso código de flores de maneira nenhuma. Mamãe não teria dito “me encontre”, ela teria feito alguma referência ou ao morrião vermelho ou ao visco, ambos usados por muito tempo como símbolos de encontros secretos. Ela não teria dito “mamãe”. Em vez disso, ela teria dito “seu crisântemo”, que significava mãe.

Conclusão inegável: esta mensagem não havia sido colocada no jornal por ela.

Mas eu ainda queria acreditar que poderia ter sido a mamãe. Quem mais poderia...

Oh, não.

Eu sabia quem.

E pensando nele, em meu irmão bastante esperto, eu tive que dizer algo bem maldoso.

– Ai, minha anquinha!

Tal era meu grau de perturbação que ficou difícil manter minha mente concentrada. Eu tentei no máximo me manter capaz de terminar de analisar os outros anúncios em todos os jornais. No caso de realmente haver alguma mensagem de mamãe.

Não havia, claro. Na verdade, ainda era um pouco cedo. Correspondências levavam uma semana ou mais para chegar. Como eu não fazia ideia de onde os ciganos passavam o inverno, imaginei mamãe em algum lugar longínquo no interior, e levaria tempo para que ela recebesse as publicações por correio, decifrasse minha mensagem, checasse os horários de trens e enviasse uma resposta.

E, como ela poderia vir para Londres de trem, ela não marcaria um encontro em uma, ou perto de uma, estação de trem? Certamente ela não faria.

Museu Britânico, que enganação. Seja quem for que tenha colocado aquele anúncio, tinha suas próprias considerações em mente e não as de mamãe.

Seja quem for? Humpf. Eu sabia muito bem que fora Sherlock.

Contudo, levei algumas horas e tive uma dor de cabeça para formular a hipótese sobre quão perturbadora essa reviravolta dos acontecimentos poderia ser, para depois decidir o que fazer.

Por sorte, a excelente secretária do dr. Ragostin havia guardado o endereço do dr. Watson.

No começo da tarde, peguei um táxi para o escritório do médico e me encontrei parada em frente a um modesto consultório-residência, em uma rua lateral, na área noroeste de Londres.

Um jovem contínuo, de quem Joddy poderia copiar as maneiras, guiou-me até uma pequena e levemente prosaica salinha de espera e informou-me que o doutor havia saído e que em breve retornaria, pois suas consultas começariam a uma hora. O relógio de pêndulo num dos cantos mostrava que ainda faltava quinze minutos para o horário. Eu fiquei feliz em esperar.

Quando o relógio marcou uma hora, um homem grande com um papo gigante e um porteiro uniformizado mancando se juntaram a mim na sala de espera. Entretanto, eu fui levada primeiro para o consultório.

Assim como a sala de espera, o consultório era pequeno e um pouco decorado com algumas tapeçarias e cortinas.

– Senhorita, hum... – parado em pé, atrás de sua mesa para me cumprimentar, o doutor de olhos bondosos me reconheceu, mas não se lembrava de onde.

– Srta. Meshle, do escritório do dr. Ragostin.

– Srta. Meshle! – seu sorriso iluminou seu rosto comum, deixando-o positivamente encantador. – Por favor, sente-se – ele fez menção à cadeira do paciente e sentou-se novamente atrás de sua mesa. – E a que devo esse prazer inesperado?

Seus modos eram tão amigáveis e abertos que acredito ter ruborizado. Eu teria adorado ser filha desse homem.

Até aquele momento, apesar de sempre pensar como seria bom ter amigos ou – ou uma família, eu suponho, não uma família estranha e dispersa, mas uma família real que passa as noites juntas lendo na sala de estar –, ainda assim, eu não havia me dado conta do quanto gostaria de ter um pai. Meu pai havia falecido quando eu tinha quatro anos de idade e até aquele momento eu não havia sentido falta dele.

Mas agora eu estava sentindo.

Eu, hum, creio que o assunto não vá lhe tomar muito tempo – disse vacilando, surpreendida por meus próprios sentimentos. – O dr. Ragostin esteve, ah, revendo seu caso e, hum, enviou-me para lhe fazer uma pergunta.

Em todo caso. Estou feliz em saber de seu interesse. Ainda ontem eu estava dizendo que deveria passar em seu escritório para perguntar... e agora aqui está você. Por favor, continue.

O dr. Ragostin gostaria de saber se o sr. Sherlock Holmes esteve acompanhando certas criptografias nas colunas de correspondência pessoal da *Gazeta Pall Mall*?

Holmes sempre lê as “colunas da agonia” de todos os maiores jornais – respondeu Watson.

Sim, mas alguma criptografia em particular? Você notou algo em sua mesa, por exemplo, quando o visitou?

– Ah, sim, mas não tinha nada a ver com o jornal. Criptografias, sim, mas elas vinham de um pequeno livrinho feito à mão, com aquarelas de flores pintadas nele. Não é o tipo de coisa que alguém esperaria encontrar em cima da mesa de trabalho de Holmes. É um hobby de mulheres. Mas Holmes pegou de minha mão quando tentei dar uma olhada nele mais de perto. Era o que eu temia. Senti-me um pouco fraca e fechei os olhos.

– Srta. Meshle? Eu sei que não está aqui para me visitar como médico, mas... está doente?

– Apenas uma dor de cabeça terrível, dr. Watson.

Uma bela dor de cabeça, na verdade. O “hobby de mulheres” havia de ser meu livro de criptografias, criado por mamãe e dado

para mim no fatídico dia de meu aniversário de quatorze anos, para que as mensagens secretas ali contidas me dissessem onde sua fortuna estava escondida. E era, de fato, minha recordação mais preciosa de mamãe. Mas, em meu primeiro dia em Londres, ele foi roubado por um assassino enquanto eu estava inconsciente e achei que o havia perdido para sempre.

Agora, entretanto, percebi o que deve ter acontecido: quando o inspetor Lestrade, da Scotland Yard, apareceu para prender Cutter, ele fez uma busca na cabine do barco. Encontrou esse pequeno livreto florido, impróprio o bastante para aquele lugar, e o mostrou para seu amigo Sherlock Holmes. Ou talvez o grande detetive estivesse lá para analisar o lugar e encontrou, ele mesmo, o item em questão.

E reconheceu a letra de sua mãe.

E por isso meus irmãos ficaram sabendo de meu bem-estar financeiro. Depois de resolver as criptografias, Sherlock deve ter feito certos questionamentos na casa onde passamos nossa infância, Ferndell Hall.

Ao mesmo tempo, deduziu que havia uma conexão com as criptografias que vira nas correspondências pessoais da *Gazeta Pall Mall*, criptografias que mencionavam “crisântemo” e “ivy”. E tenho quase certeza de que ele havia resolvido todas elas. Ele esteve monitorando, pelo que parece, as comunicações entre mim e mamãe.

E agora tinha colocado seu próprio anúncio como armadilha para mim.

– Srta. Meshle – o dr. Watson parecia preocupado. – Você não me parece nada bem.

Depois de tirar minha pressão e perguntar o que eu havia comido no almoço, o bom doutor me deu um brometo e me fez deitar na maca em sua sala de exames, enquanto atendia os outros

pacientes. Talvez tivesse passado uma hora antes de enfiar a cabeça na sala e perguntar:

– Alguma melhora?

Tirando o cobertor de lã com o qual havia-me coberto, eu me sentei para falar com ele.

– Muito melhor, obrigada, dr. Watson – e era verdade.

Aquela hora de descanso havia-me dado tempo para relembrar o rosto de minha mãe e sua frase habitual: Enola, você vai se sair bem sozinha. E assim eu me acalmei.

E cheguei a uma decisão.

E formulei um plano.

Pois eu precisava estar em posição às cinco horas, e já havia passado das três.

Dr. Watson se recusou a aceitar o valor da consulta. Agradecendo-o muito, fui embora em direção ao ponto de táxi na esquina.

– Baker Street – disse ao condutor.

Uma vez dentro da charrete de quatro rodas, fechei as janelas. E enquanto nos movimentávamos pelo tráfego de Londres, removi o máximo do personagem Ivy Meshle que pude. Arranquei meu chapéu barato que precisei sacrificar enfiando embaixo do banco do táxi. Tirei a bela-mas-falsa franja que formava cachos em minha testa e a enfiei em um bolso e tirei o coque, que também escondi. Tirei os brincos verdes de vidro, o colar apertado e as outras bugigangas. De meu peito, onde eu havia dito que mantinha uma variedade de itens úteis, puxei um cachecol, com o qual enrolei minha cabeça, que agora estava sem nenhum adorno. Fechei meu casaco para que cobrisse a maior parte do vestido. Contudo, deixei nas bochechas e narinas os artifícios que as deixavam com outra aparência.

Abrindo as janelas, olhei com interesse, vendo a residência de meu irmão pela primeira vez, quando o táxi passou pela Baker Street, 221: apenas uma das muitas portas numeradas em uma

parede de lojas e residências, um lugar comum até demais para que uma pessoa tão extraordinária como Sherlock Holmes residisse.

Mas esperei até passarmos pela próxima esquina, antes de bater no teto para que o condutor parasse.

E uma vez em pé, eu andei de volta até o número 221, pelo lado oposto da rua, esperando não ter que ficar parada no frio por muito tempo. E também me perguntando como poderia ficar ali parada sem ser notada. E, naquele tempo gelado, havia menos pessoas na rua do que o normal, apesar dos vendedores de jornal que continuavam gritando para viver:

Horrível assassinato em Whitechapel; leia tudo sobre isso! E vendedores de peixes empurrando seus carrinhos de mão:

Peixes frescos, ostras vivas, frutos do mar.

E toda embrulhada em uma capa de chuva, uma mulher pobre tentava vender ninharias em uma cesta.

– Laranjas, cadarços, novidades!

Eu parei para ver o que ela tinha. Além das já mencionadas laranjas, que deveriam ser chamadas de “marrons”, e dos cadarços para botas, ela oferecia alguns limpadores de bico de pena, feitos de retalhos de tecido, mas que não eram recortados da maneira usual, em quadrados: estes tinham formatos de flores e borboletas.

– Inteligente – disse pegando um. – Você mesmo os fez?

– Fui eu que fiz, madame, apesar de que meus olhos estão quase cegos de tanto trabalhar.

Ela trabalhava neles à luz de velas, lampiões, ou talvez até sob a luz de um poste de rua, pobrezinha, já que precisava de uma boa luz para costurar aquelas coisas delicadas.

Segurando um limpador azul de algodão, com o formato de um passarinho, eu perguntei:

Quantos deles você vendeu?

Não tantos quanto eu queria, madame – seus lábios rachados tremiam; de fato estávamos as duas tremendo de frio. – Nas ruas

mais chiques, onde as pessoas podem gastar um centavo ou dois, os guardas me expulsam, expulsam mesmo.

– Então você vive nas redondezas?

– Não, madame. Em Southwark, madame, mas ninguém quer isso por lá.

Eu imaginava que não. Southwark, do outro lado do Tâmis, era o lugar dos teatros de baixa reputação, das jogatinas, das lutas de cães e coisas parecidas.

Eu disse a ela:

– Eu lhe dou um guinéu por tudo o que você tem, a cesta e tudo. E troco meu casaco por sua capa de chuva.

Ela me encarou assustada, mas teve o bom-senso de não fazer perguntas. E ela se foi feliz, usando meu casaco e com uma boa soma de dinheiro na mão, e eu fiquei usando sua capa de chuva, carregando sua cesta e gritando com um sotaque igual aos pobres:

– Laranjas, cadarços, novidades!

Um bom artifício, e até necessário, pois eu caminhei para cima e para baixo naquele quarteirão da Baker Street por um bom quarto de hora (e vendi dois limpadores de bico de pena!), antes de ver Sherlock Holmes saindo de sua casa.

Ele não estava vestido com roupas de cavalheiro, é claro. Em seu plano de me capturar, ou o que ele achava que faria, ele havia-se disfarçado apenas o suficiente para que eu não o notasse ou reconhecesse quando fosse tarde demais. Portanto, ele estava vestido como um trabalhador comum, com um cinto de couro em volta da cintura, uma camisa de flanela e um boné de pano de onde seu cabelo caía sobre sua testa.

A passos largos na direção do Museu Britânico, ele passou por mim sem olhar. Além de deixar o cabelo cair na testa, ele não fez nada com o rosto. Com um golpe no coração, eu vi que seu rosto de falcão, de fato, parecia pálido e angustiado, como seu amigo Watson havia-me dito.

Silenciosa, sofrendo internamente, eu fiquei olhando enquanto ele passava.

Respirei fundo e soltei o ar.

E então comecei a andar.

Parando em um armazém, coloquei minha cesta no chão e, com meu pé, chutei-a para baixo de uma barraca de maçãs. Então, comprei uma fatia de cebola.

Indo em direção ao número 221, passei a fatia no lençinho e o segurei perto dos olhos, que prontamente começaram a lacrimejar.

Muito bom.

Nesta época cruel do ano, a rua já estava escura. Sem dúvida, meu irmão havia escolhido essa hora para que seu plano fosse favorecido. Já estaria bem escuro quando Sherlock chegasse aos degraus do museu onde...

Ah, mamãe, e se eu estivesse terrivelmente errada? E se você estivesse-me esperando lá, afinal?

A cebola em meu lenço acabou sendo desnecessária, pois, ao pensar nisso, comecei a chorar.

Capítulo décimo

Uma velha mulher vestindo uma blusa simples e respeitável e uma saia atendeu, olhando atenta, mas não assustada, e me vendo chorando na frente da porta.

O... sr. Sherlock Holmes... está? – perguntei entre um soluço e outro. Eu havia-me esquecido de falar com um sotaque (“senhor ‘Olmes”) que combinasse mais com minha aparência, mas por conta das lágrimas talvez ela não tenha notado.

Deus te abençoe, querida, mas ele acabou de sair – enrolando-se ainda mais no xale para falar comigo, a sra. Hudson, com seus cabelos prateados, demonstrava ser uma alma bondosa. Eu conhecia a governanta, é claro, pelos escritos do dr. Watson, mas me lembrei de não chamá-la pelo nome.

Eu lamentei.

Mas... mas... eu... preciso... vê-lo esta tarde.

Eu não sei quando ele volta, senhorita.

– Não... me importo. Estou com um problema... tão grande. Eu posso esperar.

– Mas ele pode demorar horas – tremendo, apesar do xale, ela retrocedeu alguns passos para dentro da casa, preparando-se para fechar a porta. – Por que você não volta mais tarde?

– Eu vou esperar – disse choramingando e, rapidamente, me sentei no degrau gelado da porta.

– Abençoada seja, querida, você não pode esperar aí. Vai congelar. Entre, entre. E como eu esperava, ela me levou para cima e me mostrou a sala de estar de meu irmão.

– Minha nossa! – murmurei, esquecendo de mim mesma na surpresa de ver aquela bagunça; nunca tinha me aventurado na

residência de um solteirão antes. Eu sabia, é claro, pelos escritos do dr. Watson, que ali havia tabaco (na ponta de um sapato persa, e não menos!), um violino (instrumento e arco colocados cuidadosamente em cima de uma cadeira), cartas com letras recortadas enviadas por um sequestrador, buracos de balas nas paredes, e assim por diante. Mas não estava preparada para o que encontrei. Nenhuma flor. Nenhuma almofada de renda. Nenhuma saia franzida em cima da cadeira. Ser um homem, aparentemente, é a falta de habilidade de ser uma mulher.

A sra. Hudson olhou com reprovação para os livros e papéis largados por todo o lugar.

– O sr. Holmes é muito organizado com suas roupas e seus hábitos pessoais, mas não na arrumação da casa – ela se desculpava por ele. – Ele é um cavalheiro de verdade. Seja qual for seu problema, ele fará o melhor que puder para ajudá-la, senhorita, e não se preocupe se consegue pagá-lo ou não.

Suas palavras fizeram brotar lágrimas frescas em meus olhos, pois, apesar de seu truque para me pegar, eu queria acreditar em toda a bondade de meu irmão.

Quer que eu guarde sua capa, senhorita? – e ela começou a puxá-la de meus ombros.

Não – eu puxei a capa e a enrolei em mim, para não revelar as vestimentas de Ivy Meshle. – Não – emendei –, muito obrigada. Estou com frio.

Bem, senhorita, então se sente – a doce velhinha retirou os jornais de uma poltrona perto da lareira para mim. Trarei um pouco de chá.

E saiu da sala.

Tão logo ela fechou a porta atrás de mim, eu me levantei, atravessei a sala o mais silenciosamente que podia e fui até a mesa de meu irmão, deixando cair lágrimas impacientes de meus olhos. Pela vista borrada por lágrimas, eu vasculhei uma pilha de papéis e não encontrei o que procurava, enquanto os jogava para o lado.

Sobre a mesa agora limpa, eu vi apenas a luminária e os objetos de escrita.

O objeto de minha busca poderia estar em qualquer lugar da sala, é claro, mas eu percebi que meu irmão, apesar de jogar seu violino em cima de uma cadeira, seria muito cuidadoso com uma pista importante. Eu tentei olhar nas gavetas.

Trancadas.

Enfiei a mão dentro da capa de chuva para pegar meu broche, ou seja, minha adaga, e coloquei sua lâmina fina no buraco da fechadura e remexi o mecanismo.

Eu tenho que admitir que não me faltava experiência na arte de abrir fechaduras. Qualquer criança com espírito de aventura e que foi criada entre despensas bem trancadas e muitas coisas gostosas aprende a cutucar fechaduras.

Com um clique, a fechadura se comunicou comigo. Devolvendo a adaga ao seu disfarce de broche, abri a gaveta.

Eu esperava ver pontas de pena, papéis de rascunho, réguas de madeira, coisas desse tipo.

Nada disso meus olhos viram.

Em vez disso, a gaveta emoldurava um tipo de vinheta da peculiar vida de meu irmão. Eu vi de relance um revólver, uma caixa de balas, um pequeno vidro com algum líquido de limpeza caído ao seu lado, uma seringa e uma agulha (como as que os médicos usam) em uma caixinha de veludo aberta, e uma bela foto de uma linda mulher – objeto que me causará muita curiosidade quando tiver tempo de pensar nele.

Mas eu vi todas essas coisas apenas na memória; pois, no momento, minha atenção se voltou totalmente para o que estava em cima de tudo.

Com os dedos tremendo, eu o peguei: precioso, pintado e escrito à mão, o livrinho de criptografias que minha mãe havia criado para mim. E recomecei a chorar ao vê-lo novamente. Mas não havia tempo para que eu o abraçasse, ou beijasse, ou fizesse algo desse tipo. Eu já ouvia os passos da sra. Hudson subindo as escadas.

Abrindo minha capa de chuva, enfiei o livrinho de criptografias embaixo da blusa. Fechei a gaveta, dei três passos leves de volta para a poltrona e, assim que me sentei com a capa de chuva enrolada em mim, a sra. Hudson entrou carregando uma bandeja.

Tome um pouco de chá, senhorita – ela despejou e me serviu aquela bebida salvadora de vidas e, para minha surpresa, ela serviu uma “xícara” para si mesma e sentou-se para me fazer companhia.

Ainda está com frio, querida? Por que você não deixa essa capa de chuva um pouco mais solta para aproveitar melhor o chá?

Eu balancei minha cabeça, sem dificuldade para agir como uma moça incoerente, à beira da histeria por causa das preocupações (pois eu estava um pouco preocupada), mas pensando que isso não daria certo. Talvez eu houvesse exagerado em minha atuação. E se a sra. Hudson estivesse planejando me paparicar até meu irmão retornar?

– Quer um pedaço de bolo de nozes? – e me ofereceu um prato. Balancei a cabeça de novo.

– N... não, obrigado. Eu, hum, senhora... – parei de falar bem a tempo.

– Hudson, querida.

– Sra. Hudson, eu gostaria de saber onde... – qualquer um poderia fingir que enrubesceu, mas não foi preciso, eu fiquei vermelha de verdade, pois sou realmente uma pessoa tímida –... a natureza chama – murmurei. – Deve haver algum...

– Ah, pobrezinha, é claro – e a alma bondosa quase pulou da cadeira. – Espere só alguns momentinhos, tudo bem? Eu preciso, ah, ver como ele está.

O banheiro, eu sabia, tinha que estar localizado bem no fun-do do primeiro andar, perto da porta dos fundos, pois tais “conveniências” que ficam dentro de casa acabam deixando entrar o fedor do esgoto; por isso, ninguém os quer perto da cozinha ou da sala de estar. E a sra. Hudson precisava inspecionar sua condição, perfumá-lo e providenciar um pouco de água quente e algumas toalhas limpas, antes de me levar até ele.

No momento em que o som de seus passos desapareceu no andar de baixo, eu me coloquei de pé, andei pé ante pé até a porta da sala de meu irmão, e silenciosamente a abri. Depois de prestar atenção, não ouvi nada que me alarmasse e então saí, deixando a porta entreaberta atrás de mim, para não fazer qualquer som desnecessário de porta se fechando. Desci a escada suavemente e escapei pela porta da frente da casa sem nenhuma interferência, pois, sem dúvida, a sra. Hudson ainda estava ocupada tentando cumprir meu embaraçoso pedido. Provavelmente, ela ouviu a pesada porta da frente se fechando atrás de mim. Mas eu corri e a distância até o ponto de táxi da esquina não era muito grande.

O condutor lançou um olhar de interrogação para tal moça com aparência de doente, mas eu joguei uma moeda para ele e pulei para dentro de sua carruagem.

– Para o Museu Britânico! Qualquer surpresa ou resistência de sua parte se amoleceu com a moeda de ouro em sua mão, ele obedeceu prontamente.

Eu puxei o capuz da capa de chuva o mais rápido que pude para ocultar o meu rosto. Impacientemente, tentei limpar as lágrimas com as mãos. (Em algum lugar eu havia perdido meu lenço com cebola e tudo.) Agora limpa, tentei me recompor. Eu estava prestes a fazer algo arriscado, até um pouco idiota, e precisava recobrar minha razão.

O táxi encostou perto dos degraus do Museu Britânico.

Em vez de sair, eu espiei pela janela do táxi. Não tive dificuldade em encontrar meu irmão Sherlock encostado em uma das veneráveis imitações de colunas gregas daquela instituição, fumando um cigarro, era a imagem perfeita de vagabundo sem nenhum valor. Provavelmente, em breve, algum policial iria se aproximar e dizer para ele sair dali. Quanto à mamãe, não havia nenhum sinal dela. Se por algum acaso a mensagem tivesse sido enviada por ela – se tivesse sido interceptada por Sherlock, em vez de ter sido enviada por ele –, se mamãe tivesse aparecido, obviamente, meu irmão não estaria mais vagando por ali como estava.

Com um suspiro de alívio, eu sorri. Eu estive certa o tempo todo. Mamãe estava segura em algum lugar do interior e Sherlock estava tentando ser mais esperto que sua irmã mais nova. Quando ele voltar para casa, vai descobrir quem era mais esperto.

O condutor apareceu na porta.

Senhorita?

Continue em frente – disse.

Aquela noite inteira, aquecida pela humilde lareira de meu quarto, eu acariciei meu recém-recuperado livrinho de criptografia. Tal felicidade de ver novamente aquela primeira página com os desenhos, cuidadosamente feitos à mão por mamãe, de crisântemos vermelhos e dourados ao redor das letras escritas à mão ALO NEE RUC ORP SON SOM ETN ASI RCE AMA MED. E algo novo. Na mesma página, Sherlock havia escrito a solução:

ENOLA PROCURE NOS CRISÂNTEMOS DE MAMÃE.

Na página seguinte, decorada com anêmonas, ele havia marcado: VEJA DENTRO DAS MINHAS ANÊMONAS ENOLA. E assim por diante, ele havia resolvido a criptografia das heras na cerca de madeira (ENOLA OLHO NO PUXADOR DE MINHA CAMA). Na verdade, ele havia decifrado todas as mensagens, incluindo uma que eu não tinha conseguido. Em uma página decorada com amores-perfeitos: SOSSEGUE SEU CORAÇÃO ENOLA VEJA EM MEU ESPELHO. Com um choque, eu fiquei imaginando qual espelho e o que meu irmão havia encontrado atrás dele. Talvez não tenha sido só uma soma em dinheiro? Talvez um bilhete de mamãe demonstrando arrependimento, ou preocupação, ou se despedindo, ou até mesmo...

Eu me impedi de continuar até chegar à palavra amor. Minha mãe tinha coisas mais importantes para fazer. Ela era uma mulher de personalidade, intelecto e princípios. Uma sufragista, incansável em

sua devoção aos assuntos que dizem respeito aos direitos do sexo frágil. Uma livre pensadora. E uma artista.

Uma artista muito boa, como fica evidente pelas adoráveis, ou, escolhendo outra palavra, primorosas flores que enfeitavam o livrinho em minhas mãos.

Enquanto eu admirava o trabalho de mamãe, percebi que minha atenção se voltou para as anotações de meu irmão. Ele havia escrito de maneira tão leve que eu poderia facilmente apagá-las, para que meu livro voltasse a ser do jeito que mamãe havia-me dado. Mas, para minha surpresa, descobri que queria manter as intromissões de Sherlock. Eu queria possuir algo de meu irmão, mesmo que fossem suas pequenas e precisas letras sobre as flores artísticas de minha mãe.

A caligrafia diz muito sobre uma pessoa, em minha opinião, tanto sobre o que essa pessoa mostra claramente quanto sobre o que ela pode estar escondendo. Eu sempre pensei em meu irmão Sherlock como o grande detetive, incisivo e autoritário, mas sua caligrafia era tão pequena quanto a de mamãe. Ele não pensa em si mesmo como alguém tão grande. Ele deve até ser um pouco tímido como eu, mas do jeito dele.

Apesar de ser uma pessoa que leva a lógica muito a sério. A belíssima letra de minha mãe demonstra seu temperamento artístico e igualmente, eu acho, demonstra suas aspirações, seu idealismo, seus sonhos. Mas, na letra de meu irmão, nada de sonhos. Ela tem o realismo negro dos cientistas.

Contudo, pensei com cuidado, sob circunstâncias diferentes, talvez uma carta para um amigo, com letra de mão em vez da letra de forma, possa demonstrar mais o coração. As pessoas podem ter diferentes tipos de caligrafia. A srta. Cecily, por exemplo.

Talvez não seja o melhor exemplo. Suas caligrafias eram muito diferentes. Se, por um lado, suas anotações e cartas eram perfeitas, corretas e modestas, por outro, sua letra escrita de trás para frente era grande, infantil e rabiscada...

Mão.

E, de repente, enquanto eu relaxava afundada na poltrona em frente ao fogo, sem nenhum pensamento de cumprir alguma coisa ou encontrar alguém, ocorreu-me uma lembrança rápida da escrivainha da srta. Cecily. Como se minha mente houvesse projetado uma figura na parede, eu vi os adoráveis objetos de escrita adornados em jade. Todos colocados à esquerda.

E eu me lembro claramente de ter visto Lily, a criada fiel, o frasco de tinta, a caneta etc., todos colocados à direita.

Uma compreensão surpreendente me despertou completamente. Eu me sentei direito, olhando fixamente.

Em minha penteadeira, com minhas coisas modestas, escova de cabelo, creme para as mãos, e por aí vai, tudo ficava posicionado do lado direito, é claro, porque eu sou destra.

Mas como os adornos de vestimenta com detalhes prateados da srta. Cecily haviam sido colocados?

– Oh, meu Deus – sussurrei.

Capítulo décimo primeiro

– Água quente, senhorita Meshle!

Desse modo, após minhas poucas horas de sono serem interrompidas pelo grito muito alegre de minha senhoria, eu gemi em voz alta:

Meus sentimentos de triunfo sobre meu irmão Sherlock Holmes desapareceram no meio da noite, sendo substituídos pelo terror das possíveis consequências.

– Senhorita Meshle, está acordada? – graças à surdez da velha senhora, ela não conseguiu, é claro, ouvir minha resposta pouco civilizada.

Eu não me sentia inclinada a me levantar e ir para o trabalho. E pode-se pensar que poderia ficar mesmo na cama, já que os termos do contrato da srta. Meshle com o dr. Ragostin eram excessivamente brandos, mas não poderia passar a manhã dormindo em meu próprio quarto sem despertar a curiosidade de minha senhoria.

– Srta. Meshle! – a sra. Tupper deu uma batidinha na porta.

– Ah, meu Deus! – murmurei maldosamente para mim mesma antes de gritar. – Estou acordada!

É? Já levantou?

Sim! Obrigada! Sra. Tupper!

É claro que haveria um maldito pudim para o café da manhã. Eu odiava o maldito pudim. Por conta disso e de outras coisas, a srta. Meshle chegou ao trabalho com um estado de espírito não muito gracioso.

Ontem (felizmente, talvez), não houve tempo para que eu pensasse sobre meu irmão Sherlock, mas agora eu começava a

perceber o perigo que ele representava já que sabia muito mais do que devia.

Como estava evidente em IVY ME ENCONTRE DEGRAUS MUSEU BRITÂNICO CINCO HOJE MÃE, ele sabia o nome que eu havia assumido.

Ele sabia, como disse o dr. Watson, que eu tinha dinheiro.

Ele sabia de minhas comunicações criptografadas com mamãe, e as havia decifrado.

E pior de tudo, a qualquer momento ele poderia descobrir muito mais por meio de seu melhor amigo, o já mencionado dr. Watson. Suponhamos que meu irmão abandone sua rudeza com Watson e resolva confiar tudo a ele? E suponhamos que Watson confesse a Holmes sua visita ao dr. Ragostin? No espaço de uma conversa apenas, Sherlock Holmes pode ter sua atenção totalmente focada em Ivy Meshle.

– Maldição! – murmurei quando entrei no escritório. – Maldição, idiotice e bobagem. Acho que os corvos vão ficar brancos. Sentando-me perto da lareira, eu arranquei o medo da minha mente, mas não do meu corpo, que continuava tremendo. Bebendo chá, li os jornais da manhã, repletos de choques e horrores habituais. Uma multidão protestando contra a vacinação havia ameaçado o distrito dos hospitais. Várias trabalhadoras da caridade haviam sido presas em Holywell Street por distribuírem material “pornográfico” sobre “exames preventivos” antes do parto. Uma explosão de gás havia destruído uma cama em Knightsbridge, matando três empregados e causando grande problema à família. Há rumores de que os estivadores estejam fazendo reuniões clandestinas de natureza subversiva. A agricultura continua a definhar por causa da importação mais barata de milho da América etc.

Mas ainda não havia resposta de mamãe.

Para o inferno com tudo.

Estava tão frio, disse para mim mesma, que não parava de tremer. Desde o momento em que havia começado a ler os jornais, o fogo havia diminuído consideravelmente. Joguei toda a lenha na

lareira e nessa onda temporária de calor – e de triunfo da mente sobre os problemas – fui até minha mesa. Sherlock que fosse a... fosse para... fosse a um frenólogo, e não havia nada que eu pudesse fazer a respeito de mamãe, mas se quisesse continuar me considerando uma vidente, era melhor eu voltar ao trabalho.

Peguei uma das folhas da pilha de papel almaço e rapidamente desenhei algumas particularidades da adorável mente da srta. Cecily. Em uma delas desenhei um elaborado chapéu de aba grande e enfeitada; em outra, um gorro cigano; em outra, um chapéu de palha de barqueiro; um chapéu pequeno com um monte de penas como estava na moda; no último, um xale.

O fogo havia diminuído novamente, e o frio na sala começou a aumentar; eu tremia tanto que meus dedos seguravam o lápis com dificuldade, mas continuei desenhando. Eu desenhei a srta. Cecily com seu cabelo preso em um coque, sem nenhum chapéu; depois vestida com trapos rasgados e um pano em sua cabeça, e depois com um chapéu de arrumadeira e uma presilha que ficava atrás de sua cabeça, como a cauda de um passarinho, com uma fita e, finalmente, com um véu. Ao terminar, satisfeita, eu puxei a cordinha do sino.

– Joddy – pedi quando o esperto garoto apareceu –, você poderia reabastecer a lareira, por favor?

Ele se apressou em fazê-lo. Sentando-me em uma poltrona, estiquei as mãos na direção das muito bem-vindas chamas e deixei meus desenhos na mesa onde ele poderia ver quando terminasse de reabastecer o compartimento de carvão.

Secretamente, eu o observei pelo corredor com o canto do olho. Ele deu uma olhadela para os desenhos e então parou, olhando, depois disso não se importou que eu virasse minha cabeça para olhá-lo com mais interesse, pois sua atenção estava toda nos desenhos.

Eu me levantei e fiquei ao seu lado.

– Você ainda a reconhece? – perguntei. Esquecendo um pouco as maneiras, ele balançou a cabeça. Eu deixei passar esse lapso

para perguntar:

- Quando você a viu?
- Eu não sei ao certo, srta. Meshle.
- Ano passado?
- Não! Duas ou três semanas atrás.

Em uma esquina. Com uma cesta.

Sim.

E o que ela estava usando?

Ele apontou para o desenho da garota com o trapo amarrado na cabeça.

– Ah – murmurei tão surpresa que esqueci de fazer mais perguntas. Na verdade, eu me senti um pouco fraca.

Aquele tipo de coisa usada na cabeça indica a classe social à qual a pessoa faz parte, como se usasse um cartaz no pescoço indicando a classe.

E, nesse caso, a placa da srta. Cecily dizia “desesperadamente pobre”. O que se encaixa em minha teoria de que ela, como eu, estava tentando ajudar os desfavorecidos de Londres. Mas, em vez disso, parecia que ela havia-se colocado na posição daqueles que vivem na pobreza.

Muitas horas depois, vestida com uma capa estampada sobre um caro e sóbrio vestido azul de lã de merino prussiano, a “sra. Ragostin” mais uma vez se aproximou da residência de Sir Eustace Alistair, o baronete.

Mas em vez de ir imediatamente para a porta, eu parei na calçada, estudando o domicílio do baronete. Enquanto as mansões do campo tendem a se alongar horizontalmente, estas que ficam na populosa Londres precisam ser construídas num plano vertical: a cozinha no porão, a sala de jantar em cima (servida por um pequeno elevador), a sala de visitas acima (longe do barulho e da sujeira da rua), os quartos no andar seguinte, então, o berçário das crianças e

as salas de aula no próximo, e assim subindo até o quarto dos empregados no sótão.

O quarto da srta. Cecily, eu sabia por conta de minha visita anterior, ficava no andar das crianças, bem abaixo dos quartos dos empregados.

Estudando a distância daquele andar para o chão, balancei a cabeça. Então, lembrei-me do disfarce de senhora a tempo de segurar meus passos longos, dei a volta na casa a passos de roedor, para ver se a situação melhorava olhando pelos fundos.

Não melhorava, é claro, e enquanto eu olhava para a janela da srta. Cecily, vários empregados assustados pararam o que estavam fazendo para olhar para mim.

– Você! – imperiosamente acenei para um garoto que carregava, a duras penas, dois baldes de lavagem. – Venha aqui.

Ele me obedeceu instantaneamente, é claro, até porque não tinha noção de quem eu era, mas eu havia assumido as maneiras, assim como as roupas da classe dominante.

Quando ele parou diante de mim, eu lhe pedi com a voz mais baixa:

– A escada que estava na janela da srta. Cecily... onde está guardada? – pois a escada necessariamente precisa ser uma das premissas. Ninguém conseguiria carregar tal coisa por Londres à noite sem ser notado.

Ficando sem palavras por tal questão sobre tal assunto proibido, o garoto meramente gesticulou na direção da garagem, que era grande o bastante para dar moradia a diversas famílias menos abençoadas de riquezas que a família do baronete.

No jardim havia uma linda caleche com três cavaliços a polindo ou pelo menos a poliam até que a surpresa de me ver os fizesse parar.

Eu passei por eles.

– Deixe-me ver a escada – ordenei.

Um deles, presumivelmente o que tinha mais presença de espírito, levou-me para dentro da garagem e apontou para cima, onde a escada estava apoiada em vigas.

Uma escada de madeira bem sólida.

Com quatro partes.

Do tipo que seria muito pesada para que eu conseguisse levantar, e impossível de descê-la do lugar onde fica guardada sem nenhuma ajuda. E as quatro partes precisariam ser levantadas todas de uma vez para alcançar a janela da srta. Cecily.

– Obrigada – disse e me afastei, sem nenhuma explicação. Meus pensamentos pareciam a tal cesta de lã embarçada, como já estava se tornando habitual.

Depois de uma pausa, respirando de um jeito bem disciplinado e evocando a memória do rosto de minha mãe para me recompor, eu me aproximei da porta da frente e bati. Seja tímida, eu me lembrei quando o mordomo carrancudo me encarou. A esposa do dr. Ragostin, caseira, acanhada, e terrivelmente inocente.

E estava sendo muito fácil, naquele ponto, sentir-me inocente.

Desta vez Lady Theodora me esperava no topo da escadaria principal e me recebeu formalmente na sala de visitas, dificultando muito mais para que eu lhe comunicasse os mais irregulares e peculiares pensamentos que tinha na mente. Ela usava um vestido de três tecidos: um corpete de tafetá preto e um vestido de cauda por cima de uma saia violeta de veludo, decorada com uma elegante saia plissada de seda cinza por baixo. Essa vestimenta e seu pesado colar de pedras negras contrabalanceavam com a palidez de seu lindo rosto. Do jeito que seu vestido era bem-feito, e ainda mais por causa das cores, eu senti como se ela já estivesse de luto, como se sua filha, a srta. Cecily, já houvesse falecido há algum tempo.

Com sua cabeça ereta e um olhar frio em seu rosto brando, a Lady estava em pé para me cumprimentar. Eu notei que, naqueles

poucos dias entre hoje e o dia em que a vi pela última vez, ela havia emagrecido um pouco.

Atravessando a sala em sua direção, em vez de qualquer uma das preliminares padrão, eu soltei:

– Não precisa perder as esperanças, minha senhora.

Por um momento ela endureceu, mas então sua dignidade desmoronou como gelo em uma avalanche quando chega a primavera e derrete tudo.

– Oh, sra. Ragostin! – amolecendo, ela pegou minhas mãos e nos sentamos uma de frente para a outra em um sofá, tão perto que nossos joelhos ficaram encostados.

– Ah, minha cara sra. Ragostin, eu sei que devo manter a esperança de que tudo vai dar certo, mas como posso conseguir isso, já que não há nenhuma notícia de minha filha? Ela se inclinou para mim, ainda mais ansiosa, até tremendo.

– O dr. Ragostin encontrou algum rastro, algum sinal, alguma pista de minha pobre e perdida Cecily?

Eu respondi cuidadosamente.

– Existem algumas indicações, talvez.

– Oh! – uma de suas mãos subiu até o colar no pescoço, enquanto ela se esforçava para respirar; pelo bem de seu vestido ela estava usando um “compressor de cintura” hoje. Isso quer dizer que ele estava bem apertado, e seu infame corpete deixava esta conversa mais difícil ainda, tanto que receei que ela desmaiasse.

– O dr. Ragostin considerou que mais uma vez devia ser eu a conversar com a senhora – murmurei – mais do que ele, por uma questão de delicadeza.

– Sim, é claro. Estou toda agitada... quer dizer, estou começando a temer...

– Eu lhe asseguro, o dr. Ragostin tem cuidado do caso com muito afinho.

É claro.

Ele me pediu para lhe perguntar uma coisa.

Qualquer coisa! – mais uma vez ela agarrou minhas mãos.

Eu respirei fundo... pois eu podia respirar, já que usava o corpete apenas para segurar meus reguladores de quadril e manter o aperfeiçoador de busto no lugar. Perguntei:

– A srta. Cecily era canhota?

Qualquer um podia pensar que era uma questão bem simples. Mas não quando feita a um membro da aristocracia.

– Certamente que não! – Lady Theodora se soltou novamente de mim. – O que... eu nunca... uma filha de baronete, canhota? Já tendo imaginado que seria assim, eu me preparei. Sem nenhuma reação ao choque de Lady Theodora, ao seu ultraje, murmurei em um tom bem baixo:

– É claro que não agora, minha senhora – uma mentira, pois eu acreditava que a garota favorecia a mão esquerda apenas na privacidade de seu quarto. – Mas quando a srta. Cecily era pequena... ninguém pode esperar que uma criança possa conhecer as maneiras apropriadas, não é? Naquela época ela apresentava alguma tendência para ser canhota?

Lady Theodora desviou-se de meu olhar meigo, porém dire-to. Olhando para o corpete aveludado e florido, ela resmungou:

Talvez a babá dela tenha mencionado alguma coisa do tipo.

E sua governanta alguma vez comentou sobre isso?

– Porque, eu... é difícil lembrar... se a srta. Cecily alguma vez foi canhota, pois se foi, sua educação tirou isso dela, é claro.

Essa foi uma confissão tão importante que senti um arrepio percorrendo minha espinha, e ela não foi feita pela razão que Lady Theodora pode ter entendido. Na verdade, eu duvidaria que eu mesma tivesse entendido a coisa sob tal ponto de vista, não fosse pela extraordinária liberdade de minha própria formação. Mas tendo sido criada por uma mãe que acreditava em deixar as coisas se desenvolverem sozinhas, eu imaginava como deve ter sido para a srta. Cecily: seus dedinhos de bebê sendo estapeados toda vez que ela tentava usar a mão “errada”, seus brinquedos sendo arrancados da mão esquerda e forçosamente colocados na mão direita e, ah, as

repreensões. Sua mão esquerda deve ter sido amarrada em suas costas quando chegou a hora de aprender a escrever. Tudo isso durante sua educação, suas articulações devem ter sido constantemente machucadas.

Ou a palma de sua mão esquerda deve ter sido sempre agredida com uma cinta.

E junto a esses tormentos restritivos, ela teve que passar por todos os rigores de aprender a ser um ornamento da alta sociedade. Ela teve que andar com um livro em cima da cabeça para ter uma postura perfeita. Teve que aprender a bordar – com a mão direita –, a ser “bem experiente em trabalhos manuais” – com sua mão direita – e a desenhar pequenas coisas bonitas com pastéis coloridos.

Mas será que foi sua mão esquerda que escreveu aqueles pensamentos grandes e sombrios em seus diários? E será que foi sua mão esquerda que criou aqueles desenhos fortes e pesados feitos com lápis carvão?

Minha mãe havia-me dito – parece que isso foi há muito tempo, naqueles dias livres e selvagens em Ferndell Hall, mas na verdade eles aconteceram há menos de um ano – que nós duas tínhamos que ler um novo “livrinho de terror” chamado: *O estranho caso do dr. Jekyll e o sr. Hyde*, que fez com que mamãe se lembrasse de um recente estudo da mente humana iniciado na Alemanha, onde “alienistas” tentavam entender melhor as pessoas loucas por meio de conceitos como a “ideia fixa”, a “dupla personalidade” e coisas do tipo. Ela havia demonstrado “dupla personalidade” dobrando um retrato bem no meio do rosto de uma pessoa e segurando cada metade perto de um espelho, isso formava uma nova face sutilmente, e, espantosamente, diferente da original.

Será que a srta. Cecily tinha uma dupla personalidade? Será que aquela srta. Cecily que usava sua mão esquerda era uma pessoa completamente diferente daquela que usava a mão direita?



Capítulo décimo segundo



Eu passei o resto do dia com um estado de espírito bem desanimado.

Como pude ter sido tão estúpida? De algum modo comecei pensando que a srta. Cecily poderia e teria feito as mesmas coisas que eu podia fazer. Tal como ter piedade dos pobres de Londres.

Não foi uma hipótese válida.

Ou ter fugido.

Também não foi uma hipótese válida.

Ou carregado uma imensa e pesada escada.

Não fazia sentido.

A escada... para ser sincera, eu havia sido uma idiota! A escada deveria ter sido a primeira coisa a ser inspecionada. Eu também devia ter considerado, logo no começo, as roupas que havia visto no guarda-roupa da srta. Cecily, vestidinhos pequenos que cabiam numa garota muito mais delicada do que eu. Era ridículo eu ter acreditado que a srta. Cecily pudesse ter colocado uma escada na janela sozinha.

Duvidava que até mesmo eu conseguisse fazer algo assim, por mais que eu quisesse.

Eu também não tinha base para pensar o que a srta. Cecily queria.

Eu não tinha razão para presumir que qualquer uma de suas ideias ou inclinações pudessem ser minimamente parecidas com as minhas.

Estava cega.

E eu me considerava uma vidente? Eu precisava aprender muito ainda. Eu precisava tomar o controle de minha cabecinha teimosa, por assim dizer. Aplicar a lógica rigorosa. A razão resolveria esse assunto.

Portanto, assim que cheguei à privacidade de meu quarto, naquela noite, sentei-me com uma mesa portátil no colo e uma vela perto para fazer isso. No papel.

Muito bem. A respeito do desaparecimento da srta. Cecily, quais eram as possibilidades? Eu só conseguia pensar em três:

Ela fugiu para se casar.

Ela apenas fugiu.

Ela foi sequestrada.

A favor da fuga para se casar, eu escrevi:

Aparência: a escada na janela.

Correspondência secreta com Alexander Finch.

Encontros secretos com o rapaz.

Contra:

Nenhuma menção à paixão consumada por Alexander Finch, ou qualquer outro.

Uso da cera cinza para selar a correspondência.

Por que a cama estava desarrumada?

Nenhuma roupa sumida do armário.

A senhorita não foi encontrada na companhia do suspeito.

Alexander Finch é um improvável objeto de afeto de uma mulher.

Eu hesitei quanto a considerar a última linha por ser mais subjetiva do que lógica, mas eventualmente deixei-a ali para que pudesse continuar.

A favor de “ela apenas fugiu”:

Ela se sentia fortemente influenciada pelas ideias de reformas sociais, de acordo com seus diários.

Ela mantinha uma dupla personalidade, carvão versus pastel.

Ela quebrou seus lápis pastéis. Inferência: ela não queria mais ser aquela pessoa.

Contra:

Quem a ajudou? Ela não pode ter colocado a escada perto da janela sozinha.

Por que usar uma escada? Ela poderia ter saído andando pela porta.

Por que sua cama estava desarrumada?

O que ela estava usando?

Humm.

Ainda não parece muito sensato, e tentei um mesmo processo de racionalização com a terceira possibilidade:

A favor de “ela foi sequestrada”:

Escada na janela. Necessária por não haver outro acesso.

Cama desarrumada. Seu sono foi interrompido.

Nenhum vestido desaparecido. Ela foi levada com as roupas de dormir.

Ao imaginar a srta. Cecily sendo levada de sua cama por algum vilão no meio da noite, eu tremi. Que coisa terrível. E, quanto mais eu pensava sobre isso, mais achava possível; na verdade, mais por conta dos fatos do que das outras hipóteses. Mas, novamente, havia objeções:

Contra:

Por que ela não gritou? Ou será que ninguém a ouviu?

Como ela pode ter sido carregada escada abaixo?

Por que ela foi escolhida como vítima, e por quem?

Por que não houve pedido de resgate?

A primeira objeção poderia ser explicada dizendo que o sequestrador, ou sequestradores, haviam deixado a senhorita inconsciente antes que ela pudesse gritar, talvez usando clorofórmio. E sobre o resgate e a escolha da vítima, era possível – apenas possível – que a srta. Cecily tenha sido levada por algum outro motivo execrável, sobre o qual prefiro não me estender. Na verdade, apenas não entendo muito sobre essa prática chamada “escravidão branca”. E essa ideia me parecia terrível demais para ser trazida à tona.

E a hipótese que melhor é rejeitada é como, como podem ter carregado a senhorita inconsciente por uma escada tão alta? Eu já ouvi dizer que os bombeiros conseguem deslizar com pessoas nos ombros e descer de maneira rápida desse jeito, mas até mesmo o homem mais forte que tentasse fazer isso do quarto andar... correria um grande risco. Seria imprudente. De fato, seria estúpido. Por que ele simplesmente não desceu com ela pela escadaria?

Mas está claramente evidente que ele não fez isso. As portas do andar principal estavam trancadas, e as fechaduras das janelas não haviam sido tocadas.

Talvez ele tivesse descido a garota de seu quarto com uma corda.

Mas com a escada no caminho?

Pela outra janela?

Difícilmente, pois esta estava diretamente virada para a área de terra em frente ao celeiro e daria direto no reservatório de água.

Pela janela dos fundos, então, deveria haver no mínimo dois sequestradores, um para descer e tirar a escada do caminho, enquanto o outro descia a garota inconsciente, e depois o primeiro a recolocaria no lugar para que o outro pudesse descer. E eles teriam que fugir carregando-a.

Ah, que absurdo. “Eles”? Quem eram “eles”? E certamente um vai e vem tão elaborado chamaria a atenção do guarda que passasse patrulhando de tempos em tempos por aquela vizinhança mais abastada.

Para isso, serve a aplicação rigorosa da lógica; ela pode levar alguém às conclusões mais absurdas. Das três possibilidades – fugir para se casar, simplesmente fugir, ser sequestrada – nenhuma parecia mais ridícula que a outra.

Nada fazia sentido. Eu era uma idiota e não uma vidente.

Jogando meus papéis no fogo, levantei-me, ergui o colchão e peguei meu hábito. O medo de ser estrangulada me parecia melhor do que me sentir tão incapaz.

Naquela noite, depois que a sra. Tupper se retirou para seu quarto, a mulher de negro, a irmã usando um grande véu, sorrateiramente ganhou as ruas para ver o que podia fazer pelos pobres de Londres.

A famosa neblina de Londres estava tão grossa naquela noite que a luz da minha lanterna parecia flutuar como um fantasma no fim de meu braço, perdida nas trevas quase palpáveis. Em noites

como esta, ou até mesmo durante o dia, quando o ar se torna amarelo-amarronzado com consistência de uma sopa, os condutores precisam guiar seus cavalos a pé, e os barqueiros, às vezes, precisam ficar nas docas ao longo do Tâmis para não afundarem.

Enquanto isso, os pedestres comuns cada vez mais acabam se vendo vítimas de diversos crimes. Neste momento, um assassino pode estar parado a poucos centímetros de mim e eu não posso vê-lo. Ou um estrangulador...

Esse pensamento me fez tremer mais do que o frio conseguira fazer, e me arrepiou ao lembrar daquela força medonha agarrando-me por trás, apertando, estrangulando... e então, a escuridão, até que surgiu a memória borrada de um homem horrível levantando meu véu antes de eu fugir. Era tudo muito assustador, aquela noite, as memórias sombrias, a maldade do... do próprio instrumento, absurdamente simples, um pedaço de madeira e um barbante. De todas essas coisas, a última era a que ainda mais me perturbava...

Mentalmente eu tentava mandar aquela imagem para longe. Não havia tempo para me afundar em tal terror, não com essas sombras sólidas da noite londrina ao meu redor. Eu precisava ficar com os ouvidos atentos a qualquer sinal de perigo enquanto caminhava. Esta noite eu não procurava pelos desvalidos; ao contrário, eu procurava um destino; eu poderia ficar parada apreensiva por muito tempo. Mas, ao mesmo tempo, eu sabia que muitos londrinos morriam mais de frio e de fome do que por causa de crimes. Não era possível ser saudável respirando um ar que fazia nossos olhos e narizes ficarem pretos. Eu conseguia aguentar. Eu havia sido criada no ar puro do campo. Mas e aqueles que haviam nascido para respirar fuligem, para viver e morrer nessas ruas encardidas? Os pobres de Londres, eu já havia notado, cresciam com problemas e morriam cedo.

Ninguém podia negar a eles suas doses de gim.

Ficando todos juntos para sobreviver às noites, até mesmo os mais pobres, às vezes, conseguem colocar as mãos em uma

garrafa de gim, que passam de um para o outro para tornar o frio e a pobreza bem mais fáceis de suportar.

Durante o dia eles não confiam em estranhos, mas durante a noite, a bebida solta suas línguas. E esse fato, eu acredito, explica o momento de meu estranho encontro.

Bem carregada com meus suprimentos habituais, me apressei na direção dos albergues, onde estão os mais pobres entre os pobres, as velhas mulheres conhecidas como “rastejantes” ou “dorminhocas”, que passam seus dias e noites nos degraus de pedra. E, por já estarem lá há muito tempo, permite-se a pequena compaixão de as deixarem ali, em vez de serem expulsas pela polícia, como acontece com os pedintes normais.

Pobres mulheres, elas deviam estar queimando o lixo que alguém varreu da rua, se tiveram sorte de ter conseguido algum tipo de fogo...

Virando a esquina do albergue, parei assustada. Em vez das sombras esperadas, eu vi sobre os degraus uma tina de metal onde uma considerável chama queimava alegremente. Não seria preciso que eu acendesse uma de minhas pequenas fogueiras de parafina naquela noite.

E, em vez de ver velhas mulheres tremendo de frio, todas estavam amontoadas embaixo dos cobertores que eu havia distribuído, eu as vi em volta do fogo, seus rostos esqueléticos brilhando.

E com elas, um homem.

Um velho tão curvado e torto como elas, com seus longos cabelos grisalhos e uma barba longa muito suja, sua roupa simples ainda mais suja. Tão pobre quanto os pobres podem ser. Mesmo assim, ele tinha combustível para uma bela fogueira, assim como o receptáculo onde mantê-la, e, como eu pude ver, uma garrafa de gim. Por alguma razão, ele resolveu trazer essas coisas para cá.

Sentada ao lado dele estava a “rastejante” que dava mais pena. Com seu corpo seminu e sua cabeça infestada de vermes, além de

sua aparência decomposta, ela estava coberta com a capa de chuva que Ivy Meshle havia-lhe dado dois dias antes.

A capa de chuva que havia pertencido a uma mulher que vendia limpadores de pena em uma cesta.

– Irmã! – gritou ela quando viu que eu me aproximava, sua voz estava animada, ainda que um pouco embargada pelo álcool. – Irmã toma um gole de gim.

Não era necessário que eu respondesse, já que a irmã do véu negro nunca falava. E nem era necessário mais do que um gesto para que eu rejeitasse a hospitalidade; as dorminhocas estavam acostumadas com minhas maneiras. Silenciosamente eu comecei a distribuir o pão e as outras coisas que as pobres mulheres agarraram com bastante ansiedade, mas não com o desespero que já haviam demonstrado em outras circunstâncias.

– ... quando envievei. Eu tive que costurar até meus olhos ficarem fracos – dizia a mulher com a capa de chuva para uma mulher mais velha que evidentemente lhe havia pedido para contar sua história. Como eu estava impedida, em razão de à minha “mudez”, de lhe pedir tal coisa, prestei atenção com grande curiosidade, apesar de fingir que não.

– Então, eu tentei vender flores na frente do teatro, você sabe, mas quando chovia, os homens não paravam para comprar buquês para suas senhoras. Eu ficava parada na chuva mesmo assim. Comecei a tossir, e aí as desgraças nunca chegam sozinhas, fui expulsa de meu quarto, e em minha primeira noite em um albergue, algum diabo maldoso me roubou o pouco dinheiro e todas roupas que tinha. Meus sapatos, meus vestidos e meu casaco, eu... bom, tudo, exceto a roupa com que eu estava dormindo, se foi, e eu chorei para esse e para aquele, mas não adiantou nada. Então eu passei frio e fome na rua; como eu ia conseguir achar trabalho sem usar uma roupa decente? Não – ela respondeu ao homem que lhe oferecia um gole de gim – eu não tinha mais do que isso, e eu comecei a cair por aí, bom, cair mais do que o habitual.

De fato, eu já tinha visto algumas vezes a velha mulher caindo quando ela tentava andar, tal era o extremo da sua miséria.

O homem de barba cinza disse:

– Deus devia proibir que tal falta de sorte me envolvesse, pequena Ivy.

Ivy?

Graças ao fato de fingir que não estava escutando, eu não me entreguei. Talvez, na verdade, devo ter enrijecido ou parado, mas no meio da noite e sob a luz das chamas tremeluzentes, duvido que alguém tenha notado.

De qualquer forma, o velho esfarrapado e encurvado não estava olhando para mim enquanto falava, mas sim para a mulher de capa de chuva.

– Minha pequena neta, não passou mais de quatorze anos nesta terra cruel. Há menos de uma semana ela saiu para vender limpadores de pena em um tipo de cesta... Meu coração começou a bater mais forte.

– ... como as lágrimas estavam molhando seu rosto, eu sabia que ela estava muito triste...

Eu senti uma estranha sensação de tristeza dentro do peito.

– ... e foi a última vez que eu a vi. Minha vontade era de fugir. Entretanto, eu sabia que não devia demonstrar nenhum sinal do que estava sentindo, e continuei a entregar a comida, trabalhando apesar do estranho. Estranho? De certo modo, sim.

– Ela estava usando uma capa de chuva igual a essa que você tem – ele estava dizendo com seu sotaque impecável da classe baixa. – Onde, se você não se importa em dizer, você...

Antes que ele completasse a pergunta, eu coloquei um pedaço de torta de carne em frente de seu nariz. Ele se virou para aceitar. Em seu rosto bastante sujo, entre o boné sujo e a barba imunda, eu vi grandes olhos cinzentos olhando para mim.

– Agradecido.

Com grande fervor mental, eu me lembrei que ele não podia ver mais do que uma silhueta sem forma na noite, por conta do manto, do véu e do vestido sem forma.

Ele me perguntou:

– Você anda por todos esses lados, irmã? Será que, por acaso, a senhora não sabe onde anda uma garotinha magra chamada Ivy? Eu lhe entreguei um pedaço de queijo para acompanhar a torta de carne.

– É bem alta para a idade dela – continuou –, mas se você lhe der uns feijões, ela vai ficar parecida com o seu rosário, de tão magrinha que é.

Uma das dorminhocas se voltou para ele e disse:

– A irmã das ruas não vai responder. Ela nunca fala nada.

– Peço desculpas – algo em sua gentil cortesia ultrapassou seu sotaque de pobre. – Obrigado pela comida, irmã.

Não havia como ele saber que realmente havia acabado de dizer uma verdade: eu era realmente a sua irmã. Aquele era o meu irmão Sherlock.

Capítulo décimo terceiro

Na manhã seguinte, Ivy Meshle, pela primeira vez desde sua visita a Baker Street, foi trabalhar sem medo. Aquela secretária não precisava mais se preocupar, pois Sherlock Holmes não vi-ria procurar por ela; ele estava em busca de uma pobre vendedora de rua que vestia uma capa de chuva.

Então, me senti melhor, apesar de me sentir pior, pois eu havia notado um fio de emoção – a expressão certa é esta mesmo, eu notei não apenas uma boa atuação dele – na voz de meu irmão, quando ele me descreveu como uma garota magra chorando de tristeza.

Será que ele havia percebido que eu não vivia de verdade em meio à pobreza? Ele sabia que eu tinha dinheiro.

Mas, com certeza, a sra. Hudson lhe contou como eu parecia triste e como chorava quando ela me deixou entrar.

Para o inferno com tudo. Minha intenção era apenas pegar meu livro de volta: eu não fazia ideia de como essa notícia poderia afetá-lo.

Como, como eu poderia assegurar meu irmão que eu estava bem?

Esses eram meus pensamentos quando entrei no escritório do dr. Leslie T. Ragostin, vidente científico.

– Bom dia, senhorita! – gritou o garoto impaciente quando pegou meu sobretudo.

– Joddy – disse, áspera – você já considerou que os outros empregadores podem mudar seu nome ridículo para James, ou Cecil, ou Algernon, apenas para agradá-los?

– Hum, não, senhorita! Quer dizer, não, srta. Meshle.

– Pois é, Joddy. “Srta. Meshle” é como eu prefiro ser chamada. Por favor, seja bonzinho e me traga os jornais da manhã e um pouco de chá.

Mas eu analisei todos os jornais sem nenhum prazer, pois ainda não havia nenhuma palavra de mamãe. Bem, talvez em mais um ou dois dias... Mas eu queria tanto que ela me avisasse sobre Sherlock. Sem o benefício de sua grande sabedoria, como eu poderia agir? Enviar uma carta de confirmação? Mas... ele era tão terrivelmente inteligente... e se ele, de algum modo, refizesse o caminho da carta até me encontrar?

Colocar uma mensagem similar para ele nas colunas pessoais do jornal?

Mas fazer tal coisa, mesmo que criptografada, deixaria nossos problemas familiares muito públicos. Eu não podia arriscar ferir ainda mais o orgulho de Sherlock. Ainda mais, certamente meu irmão Mycroft – que até agora, frio como uma torta de rim, não havia-se preocupado muito comigo – certamente Mycroft também veria tal mensagem, e desse um jeito. E o tipo de escândalo que isso podia resultar... eu nem imaginava.

Eu não tinha ideia do que fazer.

Sentada atrás da mesa com um estado de espírito bem sombrio, olhando para a pouca correspondência do dr. Ragostin, dei-me conta de que estava rabiscando na parte de trás dos papéis que tinha separado para jogar fora, produzindo uma caricatura de meu irmão com seu boné de trabalhador e seu cabelo jogado para frente. Inexplicavelmente, senti-me um pouco melhor. Sempre quando estou irritada ou chateada me sentia inclinada a desenhar. Então, peguei uma resma de pa-pel de rascunho e comecei a desenhar com fervor. Sherlock de novo, e então Mycroft, e então mamãe, e outros. Rostos, na maioria das vezes. A garotinha esfarrapada que havia varrido a rua para mim. As dorminhocas dos degraus do albergue. Lady Theodora com suas joias negras. Minha mente estava indo por seus próprios caminhos. Eu desenhei o rosto de Alexander Finch.

E, para minha surpresa, dei-lhe um ar bem maldoso.

Por que diabos eu faria isso?

Recostei-me na cadeira, fechei os olhos e tentei recapitular minha visita ao Empório Ebenezer Finch & Filho. A lembrança falou em minha mente:

“... o tipo de cores que as pessoas esperariam que um anarquista revoltado usasse.”

“Ela leu *O capital* e nós discutimos a exploração das massas.”

“Ela queria que eu lhe mostrasse o proletariado.”

“O que eu acho, é que ela saiu pela porta da frente e colocou, ela mesma, a escada lá.”

Será que o pai de Alexander Finch estava apenas soltando sua raiva, ou ele estava chamando o filho de anarquista?

Eu sei que os “anarquistas” eram culpados por dinamitar a estação de Victoria, atacar os escritórios do jornal *Times* e, mais recentemente, tentar explodir a Tower of London, mas fora o que eu havia lido nos jornais, eu não sabia nada a respeito desses assassinos estrangeiros, dessa sociedade secreta. Seriam os anarquistas algum tipo de marxistas?

E será que Alexander Finch queria me levar a crer que a srta. Cecily era uma marxista?

E se fosse, por que ela não mencionou nada sobre tais crenças em seus diários?

Ele havia declarado que ela colocara a escada sob a janela por contra própria. Mas, tendo experimentado o prazer de sua pequena companhia, deve ter notado que isso não seria possível.

A srta. Cecily havia conhecido Alexander Finch. A srta. Cecily havia-se correspondido com Alexander Finch. A srta. Cecily havia explorado Londres com Alexander Finch. E a srta. Cecily havia desaparecido.

Sem dúvida, essa não é uma série de eventos que coincidem.

Mesmo que a polícia tenha falhado em encontrá-la por meio dele, e continue seguindo-o constantemente...

Ou é o que ele disse.

Que idiotice a minha de aceitar a afirmação dele, e de Lady Theodora, de que ele estava sendo mantido sob constante investigação.

E o quanto eu conhecia, conhecia realmente, esse tal de Alexander Finch?

Muito pouco.

Eu me levantei da mesa e fui falar com ele novamente.

Entretanto, desta vez não foi Ivy Meshle quem correu até a loja de departamentos. No lugar dela, foi a sra. Ragostin. Ou não exatamente a sra. Ragostin, pois hoje eu estava usando um rico vestido de dia de cetim e veludo, não muito fora de moda, e não iria exibir nenhum traço de timidez. Alexander Finch havia-me chamado de dama; muito bem, eu seria uma dama – ou, ao menos, uma senhora de classe – e veria se ele gostava disso. Eu paguei seis centavos por quilômetro só para chegar à loja de táxi.

Um táxi muito bonito, apesar do frio, pois eu queria ter uma visão completa do exterior do edifício.

Aquecida em meu longo casaco de pele, não sai imediatamente do táxi assim que ele parou na frente da loja dos Finch. Agi com muita calma, observando não aquele brilhante palácio mercantil de bronze, gás e vidro, o Empório, mas, em vez disso, olhei para cima, estudando os andares mais altos do edifício, onde viviam os balconistas. Sótãos. Arestas. Canos de esgoto.

Os sótãos, as arestas e os canos ficavam muito próximos do edifício ao lado.

Enquanto isso, um policial fardado, que olhava sem entender nada, parou do outro lado da rua. Sem dúvida, ele havia sido mandado para vigiar, caso Alexander Finch saísse.

Humpf.

Saindo do táxi e o dispensando, eu me apressei para dentro da loja com minhas mãos enluvadas dentro do aquecedor de mãos, meu chapéu erguendo-se por conta das penas de avestruz e minha saia com sua cauda regular.

– Eu gostaria de falar com o proprietário Alexander Finch – ordenei de maneira condescendente ao primeiro balconista que encontrei. Um rapaz pequeno, sardento e raquítico, que visivelmente procurou as palavras corretas antes de responder:

– Alexander Finch, ah, eu não tenho certeza se ele está aqui agora... ah, minha senhora.

Eu arqueei as sobrancelhas demonstrando uma ira fingida e uma surpresa genuína. Esse infeliz balconista estava com mais medo do jovem Finch do que de mim?

Lembrei-me de como a garota esbelta do balcão de sapatos fugiu rapidamente ao comando de Finch.

Naquele momento de pouca sorte, ocorreu-me uma pergunta: por que aquele jovem peculiar escolheu conversar comigo no departamento de sapatos se havíamos passado, por exemplo, pelo departamento de luvas?

Porque ele gostava de botas, eu supus. Especialmente do tipo que tinha cadarços. Ele gostava de apertar os cadarços bem apertados, tanto que ele havia quase estrangulado...

Eu senti um arrepio estranho percorrendo meu corpo. O que minha personagem compreendeu um momento antes de minha mente. Na verdade, repentinamente me senti tão fraca que meu corpo perdeu a firmeza.

– Minha senhora? – a voz ansiosa do balconista parecia vir de longe.

Assim como aquelas vozes soaram, tão longe, naquela noite enquanto eu recobrava a consciência com o garrote ainda no pescoço. Eu me lembrei do terror, da névoa, da visão atordoada, e do homem levantando meu véu.

Eu me lembrei de onde já tinha visto o rosto de Alexander Finch. O rapaz sardento gritou:

– Alguém, ajude! Ela vai desmaiar!

Uma ideia excelente, já que minha intenção havia tomado uma súbita direção inversa. Eu agora desejava fervorosamente evitar o encontro com Alexander Finch; ele não deveria me ver. E como eu nunca tinha fingido um desmaio antes, pensei que fosse bem simples. Revirei os olhos para cima e os fechei, e então me deixei cair no chão.

– Segure-a, então! – outra voz masculina, um pouco mais mal-educada falou perto de meu ouvido, enquanto me segurou por um cotovelo. O balconista raquítico, acho, pegou meu outro braço e eu me soltei para cair nas mãos de meus salvadores, enquanto eles me carregavam por uma porta em algum lugar ao lado da loja.

– Deite-se aqui no banco – disse outra voz, uma mulher dessa vez. – Quem é ela?

Não sei. Ela queria ver o patrão Alexander.

Nossa! Alguém precisa avisá-lo.

Senti que me colocaram diretamente, e com bastante gentileza, considerando como um banco de madeira é duro e desconfortável. Alguém começou a desabotoar meu colarinho.

Abrindo um pouco os olhos, só o suficiente para espiar pelos cílios, eu vi que o “bom samaritano” era uma empregada de meia-idade. O banco ficava em frente ao fogo e eu não conseguia ver o resto da sala, mas supus – com base apenas naquele rude item de mobiliário – que eles me levaram para a sala de almoço e chá dos balconistas.

– Para que será que ela quer vê-lo? – perguntou uma voz masculina.

– Nem imagino. Mas que ela é bem séria, é mesmo.

– Você acha que com essas roupas ela pode ser a esposa do dono do estaleiro? Ou do dono da fábrica? Será que ela veio tentar conversar com ele sobre todos os problemas que ele vem arranjando?

– Eu sempre digo que esse pessoal das fábricas é barra-pesada, principalmente essas mulheres que vendem fósforos – desabotoando os punhos de minha manga, a empregada evidentemente se considerava uma igual ali perto dos balconistas, por ela, falava tudo o que lhe passava pela mente.

– Eles e essas tais greves. São muito cabeças-duras para mexer com coisas químicas, e só querem trabalhar quatorze horas por dia agora...

– Ele não anda mais incitando as moças dos fósforos, agora ele vive com os homens das docas e...

– ... e o que eles querem com todo aquele tempo livre é algo que eu não entendo, que façam o que quiserem...

– ... e os carregadores e tal.

– ... estragando suas reputações, tirando boas garotas de seus serviços domésticos, e essa pobre moça desmaiando por falta de cuidado... onde estão os sais para cheirar, pelo amor de Deus?

– Ah, estão aqui!

Com meus olhos mais uma vez bem fechados, continuei deitada sem me mexer até que o pungente cheiro do revigorante sal foi colocado perto de meu nariz, fiz o máximo para não responder, pois eu queria ouvir mais. Enquanto minha pessoa e meu rosto tinham a aparência de – como eu esperava – insensível, minha mente estava animada, gritando e pulando como uma criança que acabou de ganhar uma bandeja de bolinhos açucarados. Incitando? Alexander Finch? Homens das docas? Moças dos fósforos? Greve? Joddy não havia mencionado algo sobre uma vendedora de fósforos e uma greve?

Uma das vozes masculinas estava dizendo:

Os carregadores estão ficando mais sensíveis, foi o que eu ouvi, mas os estaleiros estão como uma panela no fogo, fervendo por causa das greves e por causa dos direitos do trabalhador, que é como eles chamam tudo isso.

Ela ainda não voltou – minha enfermeira parecia preocupada. – Me deem uma tesoura para eu cortar os cadarços do corpete.

Ah. Ah, não, ela não pode ver meu corpete. Eu pisquei os olhos.

– Espera um pouco – disse a bondosa mulher.

Ao mesmo tempo, uma voz inconfundível rosnou de algum lugar perto.

O que está acontecendo aqui? Voltem para seus postos!

Sim, sr. Finch.

Sim, senhor.

Essa senhora desmaiou.

Senhora? – berrou o Finch mais velho. – Que senhora? Eu soltei um gemido, de modo a atrair sua atenção para mim.

– Bem, mande-a para um médico! – reclamou. – Vocês, homens, voltem ao trabalho. Vocês não têm nada o que fazer aqui, vadiando enquanto a moça está deitada.

A porta bateu atrás das vozes. Eu abri os olhos, sorri fracamente para a empregada e lhe disse que estava me sentindo melhor, muitíssimo obrigada, mas minha mente superanimada ainda estava na palavra “vadiando”. Será que Alexander Finch foi apenas um espectador que, por acaso, estava “vadiando” na noite em que eu estava inconsciente deitada na rua?

Que aconteceu apenas alguns dias depois que a srta. Cecily desapareceu?

Quando a polícia supostamente já estava de olho nele?

Cada pensamento fazia com que me sentisse nauseada, mais tonta e enjoada, mas fiz força para sorrir, levantar e seguir meu caminho, pois assuntos mais urgentes precisavam de minha atenção.



Capítulo décimo quarto



Antes que aquele dia sombrio e cinzento se tornasse uma noite ainda mais sombria e cinzenta, eu retornei da vizinhança do Empório Ebenezer Finch & Filho. Vou poupar o gentil leitor dos riscos de ser reconhecida que corri nesse intervalo. Resumindo, depois de voltar a ser a srta. Meshle no escritório do dr. Ragostin, eu enganei a sra. Tupper, em minha casa, e saí novamente vestida de freira, usando meu pesado hábito e meu véu, para o bem de meu disfarce, mesmo que isso me transforme em um objeto de curiosidade. Eu senti que os transeuntes me olhavam enquanto eu saía da estação de St. Pancras; esses londrinos nunca me viram antes. Nesta área razoavelmente próspera de Londres, não havia muito para a irmã do auxílio das ruas fazer.

Não que eu houvesse me aventurado por ali pelo bem da caridade. Eu fui de mãos vazias. Por assim dizer, já que meus dedos cobertos pelas luvas se mantinham em posição de oração, apoiados em minha adaga disfarçada.

Não fiquei por perto da resplandecente fachada do Empório Ebenezer & Filho. Em vez disso, resolvi me aproximar daquele sedutor estabelecimento pela parte de trás. No meio de uma bagunça de velas e becos, onde eram mantidos os cavalos e as vacas, parei sob a sombra de uma casa de pombos para observar o terreno. Mais uma vez, estudei as janelas do edifício Finch, o telhado e a calha com um interesse que a arquitetura nunca havia despertado em mim. Esta era a primeira vez em que tive a chance de analisar uma construção como se fosse uma estrutura que pudesse ser escalada. Era como verificar em árvores sem folhas a melhor maneira de subir ou descer, e com o olhar, tracei diferentes alternativas até que decidi qual delas usaria.

Então, tentei adivinhar por onde, na escuridão da noite que caía rapidamente, Alexander Finch desceria. Tentei imaginar qual trajeto ele faria. Encontrei uma entrada onde poderia me esconder, e fiquei esperando.

Antes que escurecesse por completo, como eu previa, pois ele precisava de alguma forma ver o caminho que faria para descer já que não podia se dar ao luxo de carregar uma lamparina. Assim que começou a anoitecer, ele apareceu como se fosse uma enorme lagartixa em cima do telhado, rastejando pelas telhas finas, apoiado nos joelhos e nos cotovelos, mantendo a cabeça baixa, preocupado em ficar longe da vista de qualquer guarda que podia estar vigiando a rua ou a porta dos fundos. De vez em quando, eu o perdia de vista atrás de uma chaminé, mas rapidamente ele reaparecia. Com uma facilidade incrível, que demonstrava como ele já tinha feito isso diversas vezes, ele se pendurava e atravessava o espaço entre os prédios. Quando chegou ao fim do caminho, ele desceu até o beiral, agarrou o cano de água e deslizou por ele até a tampa de um barril de madeira, e assim foi até o chão em uma esquina onde havia um recuo para carroças de entrega.

Eu quase podia distinguir seu rosto pálido, com os óculos escuros e tudo, quando ele olhava ao redor. Assim como suas roupas afetadas que eu já tinha visto antes. Ele vestia uma camisa de flanela escura, uma jaqueta de veludo cotelê e um boné de pano. Certificando-se de que não havia ninguém por perto – mal sabia ele –, saiu andando a passos largos pela rua.

Eu o deixei se afastar bastante antes de sair das sombras e começar a segui-lo.

Aqui, a zona noroeste de Londres, não é uma região tão pobre como a zona leste – não se vê “damas da noite” ou bicas de água nas esquinas; as pessoas aqui têm seus próprios vícios e seus próprios encanamentos –, mas isso não quer dizer que estão na moda ou que são ricos. São pessoas comuns, como Alexander Finch, que andam em ruas que não são desertas nem apinhadas, uma região que eu conhecia bem pouco. Podia contar nos dedos de uma mão as vezes em que estive nesta parte da cidade: para visitar

o dr. Watson, para me infiltrar na casa de meu irmão Sherlock e duas vezes para “fazer compras” no Empório Ebenezer Finch & Filho. Quatro vezes sem contar a atual aventura. Por isso, é de se imaginar que eu poderia me perder enquanto estava seguindo Alexander Finch.

Em várias ocasiões cheguei bem perto de perdê-lo. Por sorte, a neblina não estava tão pesada como o normal, mas, mesmo assim, estava muito escuro. Eu via a iluminação elétrica ao longo das margens do Tâmis – que era maravilhosa – e deixava a noite tão clara como o dia. Em comparação, as chamas oscilantes das lâmpadas a gás da rua apenas interrompiam a noite, mas não a superava.

Então, como ele não conseguiria me ver desse jeito, eu passei a andar no meio da rua – uma coisa que espero nunca mais ter que repetir. Durante o dia já é perigoso; durante a noite, então, com tudo escuro, esse perigo duplicava. Mesmo com os faróis a carvão iluminando, os condutores das carruagens não poderiam me ver a tempo de evitar um atropelamento caso eu não desviasse deles. Além disso, a cada passo, eu me arriscava a encontrar poças geladas de lavagem, estrume de cavalo, e outras coisas que é melhor nem mencionar. E por mais de uma vez, quase acabei encontrando essas coisas; em uma das vezes, eu de fato quase caí para não acabar enfiando meus sapatos nos montes de estrume cor de chumbo dos cavalos. Eu me esforcei para ficar de pé, com a saia e o manto molhados e sujos, bem a tempo de sair do caminho de um belo e enorme cavalo da raça Clydesdale que passava puxando uma carroça cheia de madeira.

Na verdade, há muito mais carroças de carga agora; Alexander Finch havia-me levado para uma área cheia de depósitos, bem perto, pelo que me parecia, do grande mercado de produtores, o Covent Garden. Mas onde diabos...

Mas, no momento em que comecei a me perguntar, ele parou em frente a uma porta decrepita, onde havia uma placa com letras quase apagadas que anunciavam:

**CAMA SEIS CENTAVOS/NOITE
QUARTO PARA MULHERES OITO CENTAVOS
CHÁ, PÃO, ÁGUA PARA BANHO À PARTE**

Em outras palavras, o tipo mais pobre de abrigo, ou pensão, com infestação de pulgas e piolhos e tudo mais. O tipo de lugar onde as pobres e carecas “rastejantes”, que ficam nos degraus dos albergues, perderam as poucas posses que lhes restavam para algum ladrão. O tipo de lugar que com muito prazer lhe dá em troca uma bela infecção.

Eu me perguntava, apesar de ainda não acreditar que estava pensando, quem o jovem Finch esperava encontrar lá dentro.

Mas, em vez de bater na porta, ele virou a esquina do edifício imundo e eu o perdi de vista.

Mordendo o lábio, fiquei parada como uma estátua pintada de preto na outra extremidade da rua, pois, eu tinha que admitir, não sabia o que fazer. Se eu o seguisse por aquele espaço estreito entre as construções, certamente seria descoberta. E se eu não o seguisse...

Eu tinha que seguir.

Murmurando xingamento, eu atravessassei a rua a passos largos. Mas, quando eu me aproximei da pensão, para minha surpresa, um homem saiu da sombra onde Alexander Finch havia entrado. Um homem com longos cabelos negros e uma enorme barba negra. Apenas a pele ao redor de seus olhos mostrava a pele branca que havia sob toda aquela barba, pois ele não usava óculos, e em seus olhos – mesmo que eles não tenham-se voltado para mim – eu senti uma grande força.

Mesmo no escuro da noite, eu pude ver quão curiosamente brilhantes, quase prateados, eles eram. Sob o véu, meu queixo caiu, minha boca abriu, e só porque eu tenho muito autocontrole consegui me impedir de gritar alto.

Aquele homem era Alexander Finch. Disfarçado. Mas eu não o teria reconhecido se não fosse pelo boné de pano, o casaco de

flanela, a jaqueta de veludo cotelê e as calças largas que ele usava.

Concentrado no que estava fazendo, ele não me notou entre os outros tantos transeuntes. Assim que ele se virou de costas para bater na porta da pensão, eu me escondi no lugar de onde ele havia acabado de sair.

Ele bateu com força, impacientemente, até que a porta finalmente se abriu. Então, com um tom de voz agriçoce, Finch perguntou:

– A cara senhora se importaria de sair para tomar um ar?

Ela não respondeu, apenas saiu daquela porta escura como um animal assustado. Na verdade, eu não teria coragem de deixar um cachorro morando em tal buraco.

– Dê-me a lanterna. Ela carregava uma lanterna? Aparentemente, sim. Eu vi algum movimento, e Alexander Finch acendeu um fósforo.

Quando, pela primeira vez, vi claramente o rosto da srta. Cecily, tive que me conter novamente para não gritar. Eu não imaginava que ele iria me levar até ela. Na verdade, acho que nem sua própria mãe reconheceria seu rosto magro e pálido, seu cabelo todo solto e sujo embaixo daquele pano enrolado em sua cabeça, seus ombros que tremiam mal aquecidos apenas por um xale, sua saia puída e esfarrapada, seus pés enrolados em trapos. Eu mesma só acreditei em meus olhos porque meus lápis desenharam muitas vezes essa delicada figura.

Srta. Cecily, uma mendiga carregando uma grande cesta.

Ele acendeu a lanterna e devolveu para ela. Ela disse algo, mas disse de modo tão tímido que não consegui ouvir.

– Primeiro o trabalho – respondeu ele em voz alta. – Depois a comida.

Novamente ela murmurou, seus olhos arregalados, suplicantes.

Mas dessa vez, em vez de responder, ele cerrou os lábios, exasperado, olhou para ela e apontou o dedo para seu rosto, como se estivesse espirrando algum tipo de fluido que saia dele direto para ela. Seu rosto havia-se tornado mais duro, seus olhos curiosos estavam mais focados, brilhantes. Ele moveu suas mãos de modo

sinuoso ao redor da cabeça dela e então as parou sobre seus ombros. Eu não teria acreditado se não tivesse visto, mas eu vi. Sem ao menos tocar nela, ele a tomou totalmente sob seu controle. Todas suas esperanças e seus anseios, toda sua fraca força de vontade sumiram de seus olhos, e ela ficou parada como uma boneca de porcelana, faminta e esfarrapada.

– O trabalho primeiro – seu mestre repetiu. – Depois a comida.

Sem olhar novamente para ela, o patife de cabelos desarrumados e barba enorme se afastou na direção da estação Paddington, e ela foi atrás, carregando a lanterna e a cesta, como se estivessem amarradas em seus cotovelos. Ele não era mais alto do que a maioria dos jovens, mas sua cabeça, inclinada, mal alcançava o nível dos ombros.

Ficando bem atrás deles, mas permitindo-me o luxo de ficar na calçada desta vez, eu os segui. Minha mente em uma confusão de horror, curiosidade e especulação, pois eu ainda não havia entendido o que acabara de ver. E todas as partes de meu ser, até mesmo a pele, tremiam pela necessidade de fazer alguma coisa, ajudá-la de algum jeito, intervir... mas como? E contra o que, exatamente?

Eu ainda não conseguia ver sentido naquelas circunstâncias. Eu só podia assistir.

Em uma esquina oposta a um bar, alguns homens com aparência rude se juntavam sob a luz de um poste. Eu vi Alexander Finch, com a srta. Cecily, em seu rastro como uma criança, parando para cumprimentá-los. Depois de apertar a mão de todos, eles lhe entregaram um engradado de madeira, e Alexander – ou o impostor de barba negra que eu mal acreditava ser Alexander – subiu no palanque improvisado e começou a falar. Mantendo-me nas sombras, eu estava muito longe para conseguir ouvir direito, mas consegui pegar algumas referências à “opressão capitalista”, ao “império construído sobre as costas dos trabalhadores explorados”, aos “direitos dos trabalhadores”, e por aí vai. Sem dúvida, eu observava Finch como a “influência externa” da qual os colunistas dos jornais falavam, no ato flagrante de fomentar, sem descanso, a

classe trabalhadora, mais especificamente, os carregadores e os trabalhadores das docas, do jeito que os balconistas do Empório Finch & Filho haviam dito. Não me surpreendia que eles soubessem das atividades noturnas do patrão, os empregados sempre sabem de tudo, apesar de não falarem nada, a não ser entre eles mesmos.

Quando subiu em sua plataforma para falar, Alexander deu algumas ordens para a srta. Cecily, que agora estava parada a uma curta distância dele, embaixo de outro poste de luz que ficava na parede de um prédio na esquina. Ainda rígida como um pedaço de madeira, ela oferecia a quem passava alguma coisa pequena e branca que retirava da cesta.

Meu Deus. Joddy havia dito que a tinha visto com “papéis”.

Panfletos. Para algum sindicato de trabalhadores ou outro tipo de reunião feita para criar confusões.

E uma conglomeração considerável de homens e algumas poucas mulheres havia-se formado para ouvir o que Alexander Finch dizia. Talvez eu não fosse totalmente notada se me aproximasse, seria apenas mais uma pessoa, que por acaso era uma freira, passando pela rua?

Depois de considerar por um momento, decidi me arriscar.

Tentando não demonstrar insegurança ou hesitação, andei na direção da srta. Cecily.

– ... o ópio das massas! – o Finch barbudo estava declamando do alto de seu... sim, realmente era uma caixa de sabão. – Como está tudo claramente demonstrado em bom inglês nas músicas cantadas pelos filhos da aristocracia: “Todas as criaturas, grandes e pequenas, foram criadas pelo bom Deus, em igual condição; o homem rico em seu castelo, o homem pobre em seu portão, Deus os fez pequenos e altos e lhes ordenou igual obrigação? E será que o bom senhor Deus ordenou que três quartos da população devesse viver e trabalhar em extremo estado de pobreza e de decomposição do próprio corpo e da mente, enquanto alguns poucos favorecidos ocupam seu tempo precisando da ajuda dos empregados para trocar de roupas cinco vezes por dia?”

Não dava para deixar de admirar o fervor e a clareza com que ele falava. Ele era brilhante. Eu concordava com muito do que ele estava dizendo. Difícil acreditar que ele era o vilão que eu suspeitava que fosse.

Mas, mesmo assim, as pessoas podem dizer a verdade e ainda assim serem vilãs.

E lá estava a srta. Cecily.

Algumas cabeças se viraram para mim quando cheguei perto da multidão, mas a maioria que estava parada naquela esquina queria apenas ouvir, alguns chocados e outros admirados. E o próprio Finch estava tão concentrado em seu discurso que, espero, não notou aquela irmã de caridade com seu véu negro, como o resto da roupa. Mas mesmo que ele tenha notado, acredito que nesse momento não teria tempo para lembrar de nosso encontro anterior que, para mim, aconteceu sob as mais desagradáveis circunstâncias.

Quanto à garota com a cesta, ela continuava imóvel e em silêncio enquanto a fuligem caía ao nosso redor. Apenas quando passei diretamente em sua frente, ela se moveu para me entregar um panfleto.

E será necessário que nesta noite, mais do que nunca, esta irmã muda diga algumas coisas.

– Srta. Cecily – sussurrei para aquela personagem ao pegar seu panfleto. Ela não olhou para mim.

– Srta. Cecily! – disse suavemente, bem perto de seu ouvido.

Tenho certeza de que ela ouviu. Mesmo que não tenha respondido, nem com um piscar de olhos, ou com um aumento na velocidade de sua respiração, ou um olhar, ou uma mudança em seu rosto impassível.

– Por duas vezes nós nos reunimos pacificamente como é de nosso direito... – declamava apaixonadamente o orador em cima da caixa de madeira na esquina – ... por duas vezes nós marchamos para Trafalgar Square carregando bandeiras de pano com nossas reivindicações para exigir que a zona nobre de Londres se lembre

de nós... e a polícia nos atacou e nos fez retroceder com seus cassetetes. E depois que derramamos sangue e fomos vencidos, um membro do parlamento disse: “É de mau gosto que as pessoas exibam sua fome na frente das porções ricas e prósperas da cidade. Eles que passem fome em seus sótãos”.

A multidão agora já tomava a rua, chegando até a calçada do outro lado. Mesmo com todas essas pessoas ali paradas ouvindo, não se escutava nenhum som a não ser a voz do orador com sua barba negra. O veemente olhar prateado e magnético de Alexander Finch dominava toda a multidão, que ouvia suas palavras em estado de êxtase. Eles o olhavam como se estivessem...

E finalmente eu me permiti pensar nisso. Hipnotizados. Como a srta. Cecily estava.

Capítulo décimo quinto

Hipnose. O tipo de coisa que estava fazendo sucesso nas casas de show e era assunto nas salas de estar de todas as casas.

Eu não acreditava naquilo já que nunca tinha visto.

Mas eu tinha visto ele fazer aquilo com a srta. Cecily. Há pouco eu tinha visto ele fazer seus passes magnéticos com as mãos e penetrar nela com seu olhar; do mesmo jeito que a sra. Bailey, e muitos outros, haviam descrito para mim. E agora a srta. Cecily estava parada em minha frente em uma esquina: indiferente, vestindo trapos, feito um boneco, esquecendo de sua própria fome para poder entregar panfletos anarquistas.

Só de olhar para ela, eu sentia vontade de gritar de frustração. Eu desejava desesperadamente ajudá-la, libertá-la, resgatá-la, fazer qualquer coisa... mas o quê?

Ir a procura de um policial? Mas ele não teria qualquer conhecimento sobre o desaparecimento da srta. Cecily e, portanto, não haveria razão para detê-lo.

Correr para contar a Lady Theodora tudo o que sabia e deixar que ela contasse tudo às autoridades? Mas isso levaria horas, talvez um dia inteiro. E se nesse meio tempo algo acontecesse a srta. Cecily?

– Deixem que eles soltem sua polícia imperialista sobre nós gritou seu captor para a multidão – deixem que ele nos deem outro Domingo Sangrento! Pois, da próxima vez, vamos pintar nossas bandeiras com o sangue de nossas cabeças derrotadas! Da próxima vez eles verão as bandeiras vermelhas da revolução! e os homens jogaram seus bonés para o alto, gritando selvagememente, animados pelas palavras de seu novo messias. Mas eu sabia que por trás

daquela peruca negra e da barba falsa não havia nenhum herói da classe trabalhadora.

Ele era um impostor. O filho rico de um comerciante.

E estava sendo glorificado pelo poder com o qual enganava a multidão.

Aparentemente, ele adorava aquele poder.

Olhando para a garota subjugada, a srta. Cecily, eu sabia que não podia dar as costas para ela por nem mesmo um minuto, pois ela poderia sumir novamente. Eu tinha que libertá-la dele. Aqui. Agora.

Mas como? Libertando-a da hipnose? Isso só podia ser feito, pelo que eu havia ouvido, fazendo os movimentos manuais magnéticos ao contrário; e não parecia muito provável que eu conseguisse fazer tal coisa. Levantá-la e carregá-la depois? Mas eu seria perseguida como sequestradora, pois ela poderia gritar e lutar contra mim. Eu sei que ela faria isso, pois enquanto parecia mansa como uma pomba – parada ali com seus olhos tristes, entregando panfletos –, completamente domada, eu sabia bem que havia outro lado dela, não aquele lado que desenhava em pastéis bonitinhos, mas o lado da moça canhota que desenhava grandes, negros...

Espere um minuto.

Srta. Cecily – ou a pálida e pobre garota que eu conhecia como sendo a srta. Cecily – estava distribuindo os panfletos com sua mão direita.

E quando me dei conta disso, uma espécie de iluminação elétrica com conjecturas, hipóteses e esperanças brilhou sobre minha mente ignorante certamente fazendo com que meus olhos brilhassem como uma lanterna. Como estava a salvo embaixo de meu véu negro, minha boca se arreganhou e eu sussurrei:

– Ai, minha anquinha! Oh. Oh, se eu pudesse fazer isso, fazer contato com a garota canhota, agindo pela premissa de que apenas a dócil e educada srta. Cecily destra havia caído no poder do vilão.

E se a secreta e rebelde senhorita canhota emboscasse e prendesse lá dentro esta meiga criatura que estava em minha

frente, eu poderia me comunicar com ela rapidamente, e de uma maneira que ela pudesse se conectar comigo como se usássemos fios de telégrafo, quase de modo instantâneo.

Mais por instinto do que por pensamento consciente eu sabia o que devia ser feito. Seus desenhos a carvão, como sabem, haviam-me afetado de maneira estranha. Havia causado algum tipo de identificação profunda em mim. Quase como se eu e ela fôssemos almas gêmeas.

Talvez, apenas talvez, ela pudesse me reconhecer também.

Então, peguei de um dos bolsos lápis e papel – eu sempre carregava essas coisas comigo –, abri o panfleto político, escondi o papel dentro dele, parei perto do poste de luz que havia atrás de mim, de modo que só a garota impassível pudesse me ver, e desenei.

E foi o instinto, novamente, que me disse o que desenhar, o que era melhor para descrever a liberdade que a srta. Cecily havia experimentado. Assim, eu desenei mais rápido do que jamais desenei na vida.

Desenei uma garota parecida com a srta. Cecily, vestida com um vestido bem moderno, pedalando uma bicicleta, deslizando sobre a terra por sua própria vontade de um jeito que eu também amava. A srta. Cecily, forte e linda, sorrindo, com o vento levantando seu cabelo, soprando as fitas de seu chapéu no ar.

E enquanto meu lápis voava, pelo canto dos olhos, eu podia ver a pobre garota destra ficando sem ação, esquecendo-se de sua tarefa de entregar as mensagens políticas. Eu a vi endurecendo, o olhar fixo em meu desenho.

Então eu passei o lápis para a mão esquerda. Bem desajeitadamente, eu comecei a rabiscar em cima do desenho, da direita para a esquerda, como a escrita que se pode ler no espelho:

– Quem...

Mas eu fui um pouco longe demais. Ela largou a cesta e, antes que eu pudesse completar a pergunta, sua mão esquerda se levantou, agarrou meu lápis e meu papel. Já não estava mais

indiferente, parou em minha frente como se estivesse pegando fogo, e ordenando:

– Como se atreve? O que pensa que está fazendo? Quem é você?

Por sorte, ninguém ao redor prestava atenção em nós, pois a multidão gritava para mostrar que concordava com Alexander Finch enquanto ele discursava.

– Deixem que eles empunhem seus sabres e mandem a cavalaria sobre nós, deixem que nos massacrem como fizeram em Peterloo e, ainda assim, nós iremos perseverar!

A srta. Cecily soava como se ela também quisesse um sabre para empunhar sobre mim.

– Quem é você?

E no esporão do momento – oh, Deus, como a metáfora da cavalaria servia bem –, quer dizer, naquele momento de crise, sem saber o que fazer para acalmá-la e falar com ela, eu fiz algo que a irmã nunca deveria fazer.

Que nunca havia feito antes.

Eu levantei o véu.

Deixei que ela visse meu rosto.

Meu longo, limpo, cicerônico rosto.

Ela ficou olhando. Respirou fundo e soltou o ar com força, como se estivesse assoprando uma vela.

– Por quê? – disse ela calmamente. – Você é apenas uma garota.

Ela continuou a me analisar como se estivesse tão perplexa quanto intrigada.

– Você desenha maravilhosamente bem – completou.

Acho que os magníficos desenhos em carvão que ela nunca deixou ninguém ver e alguma coisa em meu rosto a fizeram sorrir.

– Você não é uma freira – disse ela em um tom de voz leve como se estivesse brincando com uma amiga. – O que você está fazendo

nesse hábito absurdo?

Com meu sotaque mais aristocrático, para que ela soubesse que éramos iguais na classe e em muitas outras coisas, eu respondi:

– Srta. Cecily, alguém pode perguntar...

Eu queria criticá-la sobre ser a filha de um baronete vestida em trapos. Mas quando eu falei seu nome ela congelou e deixou escapar um guincho, quase um grito, como se não soubesse que eu a conhecia. Como se ela não tivesse ouvido que eu a chamara pelo nome antes. Como se ela estivesse surda naquele momento e pudesse ouvir agora.

Sua reação, por sorte, passou despercebida entre os gritos da multidão.

– Srta. Cecily – eu tentei novamente. – Não há motivo para se assustar. Eu apenas quero ser sua amiga. Levar você para algum lugar calmo e seguro, dar-lhe o que comer e livrá-la desses trapos.

Ela olhou para o que estava vestindo e olhou para mim novamente, com um olhar louco, assustado. Depois olhou ao redor, desorientada e em pânico, já que ela não podia compreender onde estava.

– A companhia aqui não é das mais agradáveis – comentei gentilmente. – Podemos ir? Pegando sua mão esquerda... nua e azulada, suas pobres mãos rachadas pelo frio... dei alguns passos para longe de Alexander Finch e sua turba de seguidores.

– Os trabalhadores têm o direito de se unir por horas de trabalho justas – berrou o orador de esquina – e por um dia de trabalho justo!

A srta. Cecily parou onde estava.

– Não – hesitou. – Não, eu... eu não posso.

– Por que não? – meu tom continuava macio porque, acima de tudo, eu não podia irritá-la novamente, não podia arriscar atrair a atenção de Finch para ela. E para mim.

– Ele... minha lealdade... a causa... o nome de Cameron Shaw deve ser escrito na história da Inglaterra. Um dia ele será um grande homem.

– Quem?

– Cameron Shaw! – e com um olhar de fervorosa devoção, ela indicou o incitador de cabelos e barbas negras que gritava em cima de sua caixa de sabão. – Você quer dizer que nunca ouviu falar dele?

Calma e muito sinceramente respondi:

– Estou muito ansiosa para saber tudo sobre ele. Como você o conheceu?

Foi... foi de uma forma... muito interessante... – com as sobancelhas levantadas, ela parecia novamente confusa, seus olhos buscavam um ponto, enquanto ela tremia de frio como uma criança perdida.

Venha – disse para ela, e novamente segurei sua mão e a levei para longe dali.

Na primeira esquina, eu virei para uma rua diferente, para longe da visão de Alexander Finch caso ele resolvesse olhar em volta. Então, recuperando o ar, eu diminuí o passo para que a srta. Cecily pudesse me acompanhar mais confortavelmente – ela mal conseguia ficar em pé com seus pés meio congelados e meio enrolados naqueles panos sujos –, e também para que eu pudesse decifrar onde nós estávamos e para onde estávamos indo. Nada parecia familiar naquelas ruas vazias. Mal podíamos ouvir ou ver se havia alguém por perto. Esta vizinhança parecia ainda mais deserta nas noites de inverno. Aqui, podia-se encontrar um ladrãozinho ou Jack, o estripador em pessoa, podia surgir da neblina e das sombras entre os postes de luz.

Os dentes da srta. Cecily começaram a estalar como meu rosário, tal era o frio da noite e seu medo. Parando por um momento, procurei em meus bolsos alguns dos doces repositores de energia que sempre carregava comigo e lhe entreguei. Enquanto ela tentava desembrulhar um deles e colocá-lo na boca, eu tirei minhas luvas de pele e as coloquei em suas mãos geladas. Abri minha capa e a

convidei para que dividíssemos seu calor, enrolando-a em nossos corpos, coloquei meu braço esquerdo sobre seu ombro, como se ela fosse uma irmã mais nova.

E mantive minha mão direita sobre minha adaga disfarçada quando voltamos a andar.

– Então, diga-me – perguntei mais uma vez, gentilmente. – Como você conheceu esse, hum... Cameron Shaw?

Eu... eu mal consigo falar sobre isso. Você vai pensar que estou louca.

Eu prometo que não vou pensar nada desse tipo. Como aconteceu?

Em um sonho – respondeu ela. – Ele apareceu para mim em meu... em meu sono, em minha mente, como um anjo de cabelos negros, convocando-me para ser sua ajudante em sua... em sua cruzada.

Ah – murmurei de um jeito que eu esperava que fosse encorajador e reconfortante, apesar de precisar de meu autocontrole um pouco mais forte para conter o arrepio diante da imagem que se formou em minha mente: o vilão disfarçado e parado em frente de sua cama enquanto ela dormia, encarando-a com seus olhos assustadores, passando suas mãos sobre seu inocente sono para penetrar em sua mente com o princípio vital de seu magnetismo animal, tomando-a sob seu poder antes que ela pudesse acordar.

– Eu fui escolhida – dizia a garota enquanto tremia. – Recebi o chamado. Assim como Joana d’Arc.

Sim, eu entendo.

Você entende, não entende?

Muito bom, eu havia conseguido manter meus sentimentos de fúria longe da minha voz. E com um ímpeto de alívio a srta. Cecily começou a falar.

– Então eu acordei no meio da noite e não havia ninguém em meu quarto, mas o chamado foi tão forte que me levantei da cama. Eu sabia exatamente o que devia fazer. Havia roupas mais humildes

esperando por mim, uma saia e uma blusa e um xale como uma lavadeira deve usar. Eu as vesti sobre minha camisola. A janela estava aberta. Eu escalei para fora. E escalei para baixo... baixo... baixo...

As espantosas memórias pararam com suas palavras e seus pés. Estávamos agora em uma encruzilhada, e eu não reconhecia nada em nenhuma das direções, nem para distinguir o leste do oeste, ou o norte do sul.

Escolhendo às cegas uma rua lateral, comecei a andar novamente, arrebanhando-a junto a mim, antes de dizer:

– Para baixo pela escada.

– Como você sabe? – mas, sem esperar pela resposta, ela continuou. – Sim, pela escada, e ela era tão alta e tremia, eu fiquei aterrorizada, mas tinha que fazer aquilo. Ele... Cameron Shaw, você sabe... ele estava esperando por mim no chão.

– Você já o tinha visto antes?

– Não, nunca! A não ser no sonho. E é isso que torna tudo tão... fantástico, como pode ver. Então ela não reconheceu Alexander Finch sob cabelo e barba falsos. Alexander Finch. Filho de um comerciante. Eu me lembrei de como, no começo, o tinha visto como nada mais do que um jovem desinteressante. Vestido como um “cavalheiro” que, apesar das roupas de almofadinha, era um nada. Como ele se mantinha impassível, como se não tivesse alma, quando o velho Finch brigou com ele.

Mas agora eu começava a entender. Toda aquela raiva não havia sido desperdiçada sobre ele. Ele a havia guardado dentro de si. Ela valia o tempo de uma vida.

A srta. Cecily endureceu sobre meu braço e meu manto. Como se repentinamente ela fosse um boneco e alguém houvesse puxado seus cordões. Ela parou, dizendo em um tom estranho:

Eu devo retornar.

Retornar para onde? Para casa?

Eu não tenho casa.

Certamente você tem uma casa. A mansão do baronete.

– Com papai sempre e eternamente falando sobre as obrigações do império e o progresso do homem. Enquanto pretende me casar com qualquer coisa que tenha um título e use calças? Não. Eu não posso voltar para lá.

Eu apertei meu braço ao redor dos ombros da srta. Cecily, tocada por sua honestidade. E por sua conversa. Vocês devem saber que eu já havia fugido há quase meio ano e sentia falta de qualquer conversa mais íntima com outro ser humano, e essa garota – tão parecida comigo, no final das contas –, só por conversarmos, eu sentia um grande entusiasmo em meus sentimentos por ela.

– Existem outras possibilidades – disse.

– Tais como a vida que você escolheu, talvez? Como você fez isso? Quem é você? Você ainda não me disse seu nome. Ah, como eu queria dizer. Eu sentia vontade de dizer para ela tudo sobre mim.

Sobre a minha peculiar e excêntrica pessoa.

Talvez... talvez não fosse necessário, afinal, que ela voltasse para sua vida em tons pastéis e toda certinha, pegando seu chá com a mão direita. Talvez, em vez disso, ela pudesse viver... como uma irmã... comigo?



Capítulo décimo sexto

Senti meus lábios tremendo quando eles se abriram. Senti minha respiração acelerando. Ouvi quando eu disse:

– Enola. Meu nome é Enola Holmes.

E eu teria contado muito mais. Eu teria contado tudo sobre mim, se não tivesse acontecido, bem naquele momento, de uma voz intervir do meio da escuridão.

– Cecily! Venha cá! A voz de seu mestre. E não estava longe. Perdida e andando em círculos, eu havia falhado em levá-la para longe dele. E tenho certeza de que você irá pensar que eu estou exagerando, gentil leitor, quando disse que senti a presença de sua ira como uma força da natureza no meio da noite, mas é a mais pura verdade. Sua fúria vibrava nas sombras cheias de fuligem, pare-cia palpável.

Eu senti que a srta. Cecily se assustou como uma corça e se encolheu, começando a tremer.

– Eu devo voltar – sussurrou ela, aterrorizada.

– Não! – segurando-me a ela enquanto procurava desesperadamente pelo quarteirão algum lugar por onde pudéssemos fugir ou nos esconder, até que finalmente eu reconheci uma rua ali perto. Eu havia visitado o lugar. Eu sabia onde estava e por onde fugir...

Mas ela se soltou de mim.

– Srta. Cecily, não!

Ela sequer virou a cabeça, nem para se despedir; na verdade, ela parecia nem me ouvir. Nem parecia que ela fugia de mim. Como uma sonâmbula, ela apenas se afastou de mim... indo na direção dele. Eu podia vê-lo agora, uma silhueta negra na escuridão no final da rua. Enquanto me mantinha rígida nas sombras, ela seguia na

direção dele como uma cega, com seus trapos sujos que um dia foram brancos.

– Cecily! – ele a viu na luz de um dos postes. Mas eu não ouvi alegria nesse reconhecimento. Eu ouvi um perigo terrível.

– Como ousa abandonar seu trabalho. Venha até aqui. Parecia que ele não havia-me ouvido nem me visto. Ainda. Eu puxei o véu para esconder o rosto.

Ele andou na direção da srta. Cecily e ela caminhou ao seu encontro. No meio da escura e deserta rua, ela parou em frente a ele, a cabeça abaixada como se fosse uma criança levada.

Eu o ouvi falar em um tom de zombaria e ao mesmo tempo ameaçador.

Eu não capturei as palavras, pois minha atenção estava voltada para qualquer som que eu mesma poderia fazer enquanto ia na direção deles.

E o vi abaixar seu rosto barbudo para respirar na face da srta. Cecily. Eu a vi se abaixar.

Pegando um caminho pelas sombras mais fundas, eu me movi lentamente para o mais perto deles que pude chegar sem ser vista.

– Ouça-me. Ouça-me bem, sua criança atrevida que não vale nada – ele estava dizendo quando fui, pé ante pé, em sua direção por um dos lados, e sua raiva poderia ser terrível o suficiente por si mesma, mas ali havia mais, era o hipnotizador que a comandava, o magnetizador a mantendo indefesa com seu olhar de serpente. – Você irá me obedecer ou será punida. Por sua desobediência desta noite, você vai ficar sem o jantar. O que eu acabei de falar? Diga.

Como um eco da voz dele, ou um fantasma de si mesma, ela começou a sussurrar:

– Por minha desobediência...

Naquele momento eu ataquei. Com um grito típico de um menino de rua eu fui com as duas mãos no rosto do hipnotizador e agarrei seu cabelo. De um modo selvagem, eu arranhei e puxei o mais forte

que conseguia. Com uma mão, arranquei sua peruca, com a outra, eu puxei sua barba falsa.

A srta. Cecily se encolheu. Se ela estivesse de corpete, acho que teria desmaiado. Mas, com um grito, ela se reanimou, chorando:

– Alexander Finch?

Ali estava ele, parado com sua cabeça nua, sem seus óculos, parecia incapaz de pensar no que fazer ou dizer.

– Alexander Finch! – gritou a srta. Cecily, ultrajada. Foi exatamente como eu pensei; ela poderia suportar ser usada por alguém que ela admirava, mas ela não toleraria ser enganada. – Impostor! Fraude!

Tudo havia mudado naquele momento que fiquei de lado, segurando aqueles objetos peludos e nojentos.

– Como se atreve a me fazer de idiota!

Silêncio – disse ele para ela, numa tentativa de restabelecer sua autoridade.

Silêncio? Seu inseto vil, não, seu verme! – e de fato ele meio que se parecia com um verme com sua cabeça branca redonda, seus olhos pálidos. – Seu verme, você vai desejar silêncio mesmo, mas eu não vou descansar até que cada tribunal da Inglaterra fique sabendo de sua infâmia.

Com um olhar que poderia cortá-lo como uma navalha, ela se virou para ir embora. Mas esse homem não sabia o que é a vergonha. Ele a agarrou.

– Não vire as costas para mim. Estou falando com você.

Ela se soltou e continuou andando. Mas não correu. Com seus pés gelados enrolados em trapos, ela andou em seu passo aristocrático. Talvez ela tivesse uma dupla personalidade antes, mas não agora. Ninguém poderia confundi-la com uma garota pobre naquele momento; ela navegava como um navio no Tâmis, cada centímetro seu pertencia a uma dama.

– Meretriz, não se atreva a me desafiar! Ela não respondeu, a não ser por continuar andando.

– Vagabunda orgulhosa, estou avisando – e apesar da voz de Alexander Finch não se levantar, algo em seu tom me deixou mais gelada do que o frio da noite jamais deixou, arrepiando os pelos de minha nuca.

Dupla personalidade? Não, não era a srta. Cecily que havia tomado o mesmo caminho que o dr. Jekyll e o sr. Hyde. Eu a vi acelerar o passo discretamente enquanto continuava a andar.

– Nenhuma criança vira as costas para mim! – gritou Finch, enquanto pegava algo no bolso. Algo longo. Um longo laço branco. Algo que se torcia como uma cobra branca no meio da noite. Era algo para se suspeitar, ou mesmo saber no fundo do coração, mas era totalmente diferente ao ver. Aquela visão me fez paralisar por um momento, e só depois eu consegui gritar.

– Não! – e saltei para tentar impedi-lo. O que não deu certo. Ele simplesmente me repeliu com a parte de trás de seu punho, fazendo-me voar para o outro lado, não me dando mais atenção. Talvez ele se lembrasse de minha fuga em pânico depois de nosso encontro na outra noite, e esperava que eu repetisse a dose. Talvez ele achasse que nenhuma mulher pudesse fazer nada além de gritar, desmaiar ou fugir. Talvez, em sua fúria de assassinar ele não pensasse em nada.

Seu golpe me jogou sobre as pedras do chão, onde caí totalmente sem ar. Paralisada novamente. Sem conseguir me mexer.

Mas eu podia ver.

Eu vi aquele vilão enlouquecido atirando-se como uma besta faminta para cima da srta. Cecily. Agarrando-a, ele lançou o garrote por sobre a cabeça dela e o apertou.

O rosto da srta. Cecily se contorceu. Seus olhos reviraram para cima. Suas mãos seguraram o pescoço, tentando agarrar a violenta ferramenta que lhe sufocava, sufocava para encurtar sua vida, do mesmo modo que minhas mãos fizeram naquela noite assustadora quando...

E naquele momento surpreendente, respirando com dificuldade e lembrando-me, eu aprendi o significado da frase “ver tudo em vermelho”. A noite tomou aquela coloração diante de meus olhos como se a fúria me reanimasse para que eu ficasse em pé. Minha adaga parecia querer pular para minha mão, e com segurança eu a peguei. Com a arma em punho, eu corri na direção do estrangulador.

Crueldade. Ele não tinha nenhuma razão para escravizá-la a não ser por gostar de brincar com seu poder. Ele não tinha nenhuma outra razão para me atacar também. Para me estrangular até me fazer perder os sentidos, perto da morte, em uma noite anterior – se não fosse por aquela interrupção do destino – ele teria parado para se divertir olhando para meu rosto.

– Seu verme! – gritei. – Seu...rato de esgoto, repugnante, nojento...

Maldita boa educação que não me deixava pensar em nenhum nome ruim o bastante para xingar aquele demônio, quando eu cravei minha faca nele.

Bem no músculo inchado de seu braço. Não em seu coração. Pois eu não seria capaz de matar mesmo um monstro desses.

Com um grito rouco, ele soltou seu brinquedinho assassino; a srta. Cecily caiu no chão.

Eu acho que Alexander se virou para mim, com as mãos levantadas para se defender dos meus golpes, mas de fato eu não notei. Eu só me lembro que o apunhalei novamente, no braço ou no ombro, apunhalei e apunhalei novamente com uma qua-se fúria cega e tingida de vermelho sangue. Eu não sei quantas vezes o atingi, ou como o atingi, ou que palavras usei, ou se ele tentou tirar a faca de mim, até que percebi que não estava apunhalando nada a não ser o ar.

Pisquei e ouvi seus passos fugindo, minha vista clareou e eu pude vê-lo segurando o braço enquanto fugia.

Pingos de sangue manchavam o chão.

E na rua gelada, a srta. Cecily continuava jogada em meio a seus trapos, pálida e imóvel.

Que Deus tenha piedade, eu havia sido salva por um colarinho alto de cartilagem de baleia na noite que fui atacada, mas ela não estava usando nada igual.

Estava jogada como se estivesse morta.

– Por favor, não – sussurrei, começando a tremer inteira quando a fúria se desfez e deu lugar ao medo. Minha mão tremia e, inconscientemente, eu coloquei de volta a adaga toda ensanguentada na bainha em meu busto. – Por favor – supliquei à noite, enquanto me ajoelhava ao lado da srta. Cecily, e naquele momento eu percebi o quão fundo o garrote havia entrado em seu delicado pescoço. E minhas malditas mãos tremiam tanto que eu não conseguia afrouxar aquela coisa, levando alguns segundos horríveis para soltá-lo.

Freneticamente eu tocava sua garganta tentando sentir sua respiração, assim como seu pulso. Pensei ter sentido um tipo de vibração, talvez, mas tremia tanto que não podia ter certeza.

Ajuda, eu precisava de ajuda para a senhorita.

E, por um estranho e talvez até providencial acaso, eu sabia onde podia encontrar essa ajuda.

Estava ao alcance da mão.

Levantando o corpo inerte da moça em meus braços, cambaleei e caminhei desajeitadamente até uma modesta casa-escritório ali perto. Agora, escura, fechada e trancada, é claro, no meio da noite, mas me esforcei para subir os degraus de pedra branca até a porta, encostei-me ali e, liberando uma mão, manejei o batedor de metal da porta com toda a força que me restava.

Mantive minhas batidas frenéticas até que a porta se abriu. Ainda agarrada à garota ferida, eu cambaleei, quase caindo, para dentro do corredor de entrada.

Apenas olhei para a arrumadeira assustada que havia-me deixado entrar, pois logo meu olhar de pânico se fixou em um cavalheiro, igualmente assustado, que emergia da biblioteca com

um copo de bebida para depois do jantar em sua mão – o dr. Watson.

Tentei dizer algo para ele, mas sufoquei minhas próprias palavras porque bem ao lado do bom doutor surgiu seu companheiro de jantar e amigo – meu irmão – Sherlock Holmes.

Capítulo décimo sétimo

Por sorte, era quase impossível que reagisse com mais pânico do que eu já estava sentindo por minha agitação, já que meu rosto continuava escondido pelo denso véu negro.

Felizmente a atenção de Sherlock Holmes, assim como a do dr. Watson, estavam totalmente voltadas para a inerte, e possivelmente morta, garota caída em cima de mim.

– Deus do céu! – apressando-se em minha direção, dr. Watson levantou a srta. Cecily como se fosse uma criança de colo. E quase correndo, ele a carregou para a biblioteca, mais aquecida e bem iluminada.

Seguindo-o, meu irmão perguntava:

Ela está respirando?

Pelo menos isso.

Então, ela estava viva. E ouvindo isso, subitamente me senti com a cabeça mais leve. Na verdade, eu me senti inteiramente mais leve, como se eu pudesse flutuar, tamanho o fardo que ha-via sido tirado de mim.

O doutor Watson deitou a garota em um sofá-cama de couro e segurou seu pulso com seus dedos treinados.

– Sua pulsação está fraca. Conhaque, Holmes!

Meu irmão já se dirigia à garrafa, de costas para mim. A arrumadeira ficou a certa distância de mim, agarrada ao corrimão da escada como se fosse desmaiar. Naquele momento, eu poderia ter simplesmente me virado, saído porta afora e sumido na escuridão.

Eu sei que poderia. Não havia razão para que eu ficasse. A srta. Cecily estava em boas mãos agora.

E havia muitas razões para eu partir. A atenção do dr. Watson poderia se voltar para mim, ou até mesmo a atenção de seu amigo:

meu irmão poderia me reconhecer. E, ainda mais, a qualquer momento a srta. Cecily poderia recobrar os sentidos e dizer meu nome que, como uma tola, eu havia dito a ela.

Cada nervo me dizia para fugir.

Mas, mesmo assim, como uma vespa gigante atraída pela luz, como um fantasma, eu fiquei na sala com os outros.

Com meu irmão.

Com a garota que eu tinha desejado fazer amizade.

E com o paternal dr. Watson.

Ajoelhando ao lado de sua paciente e removendo a corda de seu pescoço, Watson exclamou: – Somente um selvagem estrangularia uma mendiga! – e gritou na direção do corredor. – Rose, chame a polícia!

Rose, eu suponho, era a arrumadeira que poderia, ou não, estar se sentindo bem o suficiente para responder.

Parado ao lado de Watson e segurando o conhaque, Holmes disse:

– Não é uma mendiga. Olhe para seus dentes. Por toda sua vida eles foram bem cuidados. Administrando o conhaque, Watson não respondeu imediatamente.

Olhe para sua pele, seus traços. Nossa visitante é uma dama.

Se for mesmo, então o que ela está fazendo em tais... Meu arrogante irmão o interrompeu:

Há algum mistério aqui.

E como um falcão ele se virou para onde eu estava, bem ao lado da porta da biblioteca, talvez a uns três metros dele. Seus olhos cinzentos como aço se fixaram em meu manto sujo e suas sobancelhas se levantaram.

– Isso aí é sangue?

Acho que sob a luz a gás ficava difícil dizer que em minha roupa negra, imunda pela sujeira da rua, havia manchas úmidas.

– Sangue? – olhando para ver do que Holmes estava falando, dr. Watson também olhou para mim e se levantou silenciosamente.

– Madame, a senhora está ferida?

Na verdade, eu estava machucada, meu rosto estava ferido e dolorido por conta do golpe de Alexander Finch. Mas eu balancei minha cabeça coberta para indicar que não.

Novamente, eu poderia ter fugido, deveria ter fugido, mas algum desejo nocivo me mantinha onde eu estava. Dr. Watson perguntou:

– Por que você não fala?

A irmã das ruas é muda, eu ouvi dizer – Holmes disse a seu amigo sem olhar para ele; seu olhar cinzento continuava em mim como se pudesse ver além do meu véu.

Ou talvez ela esteja machucada e em choque – disse o dr. Watson. – Aquilo ali se parece com sangue. Muito sangue.

– Faltam dados para chegar a qualquer conclusão – disse Holmes que veio em minha direção para investigar.

Eu saquei minha adaga.

Meu irmão parou onde estava, talvez a um metro e meio de mim. Tudo pareceu ter parado naquele momento em que eu ameaçava com minha muito bem afiada faca de aço. Até mesmo o relógio pareceu parar. Eu permaneci totalmente imóvel, totalmente em silêncio.

A ponta prateada da faca usava um véu vermelho. O silêncio se prolongou, e então foi quebrado. Watson o quebrou com sua voz um pouco tensa.

– Eu acho que não é o sangue dela, Holmes.

– Eu gostaria muito de saber de quem é – murmurou o grande detetive.

E então ele esticou as mãos em minha direção com um gesto pacífico, ainda que autoritário, e começou a protestar ou tentar me persuadir:

– Minha cara irmã... Sua cara irmã. Essas palavras... como elas me afetavam de um jeito estranho.

– Não seja condescendente comigo! – eu mal reconheci minha própria voz, distinta e aristocrática, explodindo daquele jeito por sob o véu, como eu nunca deveria ter feito. – Eu não preciso de ajuda. Por outro lado, a srta. Cecily,...

Com um movimento da faca eu indiquei a garota que ainda jazia inconsciente no sofá.

– ... filha de Sir Eustace Alistair, precisa de mais cuidados do que eu posso prestar. – Apesar de ser improvável que ela receba o tratamento para sua alienação psíquica, seu outro eu, a canhota. Mas se a polícia estava a caminho, não havia tempo para explicações. Eu continuei:

– O vilão que a estrangulou...

A voz apática e estridente com... com descrença, eu suponho... de meu irmão me interrompeu:

Enola? – seu rosto havia-se tornado pálido e doce como uma bela escultura de mármore.

Não diga nada. Ouça – não havia tempo para melodrama; eu tinha que terminar o que estava dizendo. – Por favor, preste atenção no que estou dizendo. O estrangulador é Alexander Finch, um jovem que já foi amigo da moça e que a hipnotizou e sequestrou. Ele se mascarou como um líder dos trabalhadores chamado Cameron Shaw. Você vai encontrar seu disfarce na rua e poderá encontrá-lo em algum cirurgião ou no hospital, com as marcas de minha faca nele.

Eu só podia esperar que o dr. Watson tivesse escutado tudo isso, pois evidentemente meu irmão não tinha. Ele respondeu do mesmo jeito de antes:

– Enola?

Tendo feito tudo o que eu podia para o interesse da justiça, amaciei minha voz consideravelmente.

– Meu caro irmão, por favor, acalme sua mente a meu respeito. No dia em que peguei o livro de criptografias de sua escrivãzinha, por acaso você encontrou um lençinho que pertencia a mim, enrolando um pedaço de cebola?

Eu queria convencê-lo, como veem, de que meu choro havia sido uma atuação. Para deixá-lo despreocupado.

Mas parecia que ele não estava me acompanhando. Ele apenas se inclinou em minha direção, seus traços de alabastro vibravam tentando conter a emoção.

– Enola, tente ser sensata. Você não pode continuar vivendo com essas roupas tolas, sozinha, sem ninguém para te aconselhar, com essa teimosia!

O dr. Watson, com os olhos arregalados, parecia querer dizer algo – e eu temia que ele dissesse –, mas um movimento e um gemido da srta. Cecily chamou sua atenção.

Ela iria se recuperar. Com um golpe, meu coração desistiu da esperança de fazer amizade com ela. Eu teria que me satisfazer apenas em saber que ela estava salva agora.

E esperar que ela eventualmente encontrasse sua liberdade. Como eu havia encontrado.

– Sherlock – disse para meu irmão de forma honesta e rápida. – Eu estou indo muito bem por minha própria conta, obrigada.

Você está querendo me dizer que você está bem?

Exatamente. Apesar de – comentei – estar um pouco preocupada com nossa mãe, já que não tive resposta para minha mensagem mais recente.

Diga-me onde ela está e poderei encontrá-la. Ah! Então ele, afinal, não sabia de tudo! Eu respondi:

Esse não é o desejo dela, não importa o que aconteça.

– E você, Enola? Vai insistir em continuar seguindo seu exemplo voluntarioso? Você pode vir a se machucar!

– Meu querido Sherlock – disse de um modo quase carinhoso, apesar de ainda estar segurando minha adaga para evitar que ele se aproximasse de mim – o maior mal que posso vir a sofrer é a perda de minha liberdade, é ser forçada a viver uma vida convencional de deveres domésticos e matrimônio.

– Você não pode estar dizendo isso. A função de todas as moças decentes é ter lugar apropriado na sociedade – ele deu um passo em minha direção. Eu o impedi com um movimento da arma.

– Não se aproxime, não quero machucar você – na verdade eu nunca poderia machucá-lo, mas ele me conhecia tão pouco que parou.

– Não consigo acreditar em nenhuma das palavras que você está dizendo, querida irmã – ele era todo súplicas. – Deixe-me ver seu rosto.

Ele não estava pedindo muito, mas eu não podia fazer o que ele pedia já que o dr. Watson poderia me reconhecer como Ivy Meshle.

– Não – e no mesmo momento, eu me dei conta de que o pedido era só um plano para que eu me distraísse da arma; é preciso duas mãos para levantar um véu. – Não, oh-meutão-esperto-irmão. Acho que não – mesmo assim, minha voz permanecia gentil; eu esperava que ele pudesse ouvir nesse tom meu afeto por ele. – Tenho que ir agora. Por favor, transmita meus cumprimentos ao nosso irmão Mycroft...

Uma considerável comoção soou atrás de mim. De uma vez, baixei a faca, escondi-a em um dos bolsos de meu manto, virei-me e saí da biblioteca ao mesmo tempo em que a arrumadeira e um policial apareceram na porta.

Segure-a! – gritou meu irmão, mas a empregada, muito agitada com os acontecimentos, estava puxando o policial até onde a srta. Cecily estava deitada e, antes que Sherlock pudesse gritar novamente, eu saí correndo porta afora e rua abaixo.

Segure-a! – a voz de meu irmão soou como uma corneta no meio da noite. Eu podia ouvir que estava me perseguindo: os passos pesados e curtos do policial e os passos longos e leves de meu irmão.

Como um animal sendo caçado, eu saltei um parapeito de ferro e caí em uma área de serviço. Fugindo para salvar minha vida – pois a perda de minha liberdade poderia me matar –, eu segui por uma

porta que parecia dar para os fundos e entrei em uma confusão de ferramentas espalhadas, oficinas e cercados de animais atrás das casas. Quando eu parei, perto de uma garagem para recuperar o fôlego e a razão, ouvi meu irmão falando com o policial; depois ouvi este último parar em um telefone de emergência na esquina da rua.

Oh, que adorável. Dentro de instantes ele terá todos os policiais de Londres procurando por mim.

– Dê-me uma lanterna – a voz de comando de meu irmão ordenou a alguém. – Ela não pode estar longe.

Eu corri para o outro lado da garagem e adiante, sem enxergar nada, com meus pensamentos frenéticos e desesperada. Sherlock Holmes iria procurar em cada estábulo, em cada chiqueiro, em cada sombra dos becos, enquanto as ruas seriam patrulhadas pela polícia. Não havia lugar onde se esconder.

Meu manto negro, minha capa e meu véu, meu hábito – eles me marcaram, agora e para sempre. Eu tinha que me livrar deles.

E então o que eu faria? Correria para casa vestindo minhas roupas íntimas de flanela vermelha?

Para que eu pudesse mudar de aparência e assim enganar meus perseguidores, eu precisava de um esconderijo.

Mas aonde poderia ir, com todas as mãos de homens contra de mim?

E todas as mãos de mulheres à mercê dos homens?

Como eu tinha escolhido não aceitar a sina das outras garotas... seria sempre assim? Correr, esconder, desviar, disfarçar? Enola, sozinha?

Eu não me permitia responder àquela pergunta que me forçava a pensar em vez de fazer o que era preciso naquele momento. Quando eu emergi em uma via pública pavimentada e comecei a correr por ela, vi que a reconhecia como um lugar onde já havia estado antes...

Baker Street.

É claro.

Meus pés, que aparentemente possuíam mais inteligência do que minha cabeça, haviam-me levado para o único lugar onde meu irmão jamais pensaria em me procurar.

Com energia surgida dessa nova esperança, eu me adiantei para o número 221 e corri para os fundos da casa. No pequeno quintal, que eu já havia notado em minha visita anterior, havia uma pequena e adorável árvore muito nodosa, conhecida como “plátano londrina”. Subi por seu excelente tronco sem nenhum problema e, depois disso, eu só precisei de uma pequena manobra para subir no telhado do pórtico da cozinha.

Foi por pouco. Assim que me sentei, ofegante, dois policiais passaram pela calçada do outro lado da Baker Street, um deles dizia para o outro:

– Temos que ficar de olho em uma freira, foi o que o sargento disse. – Pelo que eu ouvi, ela tem uma faca, deve estar louca – respondeu o outro. – É difícil de acreditar, mas estão dizendo que ela é perigosa.

– Está histérica – disse o outro, solenemente. – Uma coisa normal para o sexo dela. Eu me perguntava se era isso que Sherlock pensava de mim.

Louca. Histérica.

Sim, era bem provável.

Depois de tirar minhas botas para fazer mais silêncio, atravessei o telhado até chegar à janela que julgava ser do quarto de meu irmão. Gentilmente, eu a forcei e ela abriu fácil; como eu esperava, não estava trancada. Meu irmão ainda era, no final das contas, filho de minha mãe, e para ter um sono saudável, deixava entrar no quarto o ar fresco da noite.

Deslizei para dentro e fechei a janela atrás de mim. Eu já havia planejado que procuraria em seu guarda-roupa alguma coisa para vestir. Eu sabia que ele guardava vários disfarces. Por várias vezes, já tinha até se passado por uma velha mulher. Uma saia, um xale e um chapéu de qualquer tipo, isso era tudo que eu precisava.

Então, eu esperaria e descansaria até que ouvisse a porta se abrindo no andar de baixo; aí eu sairia da mesma maneira que entrei.

Sabia que nunca mais poderia me disfarçar de irmã de caridade.

Eu me perguntava até mesmo se seria seguro continuar disfarçando-me de Ivy Meshle. Talvez não. Holmes e Watson certamente discutiriam sobre os eventos da noite e Watson iria confessar sua visita ao dr. Ragostin.

E eu imaginei se veria novamente a srta. Cecily.

Provavelmente, não.

O único jeito de me manter livre e a salvo seria... ser como meu nome havia-me decretado. Enola. *Alone*. Sozinha.

Quando coloquei lenha na lareira da residência 221 da Baker Street, senti a dor que aquele pensamento me trazia, mas também sentia um pouco de consolo: quer ele soubesse ou não, e quer ele gostasse ou não, meu irmão Sherlock estava-me dando abrigo, o que é a obrigação da família. Ele estava-me protegendo.



Ainda no frio do inverno, fevereiro de 1889



Pela manhã, o grande detetive subiu as escadas para seus aposentos. Seus passos inconfundíveis e pesados pela fadiga e pela frustração das horas perdidas à procura de uma borboleta negra, que por alguns momentos esteve ao alcance de suas mãos antes de desaparecer na noite, sumindo como um espírito. Mas sua irmã não era um espírito, para ir para o inferno com tudo, ela era apenas uma garota magra como uma vassoura, que não tinha asas e que não poderia ter realmente voado para longe da face de pedra de Londres. Para onde ela pode ter ido? Por que ele não conseguiu encontrá-la?

Com a cabeça e os ombros encolhidos, sentindo o peso de seu fracasso, ele entrou em seu quarto e fechou a porta.

Estranho. A sala de estar está aquecida, como se alguém tivesse mantido o fogo aceso por toda a noite. Mas não pode ser.

Mas era. Olhando para o fogo, ele viu que ainda havia chamas dançando animadamente, e se colocou repentinamente em alerta, pois quem... que intruso havia estado ali?

Mesmo que ele acendesse a luz para dar uma olhada ao redor, ele tinha uma forte suspeita, e mesmo antes das pro-vas ele sabia, e a humilhação seria aguda como se a lâmina de um punhal apunhalasse seu coração. Ele cerrou os punhos para que não precisasse amaldiçoar em voz alta. Na lareira, vê uma quantidade substancial de tecido preto queimado, um tecido que antes havia sido o “hábito de uma freira”, sem dúvida. Ele esperava dar pela falta de algumas roupas em seu suprimento de disfarces. Ah-sua-tão-esperta-irmã havia escapado depois de passar a noite se

escondendo em seu próprio quarto, o único lugar onde ele não pensou em procurá-la.

– A audácia dessa garota! – murmurou por entre os dentes cerrados. – A impudência, a afronta, a transparente, a mais completa ousadia dela!

Mas enquanto olhava para as evidências de que, mais uma vez, sua irmã havia sido mais esperta do que ele, suas mãos relaxaram ao mesmo tempo em que sua boca e seus lábios finos se transformaram em um sorriso, e ele começou a rir alegremente, quase como se estivesse feliz.

A seguinte mensagem apareceu nas colunas pessoais da *Gazeta Pall Mall* e de outros periódicos:

“Atenção meu crisântemo: a segunda letra da inocência, a terceira do carinho, a quarta e a segunda da energia, a terceira letra da juventude, a primeira e a segunda da inocência de novo, e a quarta da partida. E você? Sua Ivy.”

A remetente julga ser seguro usar este código – referindo-se muito simplesmente às flores begônia, rosa, hortênsia, primula e anêmona – porque na escrivaninha de seu amado adversário – seu irmão – ela viu um papel contendo anotações sobre charadas:

??? Amor verdadeiro
Pureza
Inocência
Pensamento
Partida
Fidelidade
EECPTI??

É surpreendente que o grande detetive não tenha quebrado esse código em particular, que para a garota parecia tão simples! E mesmo que ele tenha compreendido, será que começaria a caçar os ciganos, em vez de ficar perdendo tempo em Londres?

Então, ela enviou a mensagem, ESTOU BEM, porque adivinhou – ela espera que tenha adivinhado corretamente – o motivo de não ter recebido respostas de sua mãe.

O estabelecimento do dr. Ragostin, vidente científico, está fechado até segunda ordem, ou seja, até que o “dr. Ragostin” consiga decidir se é seguro continuar. Ela deseja que possa gastar seu tempo, agora livre, ajudando os necessitados moradores de rua do distrito leste, mas sabe quem estará olhando por ela lá, mesmo durante o dia. Consequentemente, até que seu rosto machucado não esteja curado e até que possa pensar no que fará em seguida, ela vai ficar em casa.

Ela não vê nada sobre a srta. Cecily nos jornais, o que quer dizer que o caso está encerrado. Sobre Alexander Finch, ela vê apenas algumas poucas linhas na página policial, informando sua prisão no caso de ataque com intenção de matar.

Mas as publicações não permanecem inteiramente destituídas de interesse. Dentro de alguns dias, uma marcante comunicação aparecerá nas “colunas agônicas” do Times, do *Morning Post*, do *Evening Standard* e, na verdade, de todos os jornais diários:

“Para E.H.: Por favor, seja racional. Total perdão prometido em nome da honra da família; nenhuma pergunta será feita. Por favor, entre em contato. S.H. & M.H.”

E não demorou para que o leitor pretendido escrevesse uma resposta e enviasse para o *Times*. Ela apareceu no dia seguinte:

“Para S.H. & M.H. De E.H. Se a obrigação de qualquer mulher decente consiste em tomar seu devido lugar na sociedade (marido, casa, aulas de canto e um piano na sala de estar), então esta mulher em particular prefere permanecer indecente. Falando mais acuradamente, sendo uma desgraça para sua família.”

Alguns dias depois, ela encontrou esta interessante mensagem nas colunas pessoais da *Gazeta Pall Mall*: “Epme are tnames euqiessam rarragaesed no ariedaperte ao nedadi ledif”.

A jovem destinatária decifrou a mensagem com muita facilidade, apenas lendo-a de trás para frente e ignorando o espaçamento

entre as “palavras”. A mensagem confirmava que sua adivinhação estava correta sobre o motivo de sua mãe não tê-la respondido antes. A mãe não viria, nem poderia vir ao seu resgate, nunca. Mesmo assim, ela seria incapaz de recusar tal pedido. Portanto, o silêncio foi a única resposta que a excêntrica senhora foi capaz de dar.

Até agora.

Sorrindo com tristeza, a leitora ouve nas palavras impressas a voz que um dia lhe disse, quando ainda era uma criança, basicamente a mesma coisa:

“Fidelidade não é trepadeira onde se agarrar, mas sei que se manterá em pé .”

Em outras palavras:

“Filha, eu sei que você irá se sair muito bem por conta própria.”

Estou bem?

Eu sou uma mentirosa. Eu não estou bem. Não mesmo.

Mas, decide a garota com o nome de solidão, que iria ficar.

Algum dia.

Porque ela iria se dedicar a isso.

INFORMAÇÕES SOBRE NOSSAS PUBLICAÇÕES E ÚLTIMOS LANÇAMENTOS

Cadastre-se no site:
www.novoseculo.com.br
e receba mensalmente nosso boletim eletrônico

